

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
MUSEU NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Em busca das *namoradas de fé*

Liane Maria Braga da Silveira

Rio de Janeiro

Janeiro 2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Em busca das *namoradas de fé*

Liane Maria Braga da Silveira

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de mestre em Antropologia Social.

Orientador: Professor Dr. Gilberto Cardoso Alves Velho

Rio de Janeiro

Janeiro 2007

Em busca das *namoradas de fé*

Liane Maria Braga da Silveira

Orientador: Gilberto Cardoso Alves Velho

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de mestre em Antropologia Social.

Aprovada por:

Presidente, Prof. Gilberto Cardoso Alves Velho (orientador)

Prof^a. Adriana de Resende Barreto Vianna (PPGAS/MN/UFRJ)

Prof^a. Andréa Moraes Alves (UFRJ/RJ)

Prof^a. Renata de Castro Menezes (PPGAS/MN/UFRJ - suplente)

Prof^a. Karina Kuschnir (IFCS/UFRJ – suplente)

Rio de Janeiro
Janeiro de 2007

Silveira, Liane Maria Braga da

Em busca das *namoradas de fé* / Liane Maria Braga da Silveira.
Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional – PPGAS, 2007.
xi, 161 p.

Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - UFRJ/Museu
Nacional – PPGAS, 2007.

Orientador: Gilberto Cardoso Alves Velho

1. Juventude 2. Gênero 3. Cidade 4. Violência
I. Velho, Gilberto Cardoso Alves II. Universidade Federal
do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-
Graduação em Antropologia Social. III. Título.

Resumo

Em busca das *namoradas de fé*

Liane Maria Braga da Silveira

Orientador: Gilberto Cardoso Alves Velho

Resumo da dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Esta dissertação tem como foco relações entre jovens de gêneros e classes sociais distintos, inscrevendo-se em uma área de estudos bastante representativa da antropologia urbana brasileira. Partindo de histórias de envolvimento emocional entre jovens de classe média e rapazes moradores de favela – traficantes ou não – divulgadas pela imprensa sob o rótulo “amor bandido”, realizei um trabalho de campo diversificado, que compreendeu a consulta aos arquivos do Conselho Tutelar da Zona Sul; a realização de entrevistas com jovens que vivenciaram tais experiências — e seus familiares, com estudantes do sexo feminino (de colégios públicos e privados) e idades variando entre 14 e 18 anos de idade e, por último, a análise das matérias jornalísticas sobre o tema em questão. Sendo assim, privilegiou-se a dimensão etnográfica, no intuito de se tentar compreender a lógica subjacente a estas histórias que narram diferentes representações da distância social. Por fim, tal trabalho acaba por configurar uma espécie de etnografia da etnografia, na qual procuro narrar o itinerário imposto pela busca das “namoradas de fé”.

Palavras-chave: Juventude, Gênero, Cidade, Violência.

Rio de Janeiro

Janeiro 2007

Abstract

In search of the *trusty girlfriends*

Liane Maria Braga da Silveira

Orientador: Gilberto Cardoso Alves Velho

Abstract written essay presented to the Post graduation Program in the National Museum's Social Anthropology, National Museum, of Federal University of Rio de Janeiro, as part of the requirements needed for attainment of a Master's degree in Social Anthropology.

This essay focuses the relationship among young people from different social classes and styles of life, reaching a field of study which greatly represents the Brazilian urban anthropology. Beginning with emotional involvement stories between middle class young women and young men living in slums, - dealers or not - made public and labeled by the press as "bandit love", I have accomplished a diversified field work, which included: research at the files of the South Area General Social Care Council, interviews with young people who lived this kind of experience (as well as with their families), interviews with female students (from public and private schools) aged from 14 to 18 years old, and, finally, an analysis of newspapers' articles regarding the matter at issue. In such case, the ethnographic dimension has been favored with the purpose of trying to understand the logic implied from these stories, which show different pictures of the difference between social classes. At last, this work ends by figuring out a kind of ethnography inside the ethnography, in which I try to outline the itinerary imposed by the search of the "trusty girlfriends".

Key-words: Youth, Gender , City, Violence.

Rio de Janeiro

January, 2007

À minha mãe Deidamia
In memorian

Ao meu pai Sylvio
In memorian

Ao Alberto

Agradecimentos

Ao meu querido Alberto, que os bons ventos trouxeram. Agradeço a sua cumplicidade, atenção e carinho com todos os momentos que eu vivi neste ano.

Agradeço ao meu orientador Gilberto Velho por suas observações, comentários e incansáveis leituras dos meus textos que fizeram-me não só acreditar no perfil antropológico do meu tema de estudo, mas também iniciaram-me na antropologia. Agradeço à sua orientação acadêmica, e não posso deixar de mencionar a sua generosidade e compreensão em um momento extremamente difícil e doloroso que vivi no decorrer do mestrado.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/Museu Nacional/UFRJ), especialmente Prof^a. Antonádia Borges, Prof. Federico Neiburg, Prof^a Adriana Rezende Vianna, Prof. Antônio Carlos de Souza Lima, Prof^a Aparecida Vilaça e Prof Luiz Fernando Dias Duarte. Professores essenciais na minha iniciação na Antropologia.

Agradeço aos meus amigos de sempre: Mauro, Regina, Mônica que acompanharam não só o meu feliz projeto de transição para a antropologia, mas também estiveram presentes nos momentos críticos da minha vida. À minha mais nova amiga de “sempre” Cris pelo apoio e conversas em “Canoas”.

À Mariana, minha querida afilhada em sua plena juventude.

Ao Guto, por sua presença nos momentos difíceis e dolorosos vividos este ano.

À D.Dalva pelo seu carinhoso acompanhamento da redação desta dissertação e por ter feito o Alberto existir.

Aos amigos Sérgio e Inês pela presença carinhosa durante o final da redação deste texto.

À Inês, agradeço o contato com uma jovem que eu entrevistei. Essa entrevistada foi muito importante para a melhor compreensão dos jovens em sua pluralidade.

À Anita, pelo seu carinho e amizade.

À Stella Jimenez, pelo seu apoio à minha nova trajetória e aos momentos mais difíceis vividos neste ano.

Às minhas novas amigas e amigos que compartilharam e participaram de diversas maneiras da minha passagem para a antropologia. Tati, André, Elvira, muito obrigada pelo companheirismo de vocês. Ao André, pela futura companhia aos bailes funk, e às suas sinceras observações sobre a minha inserção na antropologia. À Elvira pela sua amizade terna. À Letícia, seu jeito “mineiro” ajudou-me a descontrair nos momentos de redação. À meiga Fernanda com suas perguntas: “mas o que quer dizer isso?”

À Tati agradeço por sua disponibilidade e apoio incansável nas etapas finais desta dissertação.

À Júlia, pela cumplicidade e pelos agradáveis momentos que a leitura de sua dissertação me proporcionou.

À Mila Burns, pelos primeiros contatos com jornalistas que produziram as matérias jornalísticas sobre as “meninas”.

À jornalista Beatriz, por suas ricas informações e desdobramentos de seu contato junto a profissionais da polícia e familiares de “meninas”.

Agradeço à Fernanda, Patrícia, Tati e Júlia pela leitura e sugestões que fizeram para esta dissertação durante o curso de leitura ministrado pelo prof. Gilberto Velho.

Agradeço à equipe do Centro Latino Americano de Estudos da Violência em Saúde- CLAVES/ENSP - FIOCRUZ, pelo sincero incentivo e apoio à minha nova trajetória profissional. Em especial à Cecília Minayo, Simone Assis, Kathie Njaine, Patrícia Constantino, Edinilsa R. de Souza, Miriam Schenker, Queiti e Fernanda. À secretária do CLAVES, em especial à Lucimar e Marcelão. Ao Marcelo pelo apoio em informática.

À Christina, filha da Cecília Minayo, pelo contato com a diretora do colégio privado.

À Roberta pelo apoio nas etapas finais desta dissertação.

À Secretaria do PPGAS, em especial à Tânia por me ajudar a decifrar o SIGMA.

Às bibliotecárias do PPGAS, em especial Carla, sempre muito gentil e atenciosa. Carla compreende a nossa paixão pelos livros.

À Keyla B. Feldman Marzochi, por ter possibilitado e acreditado na minha nova trajetória profissional.

À Licia do Prado Valladares, pelo incentivo à minha transição para a antropologia e por suas discussões entusiásticas sobre o meu tema.

À Janine Pierret, pelo apoio e incentivo à minha escolha pela antropologia.

À Vanessa, por suas conversas animadas e pelo estímulo.

Às “meninas” que aceitaram dar entrevistas para esse estudo, e reuniram coragem para falar mais uma vez de suas experiências amorosas.

Aos familiares das meninas que concederam entrevistas, ultrapassando as dificuldades de falar no assunto que ainda era bastante doloroso. Ao pai da minha primeira entrevistada, espero que esse estudo – de alguma maneira - possa ajudar na melhor compreensão da experiência que ele viveu junto à sua filha.

Às jovens entrevistadas nos colégios público e privado.

Aos jornalistas do jornal *O Dia*, em especial Christine Lages pelo interesse compartilhado ao tema em estudo. Por enviar matérias impressas sobre o “Dossiê amor bandido”. Às nossas conversas em que trocamos as primeiras impressões sobre o tema e ainda, pelos desdobramentos proporcionados por esse contato.

Agradeço ainda aos jornalistas do jornal *O Dia* Mohamed, Bruno Menezes, Andréia Lopes. Ao fotógrafo Marcelo Holanda. E ao jornalista do jornal impresso *Extra*: Marcos Pernambuco

Às diretoras dos colégios em que as entrevistas foram realizadas: Nina e Hercília.

Aos conselheiros tutelares do Conselho Tutelar da Zona Sul. Aqueles da gestão passada Sheila e Maria Aparecida, e em especial os conselheiros da atual gestão: Priscila; Isadora; Sônia; Vânia; Sérgio. Ao pessoal administrativo: Celma e Izabel. Às conselheiras Priscila, Isadora e Sônia pela atenção constante e por ajudarem-me a conhecer melhor a dinâmica do conselho tutelar.

Finalmente, agradeço ao meu pai cuja curiosidade intelectual, de alguma maneira, esteve sempre presente nesta trajetória, e à minha mãe, que com sua “amazonice” buscava compreender o que é a antropologia.

SUMÁRIO

Apresentação	01
Capítulo 1 – As “meninas” pelas “meninas”	23
1.1 “Mulher é assim”	23
1.2 “Tenho amigos do morro”	48
1.3 As “meninas” nos arquivos do Conselho Tutelar	62
Capítulo 2 – Famílias	76
2.1 “Namorada do dono é rainha”	84
2-2 “Loura, branca, bonita: é chegada a um homem negro”	102
Capítulo 3 - “Vale a pena ser mulher”: o mundo das escolas	110
Considerações finais	142
Referências bibliográficas	151
Anexo - Mapa	161

Apresentação

Se você é uma *namorada de fé*, é porque seus pais impõem regras — sobretudo com relação à hora de se voltar para casa. É basicamente por conta desta restrição que seu namorado – morador da favela ou traficante – a define como *namorada de fé*. Como você tem hora para chegar em casa, ele vai te encontrar antes daquelas que não são de fé. Às vezes, estas últimas chegam ao local do encontro depois *das namoradas de fé* e esperam o momento de compartilhar o namorado. Todas sabem de todas.

...

A etnografia

As histórias de envolvimento entre “meninas” de classe média e “rapazes” – traficantes ou não - das favelas foram espalhadas e tornadas públicas, em 2005, nas inúmeras notícias que pululavam nos jornais locais, com o sugestivo título “*Amor bandido*”. Tais matérias jornalísticas que divulgavam os casos recorrentes de “meninas” de classe média, ou classe média alta, moradoras da Zona Sul do Rio de Janeiro que, uma vez iniciadas nos bailes *funk*, se envolviam emocionalmente com “rapazes” moradores das favelas (e promotores de tais bailes) somavam-se a meu conhecimento prévio de jovens que, dez anos antes, haviam vivenciado uma experiência semelhante.

Alguns casos culminavam na estada dessas jovens, por um curto período,¹ na(s) favela(s). Em algumas notícias, chegava-se a mencionar o envolvimento dos jovens com o

¹ É difícil precisar o que constitui um “curto período” para as pessoas investigadas. Fundamento-me nas entrevistas com os familiares das jovens, nas informações colhidas nas reportagens publicadas na mídia e nos arquivos do conselho tutelar — que indicam um período de 3 a 7 dias de permanência destas jovens nas favelas.

tráfico de drogas, mas nem sempre ficava claro se tal envolvimento era, de fato, procedente². No entanto, as recorrentes notícias sobre “casos” deste tipo assumiam, aparentemente, matizes diferentes daquelas presentes em histórias que eu conhecera fora do circuito de divulgação mais amplo. Neste caso, as jovens eram originárias da minha própria rede de relações e, apesar da aparência que ostentavam, seus relatos surpreendiam e suscitavam indagações sobre o que estaria por trás dessas histórias que nos trazem diferentes representações da distância social.

Parto da premissa que os termos que surgirão ao longo desse estudo — já presentes nos parágrafos anteriores — constituem um vasto leque de categorias de classificação social e são fundamentais para a melhor compreensão do fenômeno aqui investigado. Como afirma Crapanzano, “a classificação é um pré-requisito para toda interpretação e - o que é de maior importância - suas categorias são usadas retoricamente, e não apenas semanticamente, em qualquer interpretação” (2002:443). Deste modo, “meninas”, “jovens”, “garotas”, “adolescentes”, “tchutchucas”, “patricinhas”, “rapazes”, “bandidos”, “traficantes”, “namoradas de fé” são termos acionados em diferentes contextos e discursos, organizando modos distintos de identificação.

A categoria “namorada de fé” mencionada pelas entrevistadas Paola e Cláudia – que serão apresentadas mais adiante, no capítulo 1 – refere-se a uma jovem de classe média, moradora da Zona Sul do Rio de Janeiro que, em virtude de ter hora marcada para chegar à casa de seus pais, teria prioridade no “encontro” com o traficante. Este último é quem

² Entendo por “envolvimento”, a atuação em alguma das atividades ligadas ao tráfico de drogas. A seguir, reproduzo as diversas funções enumeradas por Luiz Eduardo Soares, a saber: “o aviãozinho, o vapor, o falcão, o gerente, e o mais poderoso (...) o chefe” (2006:130).

utiliza o termo “namorada de fé”. As demais jovens de classe média, moradoras da Zona Sul, que também “ficavam” com os traficantes, referiam-se a si próprias como “meninas”.

Por outro lado, a letra de uma música *funk* denomina “namorada de fé” — ou “mina de fé” — aquela que é casada com o traficante, sugerindo que ela mora na favela e se opõe àquela outra namorada, denominada “Lanchinho da madrugada”.³

Na descrição das entrevistadas, elas se auto-definem como “meninas” ou “garotas”. O mesmo acontece nas conversas informais, nas quais os comentários ou exemplos a partir de histórias contadas por amigos, parentes ou vizinhos narram o envolvimento emocional de uma “menina” ou “garota” com um “bandido” ou “traficante”.

Na mídia, por sua vez, é mais freqüente a utilização do termo “menina”, mas também figuram com bastante regularidade as categorias “jovem” e “adolescente”. Há também matérias jornalísticas que utilizam a palavra “menor” acrescida da idade, para assim confirmar a veracidade do termo; ou ainda, a combinação da palavra “menina” com a faixa etária correspondente — presente num enunciado que adverte: “com apenas 14 anos, meninas da Zona Sul começaram a se relacionar com bandidos”. Por vezes, o enunciado anterior é contrastado à maioria do rapaz e, nesses casos, a informação que se segue é a de que: “ele foi autuado por corrupção de menores, que prevê pena de 1 a 4 anos.” De todo modo, o termo “menina” é revelador de sua vulnerabilidade, sendo utilizado ora pela mídia, ora pelos pais; ora pela sociedade; ora pelas instâncias jurídicas.

A plasticidade dessas categorias é marcante ao analisarmos os diferentes sentidos em jogo, em função dos diversos contextos discursivos. A exemplo dos termos “negro”, “branco”, “preto”, “moreno”, com relação aos quais Maggie e Rezende afirmam uma

³ Composição do “Bonde dos Magrinhos”, apresentada na nota 80, capítulo 3.

manipulação não fortuita, assinalando que “há certas regras de classificação que deixam entrever um complexo jogo de relações” (2002:15), defendendo a mesma assertiva para o sistema classificatório aqui elencado.

O pai da jovem que fugiu na noite de Natal de 2005 para encontrar o seu namorado no Morro do Fubá (Madureira – Zona Norte) descreve - na entrevista por mim realizada - uma “menina” ingênua e ainda acrescenta: “ela só tem tamanho”. De um lado, algumas falas remetem expressamente ao fato de que são apenas “meninas” e, no entanto, “mal acabaram de sair da infância e já se lançam às aventuras amorosas”. A imprensa, por sua vez, marca um suposto contraste na sentença que enuncia “menina de 15 anos, funkeira...”. Haveria ainda, em outras falas, a expressão de dúvidas quanto à suposta “meninice” e conjecturas do tipo: “não devem ser meninas; e sim, mulheres!”.

Os termos usados para o gênero masculino assinalam, por sua vez, o aspecto da maioridade, sendo revelados os nomes, as fotos e idades, que podem ser acionados como categorias acusatórias. Sendo assim, costuma-se afirmar o envolvimento emocional da jovem com um “rapaz”, “traficante”, “bandido”, ou ainda, com “rapaz suspeito de envolvimento com o tráfico”. Contudo, os discursos que afirmam — ou não — a condição de “traficante” apresentam contradições. Pretendo complexificar essa idéia mais adiante, mas antecipo a hipótese de uma certa tendência da mídia a nos apresentar tais jovens como “traficantes”, enquanto as “meninas” tenderiam a apresentá-los como “namorados”.

À maioridade dos jovens segue a acusação de “aliciamento de menores para o tráfico ou prostituição” e autuação por “corrupção de menores”. Ainda baseada no exemplo acima referido, a jovem supostamente “corrompida” afirma não ter sido obrigada a nada. E

completa: “sou louca pelo meu namorado e farei de tudo para encontrá-lo de novo”.⁴ Mais adiante, apresentarei trechos da entrevista realizada com o pai dessa jovem, na qual ele desenvolve o argumento de que, em sua percepção, o “aliciamento” estaria revestido de sedução. De todo modo, observa-se que as categorias classificatórias utilizadas para os jovens, sobretudo do sexo masculino, são enredadas numa complexa trama constituída por variáveis relacionadas à cor, à idade e à classe social.

No Conselho Tutelar, o discurso descritivo utiliza-se, sobretudo, dos termos “jovens” e “adolescentes”, em conformidade com os preceitos do ECA.⁵ Trata-se de um formulário no qual ficará formalmente registrado o relato do atendimento feito pelo conselheiro.

A palavra “adolescente” também é freqüentemente empregada pela imprensa. Sua escolha pode ser em parte explicada pela remissão ao significado que lhe foi tradicionalmente atrelado: a noção de rebeldia. Derivação dessa mesma idéia está presente na designação “paixão juvenil”, atributo de uma insensatez que seria própria à adolescência.

Dentre os termos aqui listados, é provável que “menina” e “garota” sejam os mais ambíguos e, portanto, os mais manipuláveis. Tal manipulação depende, fortemente, do referencial de enunciação, e, com base nas idéias desenvolvidas por Crapanzano, sugiro que os termos devem ser acionados ora em sua dimensão semântico-referencial, ora em sua dimensão pragmática.⁶

⁴ *O Globo*, 27/12/2005, p.17.

⁵ Estatuto da Criança e do Adolescente.

⁶ No texto *Estilos de interpretação e a retórica de categorias sociais*, Crapanzano assinala a importância da classificação para a interpretação e do uso – retórico e semântico - de suas categorias, em qualquer interpretação. O autor compreende que “qualquer sistema de classificação tem pelo menos duas dimensões

Mas ainda há outro termo que surge — com bastante frequência — numa fase posterior ao início das divulgações pela imprensa relativas ao tema em questão: a categoria “patricinha”. Categoria, esta, igualmente ambígua. Seus diferentes significados vinculam-se claramente aos contextos de enunciação: àquele que enunciou e àquele para quem o enunciado foi emitido. Dependendo da variável que esteja em primeiro plano, ora pode figurar como categoria acusatória; ora como categoria de distinção.

Pereira (2003) afirma que o termo surge vinculado à imagem de Patrícia Leal – socialite em evidência nos anos 1990 — que encarnaria o ideal da “boa moça”, nos termos de Zózimo Barroso do Amaral⁷. A coluna de Zózimo no Jornal do Brasil, lhe conferia os atributos “bonita”, “divertida”, “elegantíssima”, além de afirmar seu “gosto pelo dinheiro” e seu “culto ao corpo”. A partir daí, teria sido cunhado o termo “patricinha”, associado “às boas moças muito preocupadas com a aparência”.⁸ Neste mesmo trabalho, a autora também nos chama a atenção para as transformações no uso do termo ocorridas ao longo desses anos. As “boas moças” em contraste com as jovens que, além de não se identificarem com o termo, o abominavam, desencadeou um “sistema de acusação” (Pereira, 2003:67).

Mesmo num curto intervalo de tempo, já é possível perceber as mudanças no uso da categoria “patricinha”. Uma nítida transição, marcada em algumas matérias jornalísticas,

importantes. A primeira, chamo de (...) semântico-referencial. (...) a segunda dimensão de um sistema classificatório, que quero debater, é mais sutil – mais difícil de determinar com precisão. Refiro-me à sua dimensão pragmática: à maneira como as categorias de classificação suscitam, proclamam e até criam seu contexto de relevância, incluindo o próprio sistema classificatório” (2002:444).

⁷ Colunista social brasileiro.

⁸ Em sua dissertação de mestrado, “Patricinhas da Zona Sul: adolescência nas camadas médias cariocas”, Pereira debruça-se sobre os aspectos envolvidos no termo “patricinhas” e nos apresenta as transformações ocorridas em sua conotação (2003:64;65).

está na associação entre o termo “patricinha” e “matuta” ou “mula”, evidenciando o envolvimento das jovens num dos elos do tráfico de drogas.⁹

Mais adiante, procuro desenvolver as diferentes acepções assumidas por esse termo. Por ora, nesta apresentação, apenas adianto — no exemplo que segue — a ênfase da mídia na representação da distância social. “Tchutchuca” é o termo que se contrapõe à “patricinha”. “Patricinha” é do “asfalto”, “tchutchuca” é do “morro”. Destacar o pertencimento geográfico, demarca a situação social e todas as características que gravitam em torno dos constituintes de cada categoria. Não estou afirmando, com isso, a contribuição isolada e exclusiva da mídia. De fato, trata-se de uma elaboração bastante imbricada, as maneiras pelas quais esses termos são acionados ora pelas “meninas”, ora pelos “rapazes”, ora pela mídia, sendo, portanto, objeto de uma análise minuciosa realizada ao longo deste estudo.

A palavra “jovem” denota uma posição neutra. Será, portanto, o termo que utilizarei ao longo da dissertação, assinalando que, ao recorrer às diversas categorias mencionadas, discriminarei seus autores.

Pensando na subjacência das categorias acima comentadas, passo agora ao tema do segredo. O segredo é um elemento de interseção das histórias que eu já conhecia anteriormente e daquelas divulgadas pela mídia. Está presente em diferentes dimensões dessas relações e nos demonstra uma tensão constitutiva das experiências aqui estudadas. Desenvolvo essas idéias com base na discussão de Simmel sobre o segredo e seu

⁹ Conforme a matéria “Atacadista: loura abastecia tráfico no Rio” divulgada no jornal *O Globo*, “matuta” é uma “grande fornecedora de drogas de uma facção criminosa” e “mula” é a “responsável pelo transporte de drogas”.(Caderno Rio, 10/10/2006, p.20).

“significado para a estrutura das reciprocidades humanas”.¹⁰ As jovens que viveram histórias deste tipo, em 1995, mantinham segredo para os seus pais com relação à frequência a bailes *funk* e ao namoro com os jovens envolvidos com o tráfico. O segredo assegurava a possibilidade de vivenciar um segundo mundo, paralelo ao mundo óbvio; ao cotidiano (Simmel, 1906:462). As amigas dessas jovens, por sua vez, pertenciam à mesma rede de sociabilidade e mantinham, entre si, uma “confidência recíproca”.

Os contrastes entre os casos mantidos em âmbito privado e aqueles divulgados pela mídia com a designação “Amor bandido” nos trazem à luz a hipótese defendida nesse estudo. Trata-se de um fenômeno antropológico de mídia. É ela que acusa e expõe a tensão presente nos jogos entre esses dois interesses contrastantes: o ocultamento e a revelação.¹¹ O acesso aos fatos pela “opinião pública”, inevitavelmente, suscita reações. As histórias publicizadas tornam-se alvos de acusação e estigmatização. Reporto-me à etnografia realizada por Malinowski na Melanésia, na qual o autor relata o suicídio do “garoto” que transgrediu as regras de exogamia. A análise segue nas palavras deste autor:

depois de sondar a questão com maior profundidade e reunir informações concretas, verifiquei que a quebra de exogamia – no que diz respeito a relações sexuais e não a casamentos – não é de modo algum ocorrência rara e que a opinião pública é condescendente, decididamente hipócrita. Se o caso é mantido às escondidas, guardando certo decoro, e se ninguém cria problema, a “opinião pública” bisbilhotará, mas não exigirá nenhum castigo rigoroso. Se, ao contrário, irrompe um escândalo, todos se voltam contra o casal culpado e, pelo ostracismo ou pelos insultos, um ou outro poderá ser levado ao suicídio (Malinowski, 2003:64).

¹⁰ Refiro-me ao texto “The sociology of secrecy and of secret societies”, no qual Simmel parte da premissa de que “all relationships of people to each other rest (...) upon the precondition that they know something about each other” (1906:441). Este autor aborda o segredo e a sua outra face – a revelação – em diversas modalidades de relações interpessoais e em sociedades secretas, nas quais assinala a confidência recíproca de seus membros. Para Simmel, “secrecy is a universal sociological form, which, as such, has nothing to do with the moral valuations of its contents”(1906:463).

¹¹ Simmel discute os sentimentos ambíguos que o segredo desperta nos homens e afirma que “all these factors, which determine the sociological role of secrecy, are of individualistic nature, but the ratio in which the qualities and the complications of personalities form secrets depends at the same time upon the ratio in which the qualities and the complications of personalities form secrets, depends at the same time upon the social structure upon which its life rests”(1906:466).

A partir daqui, passarei a relatar a trajetória que me levou a considerar este tema como objeto de estudo no mestrado. Cursava as primeiras disciplinas para o mestrado em antropologia social e vivenciava os meus primeiros contatos – formais – nesta área.

A reflexão acerca dos temas capazes de despertar meu interesse para o desenvolvimento da dissertação, e o conhecimento de jovens que tinham vivenciado experiências deste tipo levaram-me ao arquivamento de matérias jornalísticas sobre o assunto. De fato, intrigava-me desconhecer histórias de um contexto que me era tão “familiar”. Reporto-me, aqui, às reflexões de Gilberto Velho presentes em “Observando o familiar”. Para este autor, o fato de “dispormos de um mapa que nos familiariza com os cenários e situações sociais do nosso cotidiano, dando nome, lugar e posição aos indivíduos (...) não significa que conhecemos o ponto de vista e a visão de mundo dos diferentes atores em uma situação social, nem as regras que estão por detrás dessas interações, dando continuidade ao sistema”. “Estranhar o familiar”, nos termos deste mesmo autor, pareceu-me algo inextricavelmente ligado ao fazer antropológico (2004c [1987]:127;131). Ainda que mantivesse dúvidas a respeito do campo disciplinar que melhor abordaria o tema em questão — área psi ou antropologia — a incipiente intenção acabou ganhando corpo, a partir do comentário do Prof. Gilberto Velho¹² que, durante uma aula da disciplina Antropologia das Sociedades Complexas, afirmou considerar um tema profícuo à análise antropológica, o caso das “meninas” amplamente noticiado naquele momento.

De todo modo, pairava uma tensão constante acerca da filiação epistemológica do tema aqui abordado, nos vários fóruns¹³ em que sua discussão se dava — em muitos dos

¹² Orientador desta dissertação de mestrado.

¹³ Refiro-me às discussões acadêmicas e também a conversas informais.

quais costumava-se reiterar seu pertencimento ao universo psi.¹⁴ Ademais, temia não possuir a maturidade antropológica que o tema exigia, reapresentando minhas incertezas a meu orientador em vários dos encontros de orientação que mantivemos, às quais ele respondia assegurando-me tratar-se de um tema de interesse antropológico.

Esta dissertação inscreve-se, portanto, no conjunto de temáticas estudadas pela antropologia urbana, procurando perseguir a flexibilidade recomendada por Gilberto Velho para a “compreensão das sociedades complexas, particularmente nas grandes metrópoles”. De fato, desde o início, o tema em questão resistia às “tentativas fixistas de construção dos mapas socioculturais” (2003:25). Vários aspectos compõem as experiências que serão descritas e confirmam a “existência e a percepção de diferentes visões de mundo e estilos de vida” como uma importante característica da sociedade moderno-contemporâneo, como apontado por G. Velho (2003:97). Alguns dentre eles, no entanto, tiveram maior destaque, como as relações entre gêneros, as representações da distância social e as noções de desvio presentes nos discursos acusatórios. Questões trazidas pelo “momento sociológico” que a mídia proporcionava, que nos levavam a indagar por que, afinal, essas experiências eram valorizadas. Ou, em outras palavras: o que é valorizado pela mídia e quais seus efeitos na sociedade?

A mídia em primeiro plano e seus principais atores - os jornalistas - tornariam-se “informantes” privilegiados desta pesquisa. E, aqui, devo esclarecer que não atribuo um caráter utilitarista a essa relação. Muito ao contrário. Consolidada ao longo do trabalho de

¹⁴ Mais adiante, retomarei essa discussão, fundamentando-me nas reflexões de Gilberto Velho, desenvolvidas no texto “O estudo do comportamento desviante: a contribuição da antropologia social” (2003 [1974]). A esse respeito, ver também Spillius, 2005.

campo, tal relação fundamentou-se em trocas recíprocas de impressões antropológicas e jornalísticas.

Essas mesmas histórias também inspiraram filmes e crônicas. Em “Terror e Êxtase”, escrito nos anos 1970, o cronista José Carlos Oliveira adverte que a “narrativa foi escrita para assustar e comover Maria Duhá”. A crônica nos apresenta Heleninha – cocotinha¹⁵ de Ipanema, 17 anos, que se encanta pelo conhecido 1001, ladrão e assassino, oriundo da Baixada Fluminense. Tal narrativa ilustra exemplarmente as histórias atualmente publicizadas. No texto em questão, o bandido explica que “por causa dessa banguela dupla no meio de dois dentes, fiquei sendo o 1001. Todo mundo me conhece assim.” Heleninha considera o comentário esplêndido e, à fala anterior, acrescenta: “gênio! que saque mais visual!” (2005 [1976]:13).

Subjacente ao fenômeno antropológico de mídia, o envolvimento emocional das jovens pelos supostos traficantes — mantido no anonimato, ou divulgado pela imprensa — constitui um verdadeiro “drama social”. Tal conceito, desenvolvido por Turner, pressupõe no conflito, a revelação proeminente de aspectos fundamentais da sociedade, em geral obscurecidos por “costumes e hábitos cotidianos”.¹⁶

As noções de “projeto” e “memória” são fundamentais para a melhor compreensão das trajetórias biográficas dessas jovens. Gilberto Velho desenvolveu tais conceitos, correlacionando-as com a “noção de biografia” presente nas sociedades com ideologias

¹⁵ Conjectura-se uma possível analogia entre a *cocotinha* dos anos 70 e a *patricinha* da atualidade.

¹⁶ Para Turner, os *dramas sociais* são unidades do processo desarmônico, levando a situações de conflito. O autor desenvolve o conceito em quatro fases, chamando a atenção para aquela denominada *ação compensatória*, que procura evitar a *difusão da crise* (1985:41).

individualistas.¹⁷ Considero tais idéias estruturantes das experiências que abordarei nesse estudo. A “memória” oferece elementos às biografias dessas “meninas”, fortalecendo a reatualização de seus “projetos”. Tal processo não acontece de modo linear, tal como, por vezes, pode nos fazer supor a narrativa. Gilberto Velho chama a atenção para esse aspecto, assinalando que não se está falando de um “indivíduo-sujeito cognitivo racional, capaz de armar estratégias e fazer cálculos, organizando seus dados e atuando cerebralmente” (2003:101).

A reconstituição das narrativas oriundas de entrevistas, jornais e de ocorrências policiais evidencia, claramente, as diversas direções percorridas numa trajetória biográfica, que é operada no interior de um “campo de possibilidades” compatível à vida do indivíduo, em diálogo constante com suas “âncoras identitárias” (2003:103;129).

Uma discussão subjacente à negociação entre “memória” e “projeto”, gravita em torno das idéias de “mudança” e “permanência”. A noção de “metamorfose” como desenvolvida por Gilberto Velho contempla o espaço da “mudança” e da “permanência” na reconstrução das identidades.¹⁸ Lembro-me de um trecho de uma entrevista, no qual o pai da jovem que havia se apaixonado por um traficante do Morro do Fubá (Madureira – Zona Norte) lamentava o fato de, após essa experiência, sua filha não ser mais a mesma pessoa. Certamente, está presente a angústia relativa ao fato da mudança ter advindo de uma experiência traumática, na qual a jovem e seus familiares, muitas vezes, chegaram a correr risco de vida. Para além disso, no entanto, há uma ambigüidade sociológica subliminar na

¹⁷ G. Velho, inspirado na fenomenologia de Alfred Schutz, desenvolve essas idéias em vários de seus trabalhos. Refiro-me, aqui, sobretudo, ao texto *Memória, Identidade e Projeto* (2003).

¹⁸ Esta é uma idéia importante que será retomada ao longo da dissertação. Mas desde já adianto a síntese elaborada por G.Velho, segundo a qual: “A *metamorfose* de que falo possibilita, através do acionamento de códigos, associados a contextos e domínios específicos – portanto, a universos simbólicos diferenciados – que os indivíduos estejam sendo permanentemente reconstruídos” (2003:29).

própria idéia de que as jovens fazem parte de uma família e devem ser preparadas para a vida adulta, para o mundo.

Tais jovens transitam por diferentes “províncias de significados” e nos revelam mudanças nos padrões de sociabilidade das camadas médias, evidenciando um maior convívio com camadas populares. Refiro-me, aqui, tanto às jovens que viveram essas experiências há dez anos atrás, como àquelas que as vivenciaram nos últimos dois anos. As entrevistadas equipararam a frequência aos bares da Gávea a bailes *funk* nas comunidades. Contudo, elas estranharam o fato de que outras “meninas” permanecessem nas favelas, ainda que por um curto período de tempo. O baile *funk* configurava um local de encontro socialmente aprovado por estas jovens.

Tal forma de sociabilidade – os bailes *funk* — compartilhada entre diferentes segmentos jovens de classe média, é divulgada pela imprensa como uma situação “poluída”, nos termos de Mary Douglas.¹⁹ Para esta autora, as noções de poluição são enfatizadas pelas pessoas, na tentativa de influenciar o comportamento das outras, assemelhando-se aos “empreendedores morais” de Becker (1973).

A busca de equilíbrio, tal como preconizado por Turner para uma das fases do “drama social”, nos remete ao que Douglas compreende por “esforço da higiene”, a partir do qual revela-se “muito da nossa visão de mundo e da forma criativa com a qual organizamos nossa realidade” (Douglas, 1976:12).

Além dos bailes *funk*, as jovens de hoje nos trazem a sociabilidade da praia como uma expressão clara do trânsito entre diferentes camadas sociais. Refiro-me, aqui,

¹⁹ A autora afirma que “as idéias de poluição se expressam na afirmação e na auto-afirmação de uma reivindicação de status e, portanto, são simbólicas e relacionadas com a vida social” (1976:14).

especificamente àquelas protagonistas das histórias vivenciadas nos dois últimos anos. A mídia, por sua vez, procura marcar as representações de distância social, assinalando tratarem-se de relações entre “meninas” da Zona Sul, de classe média, e “rapazes” da favela, suspeitos de envolvimento com o tráfico.

Essa discussão nos remete às dificuldades presentes nas tentativas de definir a categoria “classe média”, o que, como veremos a seguir, acaba por estabelecer uma forte cumplicidade com o uso de categorias acusatórias. O que, afinal, é ser de classe média? Esta pergunta — para a qual encontrei mais contornos do que definições precisas — percorre todo esse estudo. Indaguei um jornalista a respeito da classificação das jovens cujas histórias eram divulgadas — com a afirmação de que elas pertenciam à classe média. Perscrutei das falas dos pais, indícios de sua auto-definição enquanto pertencentes à classe média. As jovens investigadas assinalavam o pertencimento a esta camada social, enfatizando, no entanto, não verem diferença entre a posição por elas ocupadas e aquela das camadas populares.

Trata-se, portanto, de uma definição que escapa às classificações rígidas, questão que abordarei com mais atenção no decorrer desse estudo. Aqui, porém, já assinalo as referências às quais recorrerei para melhor fundamentar minha discussão. Recorro aos trabalhos de Gilberto Velho que desenvolveu um campo diversificado de pesquisas em torno das camadas médias brasileiras. Em “Nobres e Anjos”, o autor já assinalava que a busca precisa da posição do grupo investigado num sistema de estratificação social correria o risco de transformar-se numa “discussão infundável”. Sendo assim, o autor considerou o fato de que as pessoas pertencentes ao grupo pesquisado estavam num momento de ascensão ou de “manutenção de posição, nunca de descenso” (1998:66). Em outro trabalho,

o mesmo autor comenta a fluidez inerente às camadas médias e acrescenta que a diversificação de variáveis constituintes das trajetórias biográficas acaba por inviabilizar a demarcação que indicaria uma típica “cultura de classe média” (2003:67).

Outro aspecto presente nos atuais padrões de sociabilidade, aos quais me referi há pouco, diz respeito aos novos – ou antigos – tipos de masculinidade hegemônica. Trata-se de uma dimensão constitutiva das discussões em torno das relações entre gêneros que pretendo aprofundar ao longo desse estudo. Gilberto Freyre será, sem dúvida, uma referência para o exame dos detalhes empíricos que apontam para a construção de tipos de masculinidade (2003 [1936]).

Lado a lado aos processos de constituição de tipos de masculinidade, estão os temas do amor e da sexualidade. A princípio, o amor é o motivo pelo qual as “adolescentes” se lançam às experiências ora em questão. Embora seja uma conclusão um tanto prematura, pude observar que o amor se imiscui nos depoimentos das entrevistas, bem como nos discursos midiáticos. A sexualidade assume o primeiro plano, em função da ênfase dada aos bailes *funk* e à indumentária apropriada aos bailes nos quais “tchutchucas”, “cachorras” – preparadas ou não – e “patricinhas” disputam os “rapazes”, “negros”, supostos “traficantes”, e armados.²⁰

Considero importante analisar esses aspectos como “estratégias de maximização da vida e otimização do corpo”, ou seja, pensar os bailes e a música *funk* como estando inseridos na “valorização das novas experiências sensoriais”. Essas idéias são trabalhadas por Duarte, no texto em que aborda a temática da sexualidade. Este autor compreende “a

²⁰ Mais adiante, discutirei esses termos com suas ambigüidades e contornos imprecisos. Também a discussão em torno do superdimensionamento no qual a mídia acaba incorrendo em matérias que descrevem “a garota de Zona Sul – moradora de Copacabana — com um homem negro, morador da favela, e traficante”. A atração de *patricinhas* por homens com armas é freqüentemente enunciada.

relação entre o dispositivo de sensibilidade e o dispositivo de sexualidade como um fenômeno cultural complexo, um movimento histórico de longa duração que jaz no âmago da dinâmica da cultura ocidental moderna”.²¹

O período exíguo destinado ao desenvolvimento do estudo que ora apresento não me possibilitou a realização de trabalho de campo em bailes *funk*. Acredito que teria sido profícuo, não somente com relação às idéias há pouco comentadas, como também para a observação das “técnicas corporais”²² e da “apresentação do self”²³ constituintes do universo das “patricinhas” — como percebidas pelo “traficante” — ou daquele dos “traficantes” — como identificados pelas “patricinhas”. Nessa primeira parte, busquei elencar os principais elementos da etnografia, vista como um processo interpretativo.

A etnografia da etnografia

As primeiras aproximações exploratórias do tema foram realizadas por meio de entrevistas com duas jovens que compartilharam as experiências aqui analisadas, em 1995/1996. A partir dessas entrevistas, busquei desenvolver o meu trabalho de campo com etapas que me levassem à compreensão da lógica subjacente a essas experiências. O atrelamento desse objetivo ao trabalho de campo, em busca das “namoradas de fé”, impôs um itinerário à pesquisa. A etnografia da etnografia é a narrativa desse itinerário contada ao longo da dissertação. Nessa apresentação, apenas sintetizo os indicadores que marcaram os diferentes momentos da investigação.

²¹ Os principais eixos analíticos desenvolvidos por Duarte correlacionam a proposta de Foucault sobre a sexualidade e a de Collin Campbell sobre a ética romântica. O autor destaca três aspectos presentes “na construção ideológica e institucional desse dispositivo [o de sexualidade em contraposição ao de aliança], e que ainda continuam hoje “sob as figuras contemporâneas da sexualidade: a perfectibilidade, a experiência e o fisicalismo” (Duarte, 1999:24).

²² Ver Mauss, 2003a

²³ Goffman, 1975.

O capítulo “As ‘**meninas**’ pelas ‘**meninas**’”, tal como mencionado acima, é composto pelas primeiras entrevistas, constituindo o primeiro momento da investigação — e será apresentado logo a seguir. Neste capítulo inicial, apresento os resultados das duas primeiras entrevistas realizadas com as jovens que se envolveram emocionalmente com outros jovens, moradores das favelas onde elas freqüentavam os bailes *funk*. A categoria “namoradas de fé” também surge nessas entrevistas. Mais adiante, apresentarei os trechos correspondentes. Nesse momento inicial da pesquisa, ainda não havia definido o meu objeto de estudo e realizava um trabalho final para a disciplina Antropologia das Sociedades Complexas, ministrada pelo Prof. Gilberto Velho. As jovens entrevistadas pertenciam à minha própria rede social. Nesse capítulo, confiro destaque à narrativa dessas jovens, que descrevem um momento de suas biografias, procurando, ainda, contrastar tais relatos com o discurso produzido pela mídia.

O contato inicial deu-se com o pai de uma das jovens, após o qual obtive uma entrevista conjunta. Reitero que elas já não são mais “meninas” — modo como, ao longo da entrevista, denominavam as amigas comuns que haviam vivenciado uma experiência parecida. São mulheres jovens cujas experiências — que narro no capítulo a seguir — deram-se nos anos de 1995/1996.

Na realidade, creio poder sintetizar esse momento como uma entrevista-releitura de fragmentos biográficos que assumia um movimento oscilante entre “projeto” e “memória”. Por vezes, elas discutiam entre si e, por alguns momentos, eu me tornava um “terceiro”: apesar de fisicamente presente, podia ser totalmente ignorada.²⁴ Mas foi justamente nesses

²⁴ Refiro-me à função de Lhacen nas entrevistas entre Tuhami e Crapanzano. Sobre Lhacen, Crapanzano afirma que “Had he not been there, our relationship would have been awkward. Present, he could be ignored and was ignored” (1985:149).

momentos — em que elas se isolavam num diálogo mútuo — que eu pude perceber os primeiros indícios de um tema com relação ao qual não havia consenso. À pergunta de uma das entrevistadas: “Mas eles eram bandidos, mesmo?”, seguia a confirmação enfática da amiga: “Lógico que eram bandidos. Bandidos como qualquer bandido: mata, rouba...”

Se, por um lado, o passado era vasculhado à procura de respostas apaziguadoras, por outro, eu notava a aproximação e a interface das entrevistadas com situações de risco. Não fôra o fato de tratarem-se de histórias do passado, certamente teria vivenciado um nível de tensão muito mais intenso. Mas a partir daí, comecei a atentar para as repercussões da minha exposição como pesquisadora a situações inusitadas.

Esse primeiro momento me oferecia os primeiros dados do estudo que eram, imediatamente, reunidos às impressões e sentimentos que havia absorvido dos primeiros contatos com a história e com o pai de uma das entrevistadas.

À medida que acumulava histórias das primeiras famílias, me vi transmitindo, às famílias subseqüentes, as maneiras encontradas para lidar com as situações que se apresentavam. Tais iniciativas, por sua vez, suscitavam a discussão em torno da função do antropólogo e as linhas tênues entre a “observação participante” e a “participante observação”.²⁵ Qual deveria ser essa medida? Na verdade, o que está em questão é a prática etnográfica e como traduzir a experiência etnográfica para a forma textual (Clifford, 2002:21).

Continuando a busca pelas “namoradas de fé”, descrevo, ainda no capítulo 1, o trabalho de campo realizado no Conselho Tutelar da Zona Sul. As matérias jornalísticas anunciavam que o Conselho Tutelar da Zona Sul – doravante CT – acompanhava “1000

²⁵ Reporto-me, sobretudo, à etnografia de um ginásio de boxe realizada por Loïc Wacquant, 2002.

casos de meninas de classe média envolvidas com traficantes”. A fim de conhecer essa instituição e de conferir as informações divulgadas pela imprensa, realizei a primeira visita ao local. Sendo assim, o trabalho no CT dividiu-se em dois momentos. O primeiro – junho 2005 - compreende uma única visita, que considero exploratória. O segundo - setembro de 2005 a setembro de 2006 - compreendeu um período mais longo, durante o qual eu buscava esclarecer com maior precisão as experiências anunciadas pela mídia. Ainda neste capítulo narro as dificuldades encontradas para acessar os arquivos do CT e apresento os dados que constituem os “casos das meninas” e das famílias que buscaram ajuda dos conselheiros. As jovens eram “acompanhadas” nessa instituição como “adolescentes” numa fase de delinquência, precisando, portanto, de um conselho/ orientação — o suposto limite que os pais não conseguiam mais impor.

À primeira vista, um tema que tratava de amor, ia assumindo contornos particulares que demandavam a minha atenção nos contatos com as pessoas próximas ao universo pesquisado. Ao longo desta dissertação, mostrarei como a procura de detalhes empíricos levou-me a diversificar o trabalho de campo. Na esfera da mídia, o tema ganhava contornos acusatórios e era acompanhado do aparato policial. Os contatos com os jornalistas que produziam as matérias acabaram gerando novos contatos.

Tais observações ritmavam não somente o meu trânsito pelo trabalho de campo, como também adequavam meu discurso à esfera acionada. De fato, o trabalho de campo, tal como se apresentava, exigia de mim uma rigorosa flexibilidade. Aos poucos estes contatos passaram a assumir uma atmosfera que eu não havia percebido anteriormente. Uma atmosfera discretamente suspeita, mas desafiadora e instigante. Percebo que afinei os novos contornos da pesquisa, ao baixar o tom de voz para narrar a meu orientador as primeiras

explorações sobre o tema. De todo modo, dentre os perfis que o trabalho de campo exigia, aquele que envolvia aspectos policiais preponderava, determinando em larga medida a minha performance.

De Quintino ao Itanhangá. Este é o trajeto das incursões em busca de detalhes empíricos junto às **Famílias** tocadas pelo tema. Elas estão presentes em todos os capítulos. No capítulo 2, no entanto, dedico-me, especialmente, às entrevistas realizadas com os pais das “meninas” protagonistas desse estudo e descrevo as dificuldades encontradas nos contatos iniciais.

Também apresento ali as resistências das pessoas selecionadas para as entrevistas. As frustrações de entrevistas “quase” conseguidas. Os pais, diante de ameaças supostamente realizadas por “traficantes” – ex-namorados das filhas - vacilavam antes de concordarem em falar. Ao realizar os contatos, eu sempre buscava as melhores palavras. Se eu falasse que estava fazendo uma investigação — tanto para as jovens, quanto para seus pais, — situaria-me no campo semântico das investigações policiais. A palavra pesquisa, por sua vez, quando enunciada em uma ligação telefônica, soava como “pesquisa de opinião”. Todos fugiam imediatamente. Desse modo, procurava me policiar sempre para enunciar somente a palavra estudo. Pareceu-me a mais neutra. As jovens, no entanto, desistiam na última hora. O assunto entrara na esfera do passado, elas não estavam mais dispostas a falar sobre essas histórias.

A necessidade de coletar mais dados — a exemplo do que Malinowski recomendava em *Coral Gardens* (1935): várias transcrições vernáculas — levava-me com frequência à espera ingênua e obscura daquela entrevista que tudo iria esclarecer. A minha preocupação consistia em saber se eu seria capaz de traduzir o fenômeno com tão poucas “transcrições”.

Falar sobre meu objeto de estudo nas situações mais variadas, pareceu-me, então, uma boa estratégia. Todos tinham um caso para contar, ou uma possível entrevista.

Ir à festa de dois anos da filha de um policial de um grupo especializado da polícia do Rio de Janeiro, que havia acompanhado um suposto caso concernente ao meu tema. Aos meus olhos, uma ingênua festa, até o momento em que o policial começou a narrar efusivamente o trabalho recentemente realizado e as armas de última tecnologia que havia utilizado. Lembrei-me de que todos ali eram policiais — e que supostamente estariam todos armados.

O capítulo 3 – **“Vale a pena ser mulher”: o mundo das escolas** – compreende as instituições de ensino como locais de sociabilidade. Apresento os resultados das entrevistas realizadas em escolas da rede pública e privada.

Como você vive a sua juventude? A entrevista parte dessa questão aberta, mas constituída de eixos temáticos que conduziram a discursos reveladores de visões de mundo, estilos de vida e trajetórias amorosas. Buscava, com isso, investigar valores, atitudes e comportamentos de jovens do sexo feminino, entre 14 e 18 anos. Descrevo, também, as dificuldades de acesso ao colégio privado. Ainda nesse capítulo, procurarei problematizar as questões relativas às pesquisas sociológicas com as classes média e alta.

Ressalto, por último, que os momentos do trabalho de campo, sinteticamente descritos acima, não constituíram etapas segmentadas. Foram vividos e exercitados de maneira concomitante, superpostos e concorrendo com um tempo exíguo de pesquisa. Tendo isto em mente, pretendo desenvolver nesta dissertação, um trabalho etnográfico compreendido como processo de interpretação do objeto de estudo – um fenômeno

antropológico de mídia — e a etnografia da etnografia na qual apresento a trajetória deste trabalho de campo.

A organização dos capítulos segue o itinerário da prática etnográfica. É esse itinerário que passo a descrever a seguir.

Capítulo 1 - As “meninas” pelas “meninas”

1-1. “Mulher é assim”

As primeiras entrevistas para esta pesquisa foram realizadas com Cláudia e Paola, no Parque Lage, em junho de 2005.²⁶ Em 1996, na época com 14/15 anos, as entrevistadas costumavam freqüentar, durante os finais de semana, os bailes *funk* numa favela da Zona Sul. Tudo teria começado de uma maneira um tanto banal, segundo seu próprio relato. E, afora o momento propriamente de entrada neste universo, continuou num ritmo bastante cotidiano — até o evento que culminaria com o fim dessa experiência. Enciumadas, as jovens do “morro” ameaçaram — com giletes — as jovens do “asfalto”, numa disputa pelos namorados comuns/ compartilhados.²⁷ Somava-se a este evento, os tiroteios que àquela altura se haviam intensificado durante os bailes.

Paola faz parte da minha rede social e, aos 16 anos, vivenciou uma história marcante em sua trajetória de vida. Na verdade, uma história “louca”, nos termos das pessoas que narram ou comentam experiências parecidas.

A meu ver, o que mais intrigava a todos era a contradição percebida entre a formação de Paola e sua opção preferencial de lazer, os bailes *funk*, — sobretudo aqueles promovidos em favelas. A “impressão” que ela criava com seu jeito tranquilo, o sorriso

²⁶ As entrevistadas recebem, aqui, outros nomes — a pedido delas — e, com o mesmo intuito, as favelas também não são identificadas. Ao longo desta dissertação, a identificação somente ocorre quando tiver se dado na mídia impressa, configurando, portanto, seu domínio público. Por vezes, em virtude da menoridade das jovens que namoravam traficantes, a matéria jornalística somente divulgava a inicial dos nomes. Em algumas passagens do texto, as reproduzo integralmente; em outras situações, a fim de facilitar a leitura, atribuo nomes fictícios às jovens que se tornaram tema da mídia impressa e televisiva.

²⁷ Os termos “morro” e “asfalto” são mencionados pelas entrevistadas. Cito, a este respeito, uma passagem da entrevista em que Cláudia destaca que, para “os caras de lá”, elas eram “meninhas do asfalto”.

tímido e o uso de roupas inexpressivas — constituindo uma ‘apresentação de si’, nos termos de Goffman — era incompatível com o “cenário”²⁸ montado pelos bailes *funk*, nos quais ritmo, dança e vestuário desembocaram, num momento posterior, numa fase em que a “hipererotização” das letras passa a assumir o primeiro plano.²⁹ Enfim, os bailes *funk* pareciam por demais erotizados em comparação à *impressão* causada por Paola. No entanto, como nos lembra Hermano Vianna, em sua introdução ao livro “Galeras Cariocas”, numa sociedade complexa, sabe-se que o “*punk* se transforma em crente, o crente em surfista, o surfista em empresário, o empresário em traficante de armas ex-soviéticas” (1997:7). É a própria Paola quem nos dá outro exemplo desta situação, ao mencionar o exemplo de Paulinho — a quem sua irmã havia reencontrado recentemente — : de “gerente do morro” transforma-se em chofer de táxi.

De todo modo, essas aparentes incoerências apontam não somente para aspectos envolvidos na dinâmica de uma sociedade complexa, como também - e mais especificamente - para a dificuldade que enfrentamos ao tentar definir o jovem contemporâneo.³⁰ Sem abandonar as singularidades, sugiro que o tema seja analisado no

²⁸ Refiro-me ao trabalho de Erving Goffman no qual, utilizando-se da metáfora da representação teatral, o autor analisa as distintas maneiras segundo as quais o indivíduo se apresenta em *cenas* biográficas as mais diversas. Segundo Goffman, o “mais importante, [é que] verificamos que dificilmente haverá uma profissão ou relacionamento cotidiano legítimo cujos atores não se entreguem a práticas secretas incompatíveis com as impressões criadas. Embora determinadas representações, e mesmo certas partes ou práticas delas, possam colocar o ator na posição de não ter o que esconder, em alguma parte do curso de suas atividades haverá algo que ele é incapaz de tratar abertamente” (1975:64,65).

²⁹ Cecchetto afirma que com o declínio dos bailes de briga – preponderantes nos anos 1990 – tem lugar, no início do século XXI, o *pornofunk*, fenômeno semelhante ao que ocorrera nos Estados Unidos com o *sex rap*. Aqui, o sexo é cantado e dançado pelos participantes, marcando “a relação entre os sexos [...] como tema fundamental das músicas e como o ícone desse fenômeno”(2004:231).

³⁰ Ao longo desse estudo, a aproximação entre as “meninas” e o universo jovem pesquisado confirmava essa observação efetuada por Hermano Vianna. Para tentar explicar o por quê da dificuldade em se delinear o jovem de hoje, este autor parte da idéia de que “o conceito de juventude parece ter ‘colonizado’ todo o espaço social”(1997:8).

plural. Em lugar de um jovem único, buscar compreendê-los — os jovens — em sua pluralidade; da mesma forma, pensar em cariocas, no lugar de “o carioca”.³¹

Mesmo tendo em mente as limitações deste trabalho, determinadas, em larga medida, por um prazo exíguo que acabou por constranger o maior aprofundamento da pesquisa, traremos à baila várias histórias girando em torno de uma mesma temática: as relações entre gêneros de distintas camadas sociais, performatizadas nos bailes *funk* das favelas cariocas. Ao definir este tema, realizo, na verdade, um grande esforço para ater-me aos principais aspectos destacados no fenômeno em estudo. Quero dizer, com isso, que vários seriam os fatores a constituir pontes que vinculam estes jovens pertencentes a segmentos sociais tão distintos.

Os bailes *funk* são freqüentemente mencionados como o “ponto de encontro de dois mundos”. De minha parte, sugiro que possamos considerá-los um “objeto mediador”, no sentido atribuído por Vianna ao trabalho realizado por Lygia Clark e Hélio Oiticica.³² As drogas também constituem outro fator recorrentemente apontado como um importante desencadeador dessas relações. A todos estes pontos de confluência entre “dois mundos” poderíamos acrescentar outros tantos, como o “amor”, a “paixão”, o “tesão”, a “atração” etc; sentimentos que, por vezes, chegam mesmo a ser verbalizados, tal como no exemplo que nos traz Cláudia:

³¹ Novaes trabalha com “juventudes”, no plural, considerando que o substantivo no singular “pode encobrir as diferenças entre jovens em termos de culturas, classes, grupos e configurações sociais (Novaes *apud* Mauger, 1997:119).

³² Gilberto Velho assinala a importância do “mediador cultural”, ressaltando que seu papel é “desempenhado por indivíduos que são intérpretes e transitam entre diferentes segmentos e domínios sociais” (1994:81). Hermano Vianna se utiliza dessa noção para avaliar a trajetória de Hélio Oiticica como um “mediador cultural” que demandava um papel participativo de seu espectador ;e, nesse sentido, o autor afirma ainda que “a própria obra de arte pode ser pensada como um objeto mediador” (2001:41).

Foi o amor que me fez continuar indo e adentrar mais nesse mundo. Passei a ir dia de semana. Tinha um garoto que eu gostava, que morava lá; eu queria ver ele. Ia pra lá. Ele não desce, a gente sobe [risos].

Em outras passagens das entrevistas, podemos entrever a onipresença do não-dito nas falas cotidianas — ora oscilando para o “amor romântico”, ora para aspectos voltados ao desejo e à sexualidade.

É no campo semântico da “antropologia das emoções” que desenvolvo as reflexões sobre o tema em estudo. É aí também que encontro respostas para as indagações — mencionadas na apresentação deste trabalho — a respeito da legitimidade da abordagem antropológica para a temática aqui desenvolvida. Com estas histórias, transito pelo mundo dos afetos e desejos; tema tido, por excelência, como pertencente ao domínio subjetivo, à área *psi* — algo confirmado por Rezende ao ressaltar que “as emoções foram durante muito tempo um tema de *status* dúbio nas ciências sociais”.³³ Para fundamentar meu trabalho, me baseio nos argumentos de Gilberto Velho relativos aos vínculos entre a “sociologia dos projetos” e a “sociologia das emoções”.³⁴

Anália Torres observa a tematização do sentimento amoroso em obras de diversos cientistas sociais e afirma que esse novo objeto de análise é um “excelente revelador do funcionamento das sociedades contemporâneas, nas suas contradições e paradoxos” (2004:16). A autora nos apresenta em seu texto as principais análises sociológicas acerca das relações afetivas. Em 1959, William Goode, em *The theoretical importance of love*

33 No trabalho citado, a autora sintetiza a trajetória dos estudos que conduziram a análise das emoções em direção ao campo social. Além de autores clássicos como Durkheim, Simmel e Mauss, ela cita também outros tantos que foram referência nesse tipo de abordagem, nos Estados Unidos e no Brasil (2002:71).

³⁴ Cito Gilberto Velho: “As minhas emoções estão ligadas, são matéria-prima e, de certa forma, constituem o meu projeto. Há sentimentos e emoções valorizados, tolerados ou condenados dentro de um grupo, de uma sociedade. Há, portanto, maiores ou menores possibilidades de viabilizá-los, efetivá-los. Desejos ‘pecaminosos’, emoções ‘inconvenientes’, sentimentos ‘impróprios’ são limitados e balizados pelas sanções e normas vigentes ou dominantes”(2004a [1987]:28).

questionava “de que maneira os padrões do amor se encaixam na estrutura social, especialmente nos sistemas de escolha do parceiro e de estratificação?” (Idem:19). Nos anos 1980, Luhman, efetuando uma abordagem histórica, analisava textos e narrativas na tentativa de compreender “o surgimento do código e da nova semântica do amor” (Idem:23). Torres menciona também o trabalho de Gilberto Velho, *Subjetividade e sociedade, uma experiência de geração* (1986), no qual o autor procurava “estabelecer pontes entre o subjetivo e o social, analisar processos de individualização e participação, casamento e aliança, política e subjetividade, público e privado, racionalidade e paixão” (Torres, 2004:26). Por fim, a autora sintetiza ainda os trabalhos de Bourdieu e Giddens, afirmando que dois temas perpassam todos esses estudos: a “relação entre modernidade e amor romântico, (...) e os efeitos da chamada questão feminina na vivência do sentimento amoroso” (Idem:35).

No caso das “meninas” aqui estudadas, as dimensões do “amor” e das “relações afetivo-sexuais” eram dissolvidas em meio a histórias que se revelariam traumáticas para muitas famílias e mesmo para as jovens que namoraram traficantes ou moradores de favelas.

Nas primeiras entrevistas concedidas, as jovens relataram ter experimentado emoções toleradas no interior do grupo ao qual pertenciam. Ali, as experiências preservavam uma certa “ordem”, no sentido de que várias amigas compartilhavam as mesmas histórias. Para as famílias, por sua vez, tais histórias eram “poluídas”, percepção compartilhada com o discurso midiático que costumava enfatizar o perfil de “desordem” presente nestas experiências. A presença do tráfico de drogas era outro elemento vinculado — pela mídia, preponderantemente — às relações entre gêneros de distintas camadas

sociais. Percebe-se claramente, a partir da colocação acima, a disputa entre “ordem” e “desordem” nas diversas perspectivas em jogo. Nos termos de Mary Douglas, a “sujeira é essencialmente desordem, portanto, é ofensiva à ordem, e existe aos olhos de quem a vê” (1966:12).

Nesse sentido, o baile do Leme, situado bem no início do “morro”, proporcionava uma noite como qualquer outra, permanecendo no umbral da “ordem” e da “limpeza”. Lá, não tinha “bandido”. Cláudia nos relata uma festa monótona, na qual estava com a irmã e uma amiga de aproximadamente 17 anos:

Esta amiga já freqüentava os bailes na favela [...] Ficava com umas pessoas de lá, uns carinhas de lá [pausa], no divã lá da parada [risos].

Foi justamente essa amiga quem sugeriu à ida ao baile nessa favela — considerado “irado”. Ponderando os riscos de “desordem” que esse “rito de passagem” poderia provocar, as jovens ainda manifestaram cautela – por um certo momento — manifesta nas falas que enclausuravam a decisão no “segredo”:

[...] A gente falou: “Cara, será que a gente vai, ou não? É favela, não sei o que...”
Fomos nós...

Paola começou a freqüentar os bailes da favela num momento posterior a Cláudia.
Por medo?

[...] Eu não tinha medo de subir. Eu não tinha medo de falar com os bandidos e tal. Depois que teve tiroteio...

“Ficar” — algo que surge nos anos 1980, como uma nova forma de relação — tal como Cláudia menciona sobre a sua amiga, coloca-se como uma alternativa ao namoro,

significando, no entanto, laços bem mais frouxos. Segundo Rezende, “ficar com alguém significa namorar por uma noite, sem combinação prévia nem compromisso posterior”; no entanto, prossegue a autora: “se duas pessoas ‘ficam’ em várias festas, sem combinar nada, elas têm um ‘caso’” e, caso o compromisso de saída continue com a mesma pessoa, o “caso evolui para namoro” (1989:90).

No universo ora estudado, o trânsito entre diferentes camadas sociais acontecia nos bailes *funk* e era visto como mais uma forma de sociabilidade — tal como nos relata Paola:

Pra gente, é como se eu saísse para ir tomar uma cerveja num bar com os meus amigos,. Só que eu saía pra tomar uma cerveja no bar, lá [acentuação enfática]. Não era exótico...No início, aquelas coisas rolando eram exóticas, depois foi se tornando normal.

Em outros segmentos sociais e também na mídia, tais experiências foram percebidas de formas distintas, reveladas pelo uso de categorias acusatórias. Percebe-se, aqui, a aplicação de princípios que regulam as noções de desvio. Segundo Gilberto Velho:

Os padrões de normalidade legitimarão ou não dentro de uma situação particular as condutas e ações individuais. Um código ético-moral definirá o errado, inadequado, incestuoso, impróprio, sujo, poluído, perigoso que possa haver nos corações e mentes dos homens e nas suas condutas e interações (G.Velho, 2004a [1987]:28).

As primeiras notícias a respeito destes “casos” começaram a circular na mídia em abril de 2005, com manchetes do tipo: “Polícia localiza outra adolescente de classe média que fugiu para favela”; “Amores bandidos na vida de 20 jovens cariocas”; “Polícia sobe morros atrás de jovens aliciadas”. Tais matérias relatavam “casos” de “aliciamento” de jovens de classe média que, a partir da frequência a bailes *funk* nas favelas, passariam a “viver no morro e trocar suas famílias pelas drogas e pela paixão por traficantes do Turano” (Rio Comprido). Uma dessas reportagens é dramaticamente iniciada com o seguinte relato:

“‘O que estou fazendo é perigoso. Não quero que vocês se envolvam. Se me encontrarem morta, joguem as minhas cinzas na água’, escreveu X., de 15 anos, numa carta que deixou para a mãe antes de ir a um baile *funk* na Ladeira dos Tabajaras”.³⁵ A jovem em questão costumava freqüentar o “Bonde das Gamadas” e sonhava em ser uma MC.³⁶

Em várias das situações que compõem este estudo, a categoria “classe média” é ambigüamente empregada. Por vezes, observa-se um hiperdimensionamento que evidencia certa tendência a se tomar camadas médias como elite. Com esse relativo exagero, é claro, o assunto torna-se mais interessante. Por outro lado, também me deparei com relatos que classificavam como classe média, jovens que mais facilmente se enquadrariam nas classes altas. Neste trabalho, utilizo a categoria “camadas médias”, tal como formulada por Gilberto Velho, cuja abordagem vai além das diferenças de classe e analisa as situações considerando os diferentes ethos e visões de mundo em jogo (G.Velho, 2003d [1994]:67).

A contribuição da mídia na produção desse “fenômeno” certamente exigiria uma análise mais aprofundada — que não foi possível realizar aqui, dadas as limitações inerentes a um trabalho desta magnitude. Os confrontos entre os relatos das entrevistas, as histórias contadas fora da ambiência de pesquisa, os registros no Conselho Tutelar, as matérias jornalísticas impressas, enfim, os diferentes discursos sobre o mesmo tema não permitem seu enquadramento num único “Dossiê Amor Bandido”³⁷ segundo o qual “meninas” são “aliciadas”, ou “patricinhas” socialmente “desviadas”. Baseio-me na perspectiva de Gilberto Velho que compreende o “desviante” como um “indivíduo que não está fora de sua cultura mas que faz uma ‘leitura’ divergente” ([1985]2003 a:27). Sozinho

³⁵ Situada em Copacabana, na Zona Sul do Rio de Janeiro.

³⁶ *O Globo*, 20/04/2005.

³⁷ O “Dossiê Amor Bandido” foi elaborado pelo jornal *O Dia*, a partir das primeiras histórias surgidas na mídia a respeito de “meninas” que namoraram traficantes. Tal Dossiê reunia não somente as histórias atuais como realizava também uma retrospectiva das anteriores (ocorridas aproximadamente dez anos antes).

ou num pequeno grupo, ele não é sempre desviante. O autor assinala que existirão “áreas de comportamento” nas quais esse indivíduo “agirá como qualquer cidadão ‘normal’”(Idem, Ibidem).

Sexo, drogas e os bailes *funk* são reunidos pela mídia como elementos que viabilizam “o encontro de dois mundos”. Trata-se de uma visão que ainda compreende a “cidade partida” entre “asfalto” e “morro”. Não compartilho desta perspectiva, e as pesquisas sociológicas e antropológicas têm mostrado a enorme complexidade dessa discussão. Um líder comunitário já lembrava à Angelina Peralva que, no “Rio de Janeiro, a favela ‘desceu’ o morro” (2000:56). Outra questão a ser complexificada diz respeito à imagem que se faz da distância social. Na mídia, ou mesmo no âmbito familiar, tal distância não estaria sendo hiperdimensionada? Para embasar meus argumentos, recorro a Cláudia, Paola, Camila e algumas outras jovens que apresentam diferentes trajetórias, visões de mundo e estilos de vida.³⁸ Suas histórias me foram narradas pessoalmente, divulgadas na mídia, ou contadas em filmes. Assim, neste texto, transito pelos anos de 1995 e 2006. Ao mencionar os relatos de Paola e Cláudia, situo-me no Parque Lage, em 2005, onde escutei histórias ocorridas dez anos antes. Rita, por sua vez, me narrou um trecho de sua trajetória que se passa nos anos de 2005 e 2006. Ao analisar o material da imprensa, descrevo experiências igualmente ocorridas nestes dois últimos anos. Procuro, desse modo, reunir e analisar os principais elementos contrastantes presentes nas entrevistas e nas matérias divulgadas pela mídia impressa.

³⁸ Para Gilberto Velho, a “complexidade e a heterogeneidade da sociedade moderno-contemporânea tem como uma de suas características principais, justamente, a existência e a percepção de diferentes visões de mundo e estilos de vida.” Interessante “é verificar até que ponto a participação em um estilo de vida e em uma visão de mundo, com algum grau de especificidade, implica uma *adesão* que seja significativa para a demarcação de fronteiras e elaboração de identidades sociais” (2003 [1994]:97).

No primeiro contato que tive com o pai de Paola, eu tinha a intenção de sondar se ela aceitaria conceder-me uma entrevista para narrar a experiência que vivera dez anos antes. Mais tarde, eu viria a saber que Paola e várias de suas tinham vivenciado experiências semelhantes. Apesar da distância no tempo, o pai dela encontrava-se, ainda, bastante mobilizado pela história.

Timidamente, Paola acabou aceitando meu convite e sugeriu o nome de Cláudia para ser entrevistada concomitantemente — uma amiga que compartilhou as idas aos bailes e que também namorou um jovem da favela. A entrevista no Parque Lage, numa manhã ensolarada, e a iniciativa de levar uma amiga, contribuíram para um ambiente mais descontraído, pontilhado de momentos em que as entrevistadas ignoraram minha presença, conversando entre elas — aparentemente em busca da reelaboração do tema e da compreensão de suas trajetórias como “situações biográficas”, nos termos de Schutz.³⁹ O fato de Cláudia e Paola terem vivenciado essa experiência dez anos antes permite entrever, em algumas passagens das entrevistas, que as mudanças experimentadas ao longo de todo esse tempo constituíram uma “história biográfica”, que supõe a “sedimentação de todas as experiências anteriores” (Schutz, 1979:73).

A timidez de Paola foi equilibrada pela desinibição de Cláudia. Muito falante e extrovertida, ela advertiu, logo de cara, que seria a última vez em que falaria sobre o assunto. O fato de já ter relatado exhaustivamente o ocorrido, não a impediu contudo de abrir a entrevista narrando a cena que mais a marcou na experiência vivenciada. Quando as pessoas perguntam o que a teria encantado na favela, Cláudia costuma responder:

³⁹ Ainda outro importante aspecto da noção de “situação biográfica determinada” de Schutz, consiste no “sistema de relevâncias” que “determina que elementos devem ser transformados no substrato de uma tipificação generalizada, quais desses traços devem ser selecionados como características típicas e quais outros como exclusivos e individuais...” (1979:73,74).

Lógico que a diferença, a curiosidade pela diferença, [por] uma outra realidade, outras pessoas, que é uma coisa curiosa. Mas o que me encantou muito, foi quando eu cheguei lá... [...] A gente chegou por cima na favela, aí você descia uma ladeira [...] e a quadra onde era o baile *funk*, era lá embaixo. A gente foi descendo, estava super cheio... estava... numa época que estava super na moda. Quando eu fui chegando, fui vendo a quadra, estava tendo um show do Steeve Bee (...) Tava bombando, era o evento! Aí aquela massa pulando. Eu olhei aquilo ali — já gostava de *funk* na época — cara, eu achei aquilo ali o máximo! Realmente, na época, no dia, foi maravilhoso, foi ótimo!

Ambas as jovens moravam num bairro nobre da Zona Sul. Os pais de Cláudia trabalhavam, na época, com cinema; o pai de Paola é médico e pesquisador. Esta última começou a ir aos bailes porque a amiga freqüentava; esta, por sua vez, começou a ir aos bailes porque a sua irmã mais velha costumava ir ao baile do Chapéu Mangueira, no Leme.

[...] Era o mais bombado, tinha todos os playboyzinhos da Zona Sul [...]. E, na época, tinha rolado também uma explosão dessa dança.

E os bailes do Canecão?

O Canecão não era a nossa praia; a gente era favela mesmo.

Cláudia cristalizou afetivamente esta memória do momento iniciático e, até hoje, a despeito dos comentários críticos dos amigos, revela gostar de *funk*, de seu ritmo, da batida forte, da “massa” de gente e, sobretudo, da “velha guarda do *funk*”, cujas letras pregavam liberdade ou paz. Em sua opinião, as letras de hoje:

(...) Só falam de sexo. São muito vulgares. [antes] Tinha umas mensagens de liberdade.

São muitas as polêmicas em torno do *funk*, oscilando entre a demonização e a exaltação. O fato de não ter realizado trabalho de campo nos bailes *funk* cariocas não me autoriza, contudo, a desenvolver o tema em profundidade. Ainda assim, não posso deixá-lo

de lado — tanto por sua importância como uma forma de sociabilidade que reúne jovens cariocas de diferentes camadas sociais, como por sua relevância para o objeto aqui estudado. É com esse intuito que passo, a seguir, a sintetizar algumas idéias desenvolvidas por pesquisadores que se dedicaram à análise do tema. Interessam-me, sobretudo, as observações que ajudariam a compreender os distintos estilos de masculinidade produzidos, reproduzidos — e talvez até mesmo difundidos entre diferentes segmentos sociais. E, ainda, seu impacto sobre as escolhas femininas de parceiros para a vivência de experiências afetivo-sexuais.

Já em 1988, os bailes *funk* realizados nos subúrbios e periferias do Rio de Janeiro costumavam reunir centenas de jovens de baixa renda. Constituíam, até então, um fenômeno relativamente desconhecido, que motivou a dissertação de mestrado de Vianna (1988:14) Tal estudo nos permite comparar os parâmetros estabelecidos pelo autor naquela ocasião, com o perfil atual desses bailes — cenários das histórias amorosas envolvendo jovens oriundos de camadas sociais distintas.

As experiências de Cláudia e Paola ocorreram em 1995. Neste momento, os bailes *funk* deixavam de ser exclusivos de jovens de baixa renda, o que nos remete à idéia de “circularidade”, nos termos de Bakhtin, segundo a qual haveria um “influxo recíproco entre cultura subalterna e cultura hegemônica (...)” (1993). Tal transformação evidentemente não se dá sem conflitos ou contradições (Souto, 1997:60). Cecchetto, em um estudo etnográfico sobre as galeras *funk* cariocas, analisa os chamados “bailes de corredor”, nos quais há um “confronto violento entre turmas de jovens do sexo masculino” (1999:143). Para poder lutar, esses jovens têm de reunir atributos corporais que corroborem a “disposição para a briga”. Tais elementos mostram-se importantes para a produção e reprodução de um tipo de

masculinidade denominada “ethos guerreiro”, termo que a autora (Idem, Ibidem) toma emprestado de Norbert Elias.

Num trabalho posterior, Cecchetto analisa os tipos hegemônicos de masculinidade e seus vínculos com a violência, numa perspectiva que busca compreendê-la como uma “construção histórica e social” (2004:38). Souto, por sua vez, aborda a violência e os grupos que procuram eliminá-la dos bailes. Evidencia-se, a partir destas análises, que a repercussão dos atos violentos acaba imprimindo maior visibilidade aos bailes *funk*. Contudo, a maneira como essa violência tem sido exercida em tais eventos também sofreu transformações. Aparentemente, as brigas entre grupos no interior do baile deslocaram-se para uma esfera mais ampla — a dos líderes do narcotráfico — que coíbe os embates, preservando uma “ordem” peculiar ao baile. No momento em que realizou sua pesquisa, Souto já chamava a atenção para a “lei do silêncio” que imperava nestes locais, segundo a qual era proibida “toda e qualquer menção às redes do crime organizado” (1997:72).

Uma visão mais atualizada deixa entrever as repercussões e a difusão do ritmo *funk* em diferentes segmentos sociais. Contudo, essas informações permanecem – em sua maioria – num plano de fundo. Hermano Vianna tem sido uma referência constante na divulgação de imagens diversas do “mundo” *funk*, revertendo a primazia que se costuma dar aos discursos acusatórios. Para Medeiros, o *funk* “atravessou fronteiras sociais e geográficas e é hoje idolatrado no exterior como uma inovadora e revolucionária música eletrônica brasileira” (2006:11).

A expansão social e geográfica do ritmo *funk* e de seus bailes evidencia-se em esferas diversas. Seu consumo — mas também sua produção — observa-se em meio à juventude de camadas sociais as mais diversas, a sociabilidade dos bailes *funk* não se

restringindo, de forma alguma, à área dos eventos. Ao longo dos anos, as músicas produzidas por este movimento têm procurado marcar uma posição na “geografia social do Rio”. Souto, por exemplo, menciona letras de músicas que associam o *funk* à praia, ao chopp, ao samba e ao futebol (Souto, 2003:73). Cláudia e Paola, minhas entrevistadas, configuram apenas alguns exemplos da transformação ocorrida neste universo.

As jovens acima mencionadas começaram a freqüentar a favela, inicialmente, nos finais de semana. Depois, em função dos laços de amizade lá estabelecidos, foram paulatinamente inserindo tal hábito em seu cotidiano.

A este respeito, Cláudia explica que:

[...] A gente passou a freqüentar mais... A gente ia para o baile *funk* — eu, a minha irmã e as minhas amigas [...] Foi decorrendo [sic] a coisa, a gente foi conhecendo as pessoas; eu fiquei com um menino de lá. Eu já ia lá porque queria ficar com o menino, de novo. Esse menino não era do movimento⁴⁰, não. E a minha amiga começou a ficar com outro menino. Aí, começou a virar nosso meio [...] Fiz amizade... O negócio foi desenvolvendo tanto, que a gente ia lá dia de semana; tinha amigos lá, tinha uma amiga nossa que morava lá [...].

Durante a entrevista, as jovens não explicitaram idéias que contribuiriam à descrição do “roteiro sexual”, tal como proposto por Heilborn em sua pesquisa.⁴¹ Por outro lado, foge ao escopo deste estudo, delinear a trajetória sexual de jovens do gênero feminino. Ainda assim, chamam a atenção nos discursos dessas jovens, os elementos que apontam para sua entrada na vivência afetivo-sexual. A afirmação de Cláudia aponta para essa questão:

⁴⁰ Ser do “movimento” significa desempenhar alguma função ligada ao tráfico de drogas.

⁴¹ Heilborn, em seu texto, “A primeira vez nunca se esquece”, realiza uma “análise comparada sobre carreiras afetivo-sexuais”. Para tanto, a autora se utiliza da noção de “roteiros sexuais”, de Simon e Gagnon, que constituem as “lembranças anteriores, ligadas à familiaridade com o tema do sexo, a socialização do gênero e as redes sociais” (1998:394,395).

Eu ia lá para ouvir a música e para ver os gatinhos. Essa coisa normal de quem está começando/ iniciando a vida, aí. Mas não era [...] Droga, por que não me deixam ir nesse lugar?

O gravador desligado incentivou Paola a justificar sua escolha. Ela afirmou que uma jovem “adolescente” — termo empregado como sinônimo de insegurança e incerteza — realizaria plenamente sua feminilidade ao deparar-se com um “homem” que a chama de “princesa”. Nesse sentido, o imaginário da literatura infantil é povoado por exemplos como os da “dama e do vagabundo”; “da bela e da fera” e por aquelas histórias que narram a transformação do “sapo em príncipe”.

“Romeu e Julieta” foi a obra selecionada por Viveiros de Castro e Benzaquem de Araújo para analisar a noção de amor que se vincularia à idéia de indivíduo. Além de “afeto” e “sentimento”, os autores assinalam que tal noção também implica relações sociais, lhes interessando, portanto, “perceber qual a lógica das relações sociais subsumidas por essa categoria, qual o sistema de oposições e compatibilidades em que ela vai-se inserir, que visão de mundo ajuda a construir” (1977:131). Gilberto Velho cita a história de Abelardo e Heloísa, que se passa no século XII, como um dos “pilares de sustentação do paradigma do amor entre homem e mulher, desafiando costumes, convenções e interesses (...)” (2004:24). Certamente, aqui, eu precisaria de mais elementos para discutir o amor na perspectiva da ideologia amorosa acima apresentada. Contudo, algumas passagens das entrevistas deixam entrever as escolhas realizadas em função de um “projeto” claramente definido. Gilberto Velho articula tal conceito — de “projeto”, concebido por Schutz como “a conduta organizada para atingir finalidades específicas”(2003:40) — à noção de “campo de possibilidades”.

A narrativa de experiências passadas, contundentes, propiciou a releitura das histórias vivenciadas, ao mesmo, podemos pensar em termos da própria construção da trajetória individual que, como assinalou Gilberto Velho, assume um “significado crucial como elemento não mais contido, mas constituidor da sociedade” (Velho, 2003d:100). A partir dessa concepção, a “memória” assume grande relevância social.

Paola e Cláudia consideram ter vivido um momento de “alienação”, durante o qual os projetos individuais teriam sido suspensos e as famílias assumido uma posição periférica — sobretudo, por não aceitarem as idas das jovens à favela. Em seus relatos, elas enfatizam o termo “alienação”, enunciado até mesmo com certa irritação, ao se confrontarem ao passado e aos riscos envolvidos na experiência vivenciada. A este respeito, Pollack afirma que “(...) a memória individual resulta da gestão de um equilíbrio precário, de um sem-número de contradições e tensões” (1989:14). Nas entrevistas realizadas, a memória também tem a função de articular passado, presente e ainda orientar projetos para o futuro. A este respeito, Gilberto Velho ressalta que “a consciência e valorização de uma individualidade singular, baseada em uma ‘memória’ que dá consistência à biografia, é o que possibilita a formulação e condução de ‘projetos’ (2003f [1994]:101). Tal aspecto ficou, de fato, bastante evidenciado durante o intercurso da conversa com as jovens, em que eu as percebia atônitas ao narrar eventos do passado, reformulando idéias e fazendo “promessas” que as comprometiam com os “projetos” futuros. Ou seja, em pleno exercício da construção de si, como sujeito, individualizando-se.

(...) Hoje, eu não subo mais no morro.

Nos relatos, também menciona-se o fato de se fazer coisas “escondidas”, ou mesmo, fugir de casa. O castigo vinha porque:

[Eu] chegava às 6/ 7 horas da manhã em casa. Para uma menina de 14 anos, eu achava que tava tudo tranquilo. Criança tem essa mania de não ver perigo nas coisas; eu não via porque eu não usava droga, eu não fazia nada. Não fumava, não bebia...

No transcurso dessas experiências, em diversas situações, são acionadas categorias acusatórias, além de discussões em torno dos sujeitos supostamente adequados para se manter uma relação afetivo-sexual. Gilberto Velho assinala dois tipos de acusação:

As categorias de “drogado” e “subversivo” (...) que têm sido feitas, predominantemente, a indivíduos jovens, o que assinala claramente uma fronteira etária, geracional, aparecendo, portanto, a clássica situação de tentativa de uma geração mais velha exercer o controle social sobre grupos mais jovens (Velho, 2004b [1987]:59).

Em seu relato, Cláudia busca a razão que a teria levado a viver uma história por ela tida, hoje, como “alienante”. “A primeira experiência amorosa”, tal como analisada por Heilborn, configura um aspecto marcante nos discursos das entrevistadas. O significativo envolvimento das mulheres que se costuma observar com relação a tais experiências de iniciação, muitas vezes acaba gerando um “distanciamento da família de origem”, o que, mais tarde, retrospectivamente “pode fazer surgir um ponto de vista crítico sobre a maneira como encaravam essa primeira relação na época, agora considerada ingênua” (Bozon e Heilborn, 2001:114). Paola menciona o risco que correram, na época, sobretudo, por considerar ser aquele um momento de “formação da cabeça”, em que “começavam a sair”.

Cláudia atribui ao plano Collor o fato de seus pais – que sempre trabalharam com cinema – terem ficado numa difícil situação financeira. Ela e o irmão tiveram que se transferir para um colégio público. A partir deste momento, os filhos dos porteiros passaram a integrar seu “mundo”, despertando nos jovens a curiosidade a respeito daquela realidade tão distinta. Segundo Cláudia, seu irmão chegou mesmo a sugerir aos pais a

mudança para a favela, só falando sobre armas, antes de ser finalmente afastado daquela instituição de ensino. Rebeldia?

Não era uma coisa de enfrentamento de pais e família, porque a minha mãe e o meu pai nem sabiam. Depois é que eles ficaram sabendo. Não era uma coisa para afrontar eles.

Tanto Cláudia quanto Paola enfatizam, que naquele momento, a experiência que viviam não era percebida como “anormal”. Tornou-se parte da vida delas. Percebe-se, nesse sentido, como os relatos mantêm um movimento constante, buscando o foco de suas identidades em meio à “memória” e ao “projeto”.⁴²

As jovens não se davam conta do risco envolvido nas experiências que vivenciavam, porque aquela convertera-se em sua própria realidade. Mas percebiam diferenças nas novas amizades?

Você não liga se ela tem menos dinheiro ou menos cultura. Eu tava igual, ali com elas. Mas essa diferença existe [...] de idéias, de pensamento, de como é o mundo, de perspectiva de vida. Isso faz a diferença nas pessoas.

Embora não percebessem diferenças entre si e os jovens da favela que costumavam frequentar; estes últimos, sim, operavam distinções significativas. Para os jovens do “morro”, elas eram vistas como “branquinhas”, meninas pelas quais manifestavam uma forte atração física.

No discurso midiático, tal aproximação é atribuída, em larga medida, aos bailes *funk* — “o ponto de encontro de dois mundos” — o que se verifica, por exemplo, na reportagem

⁴² Para a melhor compreensão de minha colocação, cito o modo como Gilberto Velho percebe importantes aspectos da “memória” e do “projeto”: “são visões retrospectivas e prospectivas que situam o indivíduo, suas motivações e o significado de suas ações, dentro de uma conjuntura de vida, na sucessão das etapas de sua trajetória” (2003d:101).

que menciona o “resgate” de uma jovem no Morro do Turano (Rio Comprido), acrescentando que, logo em seguida, a polícia teria trabalhado num caso semelhante, “resgatando” da “favela da Ladeira dos Tabajaras, em Copacabana, Y., de 15 anos, que abandonara a vida de classe média alta para viver no morro com um traficante, que conheceu por meio dos bailes *funk*”. A matéria impressa, ao situar a jovem como pertencente à “classe média alta”, pode estar simplesmente reproduzindo classificações operadas pelos próprios atores —por esse motivo, por vezes deparamo-nos com categorizações absolutamente inverossímeis.

“Paixão” por um traficante seria o que teria motivado as jovens cariocas a abandonar suas famílias de origem que, por sua vez, rompem o silêncio em busca de ajuda terapêutica e jurídica. Alguns relatos dão conta ainda daquela família que chega a enviar “a jovem rebelde [para] estudar na Suíça”, o que me faz lembrar a descrição de Gilberto Freyre, em *Casa Grande & Senzala* (1936), com relação às estratégias adotadas pelas famílias patriarcais — sobretudo aquelas de Minas Gerais — que, diante de suspeitas de relacionamentos amorosos inapropriados, internavam suas filhas em conventos ou as enviavam para Portugal.⁴³

Por outro lado, as próprias jovens reconhecem que os “bandidos exercem uma fascinação”. Segundo as entrevistadas, ser “bandido” na favela é uma forma de distinção e reconhecimento. Portanto, tal “atividade” era para elas algo mais “naturalizado”, deixando em Paola a impressão de que:

(...) Os bandidos estão mais perigosos do que antes. Eles não eram tão maus assim...

⁴³ Gilberto Freyre acrescenta ainda que essas “moças raptadas dos sobrados e das casas-grandes (...) fugiam romanticamente com os namorados, (...) e muitas vezes com homens de situação inferior à sua e até de cor escura, sendo elas alvas, loiras ou de um moreno claro ou pálido” (2003:246).

O distanciamento acabou mostrando para elas que eles “matavam, roubavam como qualquer bandido. É normal...”. Com relação a essa questão, Gilberto Velho afirma que “o acesso à droga e à arma é a base desse estilo de vida, que torna possível usufruir uma pauta de bens de consumo e um prestígio que facilita, entre outras coisas, o sucesso junto às mulheres e o temor entre os homens” (1996:20).

Em sua etnografia, Piccollo analisa as relações existentes entre os moradores do morro Parque Vila Isabel e aqueles do bairro circunvizinho, Vila Isabel, na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro — e, em especial, um dos projetos sociais desenvolvidos no Centro Comunitário local. A autora assinala a ambigüidade presente nestas pessoas que tinham “por um lado, uma identificação expressa no estilo de roupas, dos cabelos, no uso das gírias, um certo fascínio pelos símbolos da ‘facção criminosa’, nas músicas cantadas dentro e fora do baile *funk*. Por outro lado, um certo medo e tristeza pelos parentes mortos”.⁴⁴

“Bandido”, “traficante”, “playboy”, “mauricinho”, “patricinha”, “tchutchuca” são os personagens que encarnam as diferenças entre gêneros de diferentes segmentos sociais. O “playboy” - mencionado pelas entrevistadas - assume para os funqueiros uma conotação negativa, contrapondo-se à “disposição” percebida nos jovens das favelas. Trata-se de um jovem das camadas médias, “branco”, que não mora nas favelas, mas que frequenta os bailes *funk*. Cecchetto assinala que tal categoria, ao aludir “aos homens de camadas médias, aos quais negam a mesma ‘disposição’ e o mesmo valor na hierarquia da masculinidade”, desencadeia um jogo que mescla prestígio e estigma. A desvalorização da masculinidade do

⁴⁴ Piccollo, 2006:277. Ainda nesta etnografia, a autora chama a atenção para o fato de que o estigma de que estes jovens são vítimas é justamente aquilo que lhes confere identidade: suas roupas, seus cabelos, suas gírias, seu fascínio pelos símbolos ligados ao tráfico – carros, motos, armas “novinhas” (2006: 177,178).

“playboy” em contraste à “disposição” dos jovens das favelas, sugere a Cecchetto a “tentativa de manter sob controle um território (baile) em que a presença do “negro/mestiço” e morador em comunidades é hegemônica” (2004:71). Paola e Cláudia procuram delinear ainda melhor esse estilo de masculinidade que afirmam lhes causar verdadeiro fascínio:

...Os meninos lá, não são nem um pouco fiéis... É comum, lá, ter várias mulheres. Todas elas sabem e elas aceitam... A namorada do Paulo, ela tinha hora para entrar [em casa]; os pais dela tinham várias regras, e várias meninas [...] Normalmente essas meninas são as namoradas, as namoradas de fé...E a gente chegava lá depois que elas já tinham entrado, ou então elas já estavam lá, mas aí eles só encontravam a gente depois [risos desconcertados] . Era meio maluquice, é... [pausa] O que que passava na nossa cabeça que a gente não ligava pra isso?

Todos sabiam a quem as “mulheres pertenciam”. Algumas vezes aconteciam brigas. Paola se pergunta se o ingresso desses rapazes no “movimento” não estaria vinculado à “fascinação que eles exercem sobre as mulheres”. Mas ela própria se adianta em avisar que não se sentiu atraída porque o “cara era bandido”. Cláudia, por sua vez, pondera:

Isso aí, é que a gente não sabe. Nunca me disse: ‘vou ficar porque ele é bandido’. É inconsciente. Você olha, vê alguma coisa diferente naquele cara.

Tem uma amiga que ficou uma semana, lá. Ela namorava um bandido lá do [...] Depois ela namorou um cara da Rocinha, mas, hoje, ela voltou ao normal.

Normal e anormal são outras categorias freqüentemente enunciadas não somente pelas “meninas”, como também pelas pessoas que narram essas histórias — em alguns casos, tais narradores chegam mesmo a finalizar a descrição afirmando que “agora ela voltou ao normal”, como se, num momento anterior, a pessoa tivesse saído, de fato, do estado normal de consciência. Cláudia e Paola ressentem-se da desarmonia e desestabilização que provocaram às suas famílias em virtude das experiências que viveram em 1995. A propósito desta questão, Gilberto Velho afirma que:

Ao se perceber a vida social como um processo, contraditório e complexo, em que a realidade tem de ser permanentemente negociada por diferentes atores, a

possibilidade do conflito e da disrupção perde o seu caráter catastrófico e anormal para ser encarada como mais um fenômeno a ser pesquisado (G.Velho, 2004f [1987]:57).

Se no “morro”, as “patricinhas eram potencialmente as “namoradas de fé”, no “asfalto”, a mídia as descreve de um modo inteiramente outro, relatando a trajetória da “boa moça”⁴⁵ que passa a vender drogas para outras “patricinhas”. O jornal *O Dia* estampava em suas manchetes, em 2 de fevereiro de 2006: “Jovens de classe média presos e acusados de trabalhar para o CV”.⁴⁶ Em letras gigantescas, outro título anunciava: “Ricos, bonitos, educados, mas traficantes”. A matéria em questão descreve a história de uma estudante de agronomia de 23 anos que, apesar das “boas oportunidades que teve na vida”, teria optado por “trilhar o caminho das drogas e do crime, se entregando a um ‘amor bandido’ pelo traficante Pingo” — ex-faxineiro do prédio da estudante. A reportagem menciona ainda o local de residência de um dos jovens presos – Copacabana – na tentativa de vincular os dois aspectos: bairro de Zona Sul e pertencimento à classe média. A estudante – “freqüentadora assídua de bailes do Morro da Providência e Favela de Manguinhos” — supostamente ajudaria seu “amor bandido” a escolher drogas, e repassá-las para suas amigas “patricinhas” (*O Dia*, 2/02/2006:16).

As “tchutchucas”, por sua vez, que no “asfalto” podem ser percebidas como “vulgares”, no “morro” são tidas como bem comportadas. As “cachorras”, ao contrário, são fogosas e sexualmente disponíveis, tal como ilustra a música “Cachorra chapa quente” (Cecchetto, 2004:236). As “novinhas” constituem uma categoria oriunda das relações entre as jovens de classe média e os jovens da favela. Piccollo propõe a seguinte definição:

⁴⁵ Pereira, 2003:65.

⁴⁶ “Comando Vermelho” é uma facção criminosa ligada ao tráfico de drogas.

São meninas na faixa etária dos 12 a 14 anos, e que, segundo os jovens [lhe] disseram, são aquelas que eles ‘vão criando e aí quando ela tem 13, 14, chega junto’, visando a manter relações sexuais. Este processo é feito, segundo eles, com duas, três ou quatro ao mesmo tempo (2006:178).

Ainda com relação ao universo feminino, Heilborn menciona a distinção entre as “mulheres fáceis” (meninas de farra) e as “mulheres sérias” (meninas de família). A partir de uma entrevista com um morador de uma favela do Rio, a autora sustenta que “as primeiras perderam a honra por não serem mais virgens e por estarem disponíveis a relações sexuais sem compromisso; as últimas podem e devem namorar oficialmente, e eventualmente casar” (Bozon e Heilborn, 2001:130).

Em abril de 2005, numa reportagem do jornal *O Globo*, um delegado afirmou ter “feito buscas no morro, pois recebeu informações de que mais quatro jovens de classe média estariam vivendo com bandidos”.⁴⁷ Esta mesma matéria sugere que tais jovens seriam viciadas que, “sem dinheiro para ter a droga, oferecem o corpo aos traficantes; a jovem em conflito com os pais se identifica com a imagem de rebeldia do *funk*”. Cláudia e Paola consideram essa percepção “estranha” à experiência que viveram.

Nunca pensei em sair de casa para morar lá.

Eram pessoas que não tinham a família que a gente tinha. O estudo que a gente tinha. Cíntia parou de estudar na 5ª. série. Ela não tinha a nossa estrutura familiar.

Em seguida, elas relembram o episódio em que o baile *funk* foi transformado em festa de casamento de uma jovem do “asfalto” com “um cara da favela”.

Ela estava grávida dele.

Paola irrompeu o silêncio que anunciava o fim da entrevista, afirmando que:

⁴⁷ *O Globo*, Caderno Rio, 24/04/2005.

O pai da minha filha é resquício do Morro.

Neste momento, as entrevistadas conversam entre si e esclarecem que o jovem – pai da filha de Paola – não mora no “morro”. O que significa, então, “resquício do morro”?

(...) Culturalmente, a cabeça dele, a vida dele - ele não mora no morro - mas é completamente diferente da minha. A cabeça dele é igual, sem perspectiva de nada. É mais importante, pra ele comprar um carro do que pagar uma faculdade.

Cláudia e Paola consideram que essas experiências “amorosas” são singulares ao universo feminino, lembrando, ainda, que “não tem mulher bandida”. Mas e se fosse o contrário: um jovem – “mauricinho” - do “asfalto” namorando uma jovem – “tchutchuca”- do “morro”? A maneira como as entrevistadas compreendem as diferentes atitudes observadas nessas experiências revelam uma suposta preponderância da diferença de gênero sobre a diferença de classes sociais.

Se fosse um cara, ele tirava a menina do morro. Ele não ia morar no morro. Provavelmente?!

Mulher é assim...

Tais afirmações evidenciam a representação do gênero feminino como passivo — percepção reforçada pela idéia de “aliciamento” presente nas reportagens publicadas na mídia impressa. Cláudia e Paola estavam atuando em meio a um campo de possibilidades em que a “negociação da realidade” com outros atores, indivíduos ou coletivos era constantemente atualizada, o que fazia com que os códigos fossem cada vez mais compartilhados (G.Velho, 2003f [1994]:103). O fato é que há uma escolha em ser “assim” que dilui essa representação da suposta passividade. No capítulo a seguir, apresento “a mulher como ser desejante”, tal como nos revela Moutinho (2004), em sua análise das relações afetivo-sexuais entre “negros” e “brancos”.

Após as entrevistas com Cláudia e Paola, tentei vários outros contatos com pessoas que haviam passado por experiências parecidas, ou com pessoas próximas a elas. Ocorre que as histórias acabaram convertendo-se em “casos”, e o tom policial dificultava os possíveis contatos. Além do mais, percebi uma certa ansiedade ao se falar sobre este tema. Por várias vezes, as pessoas pinçavam um aspecto do tema, a partir do qual propunham entrevistados que posteriormente eu perceberia serem totalmente inadequados. De alguma maneira, essas proposições deixavam entrever a influência das matérias publicadas pela mídia.

Ao mesmo tempo em que buscava novos contatos, eu mantinha conversas telefônicas com uma jornalista de uma importante rede de televisão – Celi — que havia produzido um documentário sobre o tema em estudo e outro sobre Pedro Dom – assaltante de residências da Zona Sul, oriundo das camadas médias. Celi insistia que eu marcasse um encontro com um agente policial de um grupo especializado da polícia do Rio de Janeiro. Tal agente era aluno dessa jornalista e teria se encarregado do caso de uma jovem de classe alta, desaparecida desde janeiro de 2004 — supostamente assassinada por traficantes do Morro da Providência. Diante dessa insistência, eu me perguntava: mas em que este caso se relaciona com o meu objeto de estudo? A jornalista e, mais tarde, o policial afirmaram que a jovem teria namorado um traficante, e este, ao vê-la nas colunas sociais com um novo namorado, a teria seqüestrado e assassinado. Celi tentava negociar uma entrevista com a mãe dessa jovem que, após o ocorrido, permanecera fora do Rio por um longo período. A jornalista convenceu-me a ir à festa de aniversário de dois anos da filha desse policial, no intuito de facilitar uma primeira aproximação. Após esse encontro, ainda estabeleci um último contato telefônico com esse agente que insistiu, no entanto, que não teria mais

informações a me dar do que mãe da jovem desaparecida. Sendo assim, enquanto aguardava seu retorno ao Rio, entrevistei Rita.

1.2 - “Tenho amigos do morro”

Com essa afirmativa, Rita — antes mesmo das perguntas e do gravador ligado — deu início à entrevista, realizada em julho de 2006, em sua própria casa. Sua mãe é amiga e vizinha — de casa de campo — de uma amiga minha. Conversando sobre o tema em estudo, com esta última — Joana — ela imediatamente lembrou-se da história de Rita. A negociação para a entrevista levou alguns meses. Foram feitos contatos com a mãe da jovem, em seguida com seu pai e, finalmente, com a própria. Por fim, todos de acordo. Converso, então, diretamente com a mãe da Rita, que me autoriza a ligar para a jovem. Várias ligações telefônicas e agendamentos frustrados marcaram o contato com Rita que oscilava entre a aceitação verbal e a aparente desistência até, finalmente, conceder-me uma entrevista.

Antes de tudo, esclareço que, nesta entrevista, a abordagem que escolhi adotar não contemplou inteiramente o meu tema de pesquisa. Lembro que, a esta altura, as notícias sobre o assunto já eram bastante frequentes na mídia, contribuindo cada vez mais para seu enquadramento como “caso policial”. Como também, já estava em plena negociação para entrevistar outras jovens nos colégios público e privado, resolvi partir da mesma premissa adotada nessas instituições. Procurava, com isto, reconfigurar meu tema de pesquisa numa perspectiva mais abrangente.

A questão formulada como mote para a entrevista — sobre o exercício da juventude — buscava mapear visões de mundo, estilos de vida e trajetórias amorosas. A seguir, chamo a atenção para um aspecto relevante na reformulação da questão. Na verdade, desde o conhecimento das histórias de Cláudia e Paola e a maneira como eram correlacionadas às notícias dos jornais, eu era levada a crer na hipótese segundo a qual todas as jovens de classe média, freqüentadoras dos bailes *funk*, envolviam-se em relações afetivo-sexual com traficantes. Entretanto, à medida que me aproximava do tema em questão, tal premissa não se confirmava exatamente nesses moldes.

Alta, morena, cabelos longos, 16 anos de idade, Rita está proibida de ir aos bailes *funk* por vários motivos. Moradora de uma região ainda valorizada de Copacabana, Rita é desinibida e desencadeia nossa conversa afirmando não ligar “para as coisas reais da vida; eu tenho muito amigo do morro. Conheço; eu já fui, entendeu?” Vincula sua desinibição à profissão da mãe, uma médica e jornalista que já atuou como diretora geral de duas penitenciárias. O pai é engenheiro. Rita tem ainda uma irmã de 12 anos. Os pais são separados, mas a jovem não menciona nada a este respeito. Eu soube, no entanto, que ela tem muitas dificuldades em lidar com a separação dos pais.

Ao longo da entrevista, Rita alterna falas que revelam uma oscilação entre “memória” e “projeto”, nos permitindo observar, ainda que numa única entrevista, como vai se dando o processo de construção de sua identidade.⁴⁸ Numa sociedade complexa, coexistem diferentes estilos de vida e visões de mundo, tal como Gilberto Velho enfatiza em seus estudos. Aqui, tal percepção, pode ser evidenciada nos domínios de um único núcleo familiar. Schutz, ao desenvolver considerações a respeito “(d)Aquele que retorna ao

⁴⁸ Gilberto Velho, em seu texto “Memória, identidade e projeto”, analisa as “relações entre *memória* e *projeto* e sua importância para a constituição de identidade(s)” (2003c:99).

lar”, nos fala que, ao menos a princípio, tal experiência desperta o sentimento de um lar com “uma face não-familiar” (1979:289). Rita, de fato, transita por diferentes grupos sociais. À medida em que amplia o seu círculo de relações sociais, expande a sua “individuação”, nos termos de Simmel (1971d:252). Para aqueles que partilham de sua intimidade (no seio familiar), ela aos poucos vai se tornando algo estranha. O relato da entrevistada confirma também a percepção de Souto, para quem música e dança formam “elos inseparáveis de uma mesma corrente: falar do mundo *funk* era sinônimo de falar do baile *funk*” (2003:58). Segundo Rita, escutar *funk* em casa, só para limpar o quarto. O ritmo dá velocidade à faxina. A mãe e a irmã não suportam, no entanto, quando ela resolve escutar pagode o dia inteiro.

Sou a maió (sic) pagodeira (...) A minha mãe chega a ter dor de cabeça.

E quanto a seu pai?

Acha tudo uma bagunça [risos]. Meu pai [pausa] Meu pai nem fala mais nada (...) Tudo pro meu pai é estudo, se eu tiver bem no estudo, meu pai deixa o que eu quiser; ele acha que tudo é estudar.

Em diversas passagens, apreende-se do relato de Rita, a negociação que vai sendo constituída entre a sua família e outros indivíduos de sua rede social. Suas amigas são do balé, da escola, do Arpoador, do morro... Ela se considera “bem dividida”. A família revela seu duplo papel — tal como nos mostrou Simmel (1971d), a respeito da “dualidade sociológica” desta instituição — configurando, por um lado, uma espécie de extensão da personalidade individual e por outro, atuando como um complexo que viabiliza ao indivíduo, a sua distinção em relação aos demais (idem:263). Desde o início da entrevista,

Rita procurou mostrar o seu trânsito pelos diferentes mundos sociais, “metamorfoseando-se de acordo com o contexto” (G. Velho, 2003b:47) e se auto-definindo como “ecclética”.

Samba, pagode, (...) *hip-hop*, *funk*. Eu amo Frank Sinatra, gosto de MPB, adoro Elis Regina, Maria Rita, Guilherme Arantes... jazz. Adoro música americana que ... parece de igreja sabe? Aquelas negonas gritando. Eu adoro tudo.

Estudante da 8ª série de um colégio de elite, situado em uma área nobre da Zona Sul do Rio de Janeiro, Rita adianta que “levou bomba” no ano anterior. Aos 14 anos teve uma grave doença e quase ficou cega. Associa as consultas psicológicas eventuais ao episódio da doença. Gosta de teatro, dança, de “tudo um pouco”. A jovem demonstra uma atenção especial para com seus projetos de vida: faculdade de artes cênicas — “tudo com o corpo e teatro” — planejando para o próximo ano, levar a “sério” a realização de um curso de teatro e continuar na dança. E na faculdade, qual curso pretende cursar? Biologia? Produção cultural, talvez. Apesar de só estar fazendo “jazz e balé clássico”; o que ela realmente gosta e praticou por cinco anos é *hip-hop*, “dança de rua”. Fez também oito anos de natação, gosta de handball, de vôlei... Suas férias costumam transcorrer em Petrópolis ou Búzios. Religião? Judia, mas como estuda em colégio católico, sabe mais sobre esta última religião do que sobre a de sua mãe.

O *funk* é analisado por Jane Souto como uma “invenção de mercado” definida como um “caminho que se fez à margem ou nos interstícios do sistema, ou seja, que não foi impulsionado nem pela lógica empresarial, nem sob a tutela do Estado” (1997:62), percebe-se, em diferentes moldes, ao longo da trajetória desse ritmo como tal mercado continua sendo fomentado. Utilizando-se de programas de músicas na Internet, Rita nos dá uma pequena amostra do alcance desse mercado, ao gravar e vender CDs de músicas *funk* no colégio em que estuda e nos bailes nas favelas. Outro exemplo recente do potencial de

mobilização deste ritmo é o caso da psicóloga que trocou o consultório psicanalítico pelos bailes e está fazendo sucesso com sua dupla funkeira “A Princesa e o Plebeu”.

A história de Rita se diferencia não somente daquelas de Cláudia e Paola, como também dos casos noticiados pela imprensa. Com seu típico “jeito de ser carioca”⁴⁹, a jovem costumava freqüentar a praia do Arpoador, juntamente com colegas de colégio e moradores da favela Pavão-Pavãozinho. Conhecia todo mundo. Suas amigas sabiam que ela adorava dançar e sempre tentaram levá-la ao baile *funk* da favela mais próxima. Incerteza e medo levavam Rita a resistir aos convites, a princípio. A essa altura, tais eventos ainda configuravam uma “aventura”, nos termos de Simmel (1971c). Ela desconhecía os códigos que regiam esse universo. Até que um dia na praia, um amigo que morava na favela garantiu-lhe segurança. Ela estaria com ele – morador — e portanto nada lhe aconteceria. Ademais, tal experiência seria facilitada pela enorme desenvoltura demonstrada pela jovem em “escolher com que parte de sua personalidade quer participar dos grupos”.⁵⁰ Desde então, ela freqüenta os bailes do Galo, já tendo ido também àqueles das favelas Santa Marta e Mangueira. Quanto a este último, afirma detestá-lo por ser, segundo ela, um baile com muita droga e “caras atirando pro alto”. Como na maioria dos depoimentos que reuni, Rita afirma gostar da:

(...) batida é bom pra dançar. (...) Não é uma letra que você precisa pensar muito (...) em três minutos você pega. (...) Desde pequena, eu sempre gostei de *funk*. (...) MC Sabrina, MC Kátia, Mc Man. A Tati (...) está muito chata, as músicas dela estão muito chatas.

⁴⁹ O texto de Olívia Maria Gomes da Cunha, “Bonde do Mal”, desenvolve em profundidade o tema da sociabilidade da praia, sobretudo a da praia do Arpoador (2002).

⁵⁰ Refiro-me às idéias desenvolvidas por Schutz sobre o “significado subjetivo do pertencer a um grupo”. Sobre a liberdade de escolha de um indivíduo em função de um grupo, o autor afirma que “(...) pelo menos um aspecto da liberdade do indivíduo é o fato de poder escolher por si mesmo com que parte de sua personalidade quer participar dos grupos; o fato de poder definir sua situação dentro do papel do qual está incumbido; e de poder estabelecer sua própria ordem privada de relevâncias, na qual cada participação nos vários grupos tem o seu lugar” (1979:85).

A jovem menciona também as histórias relativas às “patricinhas” e “traficantes” nos bailes mas, antes de mais nada, faz questão de adiantar que conhece muita gente na favela, que não usa droga e que não consome bebida alcoólica. É capaz de reconhecer quem é o “cara da boca”, mas mantém-se afastada porque reconhece o perigo que uma aproximação poderia representar.

(...) Eu sei porque eu vejo “patricinhas” — amigas mesmo minhas — namorando bandido, achando isso legal, sabe? Chegar na rua e falar: “ah, meu namorado é bandido, sabe”? Tipo: “Lá, as pessoas gostam de mim porque eu sou diferente, sabe?”

Rita ainda enfatiza:

(...) Não uso droga, nunca usei; nem beber cerveja, eu bebo, sabe? Eu não vou lá pra ficar na ladeira que nem aquelas “patricinhas” [que] ficam usando droga (...) Todo mundo vai pra comunidade, mas todo mundo fala: “ah, favelado é isso, favelado é aquilo” (...) Eu não sou assim, sabe? Acho que todo mundo é igual (...). Eles são favelados por questão social, por questão do governo, não porque eles acham: “Eu sou favelado porque eu quero; ninguém gosta de morar em lugar que tem tiro, sabe?”

Em nenhum momento mencionei à Rita meu objeto de estudo. Ela, no entanto, mostra-se mobilizada pelas histórias que são manchetes nos jornais e procura delimitar a experiência que viveu nesse período em que freqüentava os bailes *funk*. Desse modo, ela deixa entrever dois aspectos que podem ser confrontados com as colocações presentes nas matérias jornalísticas. Por um lado, ela confirma uma dinâmica que envolve o namoro entre jovens de classe média — por ela denominadas “patricinhas” — e “bandidos”. Com isso, “patricinhas” que usam drogas teriam facilidade de acesso a elas, tal como divulgado pela mídia.

“Ela consome a droga e depois namora o bandido, ou ela tem uma atração pelo bandido, por armas”?

Isso também, porque todo mundo nessa idade é chegado a armas; acha isso, acha aquilo, sabe? Eu não acho. Muito pelo contrário. Mas todo mundo acha (...) Às vezes, não é nem por drogas (...)

“Atração por homem negro ou pelo homem armado?”

Ah! Por causa das armas!.

No filme “Notícias de uma guerra particular” de Salles, o depoimento de um morador de uma comunidade afirma igualmente que: “As cocotinhas lá de baixo gostam dos caras com armas” (1999). Rita, por sua vez, narra a sua experiência de namoro, assinalando que não passou nem pelas drogas, nem pela atração por armas. Ela teve dois namorados moradores da favela, ambos negros. Enfatiza, no entanto, que não eram bandidos e que ela não “fica com uma pessoa porque ela é preta ou branca”. Um dos namorado fazia um curso técnico e “não tinha nada a ver com o tráfico”; o outro, era jogador de futebol.

Sobre a proibição de ir aos bailes, ela explica que sua mãe não tem preconceitos com relação a suas amigas da favela, mas tem medo da violência nestes eventos, temendo os riscos que a filha estaria correndo. Além do mais, a mãe de Rita não gosta de *funk*. “Mas, o que você acha disso?”

Ah! Têm coisas que eu concordo (...). Óbvio que eu não vou querer uma filha minha (...) rodeada por um lugar que pode ter tiro, (...) porque, às vezes não é nem preconceito da gente, é preconceito de todo mundo, sabe? Entendeu? É uma classe social totalmente diferente que tem uma realidade, desde pequena, diferente da minha, sabe?

Rita, Paola e Cláudia não se enquadram nas matérias publicadas pela imprensa. Letícia Vianna, no artigo em que analisa a mídia e sua relação com juventude e velhice, afirma que a primeira “(...) pode ser considerada como uma visão de mundo (ou parte dele)

nos meios de comunicação de massa. E assim contém alguns pressupostos que orientam uma maneira de ser na sociedade” (Vianna, 1992:15). A autora assinala a importância atribuída pela mídia às matérias que abordam temas correlacionados à juventude, observando nas publicidades por ela analisadas, tal fase da vida sendo apresentada ao consumidor potencial como “parte da felicidade que deve ser conquistada a partir do consumo de certas mercadorias. (...) Mas aqui a juventude veiculada não está aprisionada à categoria etária, mas sim, é um ‘modelo ético-estético’” (Vianna,1992:15) para qualquer indivíduo.

As correlações entre o papel do consumo e a produção dos tipos de masculinidades aqui comentados constituem outro aspecto relevante. Piccollo (2006) assinalou os conflitos que emergem entre a imagem do traficante como um modelo para os jovens do projeto⁵¹, a morte de parentes, e o desejo de adquirir artigos de vestuário (de marca), dentre outros fatores. Esta mesma autora assinala que “(...) o estigma conferido a estes jovens é justamente aquilo que lhes confere identidade: suas roupas, seus cabelos, suas gírias, seus fascínios pelos símbolos ligados ao tráfico – carros, motos, armas, ‘novinhas’”(2006:177,178). Cláudia, buscando coerência nas relações de amizade estabelecidas na favela, também menciona uma explicação que passaria pela questão do consumo:

Eu fiquei amiga (...) Ele até morreu essa semana. Mas ele tinha o lado ruim dele, sei lá (...) Ele pobre, mora no morro, queria ter um Mizuno, um tênis de marca, não tinha dinheiro (...) A mãe passando (...) Sei lá, essa é real, é muito real!⁵²

⁵¹ Trata-se de projetos de inserção social desenvolvidos na comunidade pesquisada pela autora.

⁵² A este respeito, Souto analisa a letra de um *funk* que exalta o consumismo de objetos de marca. Cito integralmente: “A onda do funkeiro meu amigo agora é/De Nike, ou Reebok ou Puma estão no pé/De bermuda da Cyclone ou então da TCK/Boné da Hang-Loose, da Chicago ou Quebra-mar (...)/Outra novidade é o Mizuno que abalou/O tênis é responsa, é só andar muda de cor/Existem várias marcas, você vai se amarrar/By Toko, Alternativa, Arte Local ou TCK/Anonimato, amigo, abala de montão/KK é super shock, mas me amarro na Toulon/Inventaram o Lê Cheval, que atrás tem uma luzinha/Chinelo trançado da Redley,

O cara acaba entrando nessa.

Diversos enunciados e análises sociológicas reportam-se à difusão da ideologia consumista entre os jovens. O que tem representado um problema, segundo Souto, “é que, enquanto sonhos e aspirações de consumo generalizam, cresce a distância social entre os que podem ou não realizá-los, levando a que muitos jovens se tornem duplamente vitimados: pela privação do consumo efetivo do bem e pelo aprisionamento no desejo de tê-lo” (2003 [1997]:69). Essa mesma autora afirma que a exclusão e o desprezo social são elementos importantes para desencadear comportamentos violentos. Com relação a esta questão, Souto⁵³ refere-se à análise feita por Dunning sobre delinquência juvenil num bairro operário inglês.⁵⁴

A interpretação de Peralva nos mostra que procurar justificar a violência unicamente em termos das desigualdades sociais não responderia mais à configuração atual. Da mesma maneira, o comportamento da juventude pobre brasileira não se define necessariamente pela exclusão e pelo retraimento. Peralva afirma justamente o contrário: seu comportamento manifesta uma “dinâmica de inclusão e de participação”. Essa autora recomenda a separação analítica entre crime e conflitos para que “estes últimos possam expressar-se no espaço público sob formas públicas” (2000:179,180).

Topper, Rainha/Sou o MC Rogério, Marcelo sangue-bom/Moramos em Manguinhos/E cantamos com emoção (*Rap das Marcas* – MC Marcelo e MC Rogério)” (2003 [1997]:69).

⁵³ Souto, 1997:78,79.

⁵⁴ A este respeito, Leite Lopes afirma que “esses jovens sabem por experiência própria como eles e seus grupos familiares são desprezados não somente pelos grupos superiores, mas também pelas frações ‘estabelecidas’ das próprias classes trabalhadoras. É a experiência humana característica dessa situação social de marginalização que se deve ter em mente para se compreender tais manifestações de violência: o vazio da existência, o olhar para o mundo inacessível e declaradamente, através do consumismo e da publicidade, cada vez mais abundante para uma minoria dentre os estabelecidos, mundo do qual se sentem para sempre excluídos, que leva à vingança cega e à violência que se manifesta, entre outros lugares, no meio da multidão dos estádios”(1995:156,157).

Quando tomei conhecimento das histórias de Paola e Cláudia, a mídia ainda não havia divulgado os “escândalos” que envolviam relações afetivo-sexuais entre jovens de diferentes segmentos sociais. Tais histórias, no entanto, “sempre” existiram. Em 1987, a filha do ex vice-governador do Estado do Rio de Janeiro, Francisco Amaral, “se apaixonou” pelo traficante Meio Quilo – personagem importante na hierarquia do crime na favela do Jacarezinho. O jornal *O Dia* chegou a publicar uma matéria com fotos que registram o encontro do casal na penitenciária. Segundo os relatos que correm, não fora a morte do traficante, ao tentar a fuga do presídio em um helicóptero, e eles teriam se casado. Quando “novos” casos surgiram, em 2005, a mídia não somente passou a divulgá-los, como também realizou uma retrospectiva das histórias anteriores.⁵⁵

Em 1995, Flávia, neta de um ex-conselheiro do Tribunal de Contas do Distrito Federal, foi assassinada pelo gerente do tráfico do Morro do Vidigal. Por uma incrível coincidência, uma amiga minha — muito próxima — namorava, na ocasião, o primo de Flávia, e me contou, aterrorizada, o risco que havia corrido ao ser confundida com ela. Ao sair de carro, do prédio onde morava Flávia, Carina notou que um carro a perseguia. Totalmente imbuída dos problemas da família, ela pressentiu o que estava acontecendo. Afinal, todos os parentes mais próximos receavam a morte prematura de Flávia. Carina decidiu voltar para o prédio, e com a ajuda do porteiro, monitorou o afastamento do carro suspeito. A associação dos fatos, fiz há muito pouco tempo. De todo modo, ainda em tempo de conhecer detalhes não-midiáticos da história de Flávia. As fotos revelam uma jovem muito bonita, de classe alta, moradora de um amplo apartamento situado na Vieira Souto e que já havia sido casada com um jogador de futebol do Fluminense.

⁵⁵ *O Dia*, 15/04/2005.

O primeiro contato de Carina com a família de Flávia, havia se dado em torno a uma grande mesa de jantar, num grande salão, onde vários componentes da família se reuniram. Mais tarde, Carina saberia que Flávia era dependente de drogas, e que já havia passado por vários tratamentos de desintoxicação. Ao final, sua trajetória mesclava não apenas dependência, mas também envolvimento com o tráfico de drogas. Foi encontrada morta no porta-malas de um táxi. Embora a história de Flávia seja, hoje, arquivada nas mesmas estantes que armazenam os “casos” divulgados pela mídia impressa, seu relacionamento com traficantes teve um perfil totalmente distinto. Considero a história de Flávia um indicador que nos recomenda cautela ao analisarmos apressadamente as matérias jornalísticas.

A principal tendência dos registros da mídia — presentes em matérias divulgadas nos jornais fluminenses *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *O Dia* — é a de enfatizar o vínculo entre namoro de jovens, violência e tráfico de drogas. Categorias acusatórias constroem o “desviante” por excelência. As manchetes alertam igualmente para a prática de “aliciamento” de menores: “Polícia sobe morro atrás de jovens aliciadas”. Desta perspectiva, os jovens de classe média encontrariam nos bailes *funk*, o campo fértil para as “transgressões”. Observa-se ainda certa tendência a se enfatizar a ação policial que, mesmo não tendo sucesso em encontrar as “adolescentes aliciadas”, coíbe os bailes *funk* e “apreende 40 caixas de som, dois amplificadores, caixas de cerveja, cinco motos e três carros roubados”.⁵⁶

⁵⁶ *O Globo*, Caderno Rio. 30/04/2005.

“Policiais resgatam jovem em festa *rave*: Adolescente de classe média, que fugiu de sua casa na Barra, quarta-feira, teria se envolvido com drogas.”⁵⁷ “Pedro Dom morre”, a notícia é iniciada com o relato de que o “maior assaltante de residências do Rio (...) usou jóias roubadas em assaltos para atrair garotas de classe média para as favelas da Rocinha, e Vila Pinheiros”.⁵⁸ “Jovem que fugiu com namorado para favela é achada pela polícia: ela estava num barraco com rapaz que teria ligação com o tráfico do Fubá.”⁵⁹ “Traficante aliciava meninas” – “Violento, inteligente e astuto. Mas Berola ganhou fama “por preconizar uma das tragédias sociais da classe média carioca: o aliciamento de jovens, principalmente meninas, para o convívio com traficantes nas favelas. Sua arma: os bailes *funks* com livre consumo de droga nos morros, nascidos na década de 90”.⁶⁰

As primeiras matérias jornalísticas sobre o tema e, posteriormente o “Dossiê Amor Bandido”, apresentaram um aspecto interessante a ser destacado. A cada nova reportagem sobre qualquer assunto que pudesse ser aproximado das histórias sobre as relações entre “jovens de classe média e traficantes”, acoplava-se uma síntese revisitando as medidas policiais anteriormente tomadas. Dito de outra forma, o texto – na maioria das matérias – apresentava um resumo das ações impetradas pela polícia, vinculando-as às histórias anteriores. Para o leitor desavisado, os “casos de meninas com traficantes” estariam multiplicando-se desenfreadamente.

Além desse aspecto, as notícias que envolviam temas correlatos — tais como: drogas, festas *raves*, apreensão em bailes *funk* — eram imediatamente incorporadas ao “Dossiê Amor Bandido”. Tal observação confirma a observação de Sánchez-Jankovski que,

⁵⁷ *O Globo*, Caderno Rio. 17/09/2005, p.15.

⁵⁸ *O Globo*, Caderno Rio. 27/12/2005, p.17.

⁵⁹ *Jornal do Brasil*, Caderno Cidade. 21/07/2006, p.13.

em sua análise do discurso midiático sobre as gangues, percebia certa circularidade nessas reportagens, por vezes apresentando variações forçadas sobre o mesmo tema (1994:105). No caso aqui analisado, não há em nenhuma das matérias analisadas, a preocupação em se mostrar a trajetória investigativa que nos garanta tratarmos-se, realmente, de traficantes, os moradores de favela envolvidos com as jovens de classe média. O que sempre salta aos olhos é a distância social existente entre eles.

Como já mencionado, o jornal *O Dia* elaborou o “Dossiê Amor Bandido” que colecionava várias histórias com o mesmo mote. Uma delas, em especial, definiu seu perfil: o namoro de Tereza com o Marechal. Em abril de 2005, Tereza, moradora de Ipanema, pertencente às camadas médias, foi resgatada pela polícia no Morro do Turano, no Rio Comprido, onde mantinha um “caso de amor com um bandido”. Tereza passou 15 dias no “barraco do namorado”. No momento do resgate, a jovem afirmava: “Podem fazer o que quiserem. Quando eu completar 18 anos, volto para a favela”. Meses depois, as manchetes anunciavam: “Patricinhas trariam frascos de lança-perfume da Argentina ao Brasil” (*O Dia*, 2/11/2005). Tereza e sua irmã gêmea teriam participado – junto a outros jovens — do tráfico de lança-perfume.

Hoje, Tereza já completou 18 anos e não voltou para a favela. Namora, agora, um rapaz do colégio em que estuda. Acompanhei sua história por diferentes perspectivas. Na mídia impressa, várias notícias relatavam sua experiência como “aliciamento”. Marechal, por sua vez, importante ajudante do chefe do tráfico do Turano - o Berola - diz ter acolhido a jovem em sua casa porque ela lhe afirmara ter sido expulsa de casa.

Outro ângulo da história — de quem havia se relacionado diretamente com Tereza — me foi relatado por Rita. Elas foram colegas de escola e, segundo revelou minha

informante, a “garota era louca e adorava um bandido”. Por esse motivo, teria se dado o afastamento das duas jovens.

Outra visão sobre a mesma história foi obtida por intermédio do contato com uma repórter do jornal *O Dia*. Numa mensagem eletrônica que enviei a ela, sintetizava meu objeto de estudo e solicitava intermediação nos possíveis contatos. Meu intento era o de entrevistar aquela que teria idealizado o que mais tarde viria a configurar o “Dossiê Amor Bandido”. Esta jornalista – Janice — respondeu-me, imediatamente, e mantivemos contatos que se prolongam até o presente momento. Janice trabalhava com uma das irmãs de Tereza e, naquele momento, já me prevenia da impossibilidade de realizar uma entrevista com a jovem. Tereza estaria vivendo um namoro “normal” com um rapaz de seu novo colégio, e não estava disposta a revisitar um assunto que, a seu ver, havia ganho excessiva projeção midiática. Mesmo assim, resolvi tentar. Conversei com a irmã de Tereza que se comprometeu a consultar a irmã sobre a possibilidade de uma entrevista. Para surpresa de todos, sobretudo a minha, ela concordou. Telefonei, então, diretamente para Tereza. Conversamos e marcamos uma entrevista na casa dela. Antes disso, no entanto, alertei a jovem sobre a necessidade de solicitarmos a autorização de sua mãe—pesquisar um tema que envolve jovens menores de idade, exige o contato prévio com os pais ou responsáveis. Na ocasião, ela ainda me lembrou que já tinha 18 anos completos, tendo portanto, autonomia para tomar a decisão. Ao mesmo tempo em que fazia a ressalva, passava o aparelho telefônico para a mãe que, imediatamente, acatou a decisão da filha. Marcamos a data. No dia da entrevista, no entanto, a mãe de Tereza telefonou-me, adiando o encontro para um outro dia. Neste outro dia, e em outros posteriores, não tive mais acesso à Tereza. Por fim, sua mãe encerrou delicadamente a negociação. Tendo em mente a diferença

marcante do contexto no qual Pollak analisa “Memória, Esquecimento e Silêncio”, aqui, nas negociações das entrevistas, “o silêncio tem razões bastante complexas” (1989:6):

Tereza não queria mais falar no assunto. Nem ela [a mãe].

Num encontro que tive com Janice – a jornalista — confirmaram-se as informações que havia reunido a respeito de Tereza. Ela e Rita freqüentavam a mesma praia, o Arpoador. O pai, taxista, havia sido comerciário. Com a separação, ele teria enfrentado dificuldades financeiras que o obrigaram a tomar decisões constritivas.

A seguir, apresento a história de Tereza na versão produzida pelo Conselho Tutelar.

1.3- As “meninas” nos arquivos do Conselho Tutelar

“Conselho Tutelar do Rio de Janeiro registra 1000 casos de jovens que fugiram de casa por causa do tráfico de drogas”. Baseando-me em tal reportagem, publicada em abril de 2005, resolvi realizar uma visita a esta instituição – doravante CT – para checar as informações e avaliar a possibilidade de consulta aos arquivos. A notícia que motivou a visita dava mais detalhes sobre “jovens de bairros ricos do Rio de Janeiro que subiam as favelas para os bailes funk, (...) e não voltavam para casa”. As especulações sobre as motivações para um comportamento deste tipo giravam em torno de conflitos com a família, desejo de liberdade, “paixão” repentina ou acesso fácil a drogas.

“Paixão” é, dentre outras, uma categoria que remete a relações afetivo-sexuais e que, certamente, salta das narrativas analisadas, obtendo expressiva adesão de seus espectadores/ leitores / ouvintes. Ao concordar com a idéia de que há momentos de “irrupção do irracional” na vida das pessoas, Gilberto Velho afirma que “a forma

privilegiada para o surgimento dessas situações é a experiência de paixão (...) e embora apareçam outras como amor, atração, desejo, há um tom particularmente vigoroso quando aparece ou é verbalizada a paixão, propriamente dita” (2002 [1986]:91). Tendo estas questões em mente, dei início à busca pelas “meninas” nos arquivos do conselho tutelar.

A fim de pesquisar a participação do CT no atendimento às famílias envolvidas nos eventos em questão, incluí visitas regulares a esta instituição na rotina do trabalho de campo. A esta altura, intrigava-me a veracidade da informação que circulava, anunciando que o CT da Zona Sul teria se ocupado de mil casos de “meninas” de classe média que se envolveram com traficantes. Logo em seguida, no entanto, já me deparava com uma matéria impressa da Revista *Isto É*, na qual uma conselheira do CT de Laranjeiras dizia “receber em média três casos desse tipo por semana”.⁶¹ Ao consultar os arquivos do CT, encontrei somente seis “casos” registrados.

O “caso referência” no denominado “Dossiê Amor Bandido”, anteriormente mencionado, era o de Tereza, que havia se apaixonado por um traficante do Morro do Turano (Rio Comprido), ali permanecendo por cerca de uma semana. Essa jovem teria afirmado que “lá [na favela] estava mais protegida do que em qualquer lugar”, acrescentando, ainda, que na favela “as pessoas são mais humildes, não são falsas”.

Ao consultar o registro desse “caso” no CT, percebi a importância que lhe era atribuída. A conselheira que havia atendido a família de Tereza reunira numa pasta todas as matérias impressas que formavam o “Dossiê Amor Bandido”. Antes de mais nada, tal história havia conferido à instituição uma projeção antes impensável. Afinal, atender a classe média da Zona Sul envolvida em histórias amorosas escusas, vivenciadas em meio à

⁶¹ *Isto É*, edição n.º. 1854, 2005.

violência do tráfico de drogas nas favelas do Rio de Janeiro, era algo que “vestiam como uma luva” para um fenômeno midiático. A propósito desta questão, Sánchez-Jankovski (1994) afirma que uma das questões para as quais um jornalista deve atentar ao formular suas matérias, é se a reportagem em elaboração comporta ação suficiente. No jargão jornalístico, “ação” é emoção, e os jornalistas costumam recorrer a dois tipos de registros: “o da violência e o da emoção através da tristeza e raiva/ódio suscitados pela morte” (Idem:101).

Ao longo do texto, tenho apresentado elementos que indicam o importante papel da mídia impressa na construção da imagem dessas “meninas”, ora desviante, ora vitimizada. As noções de desvio — e as reações que suscita nos outros — idéias centrais no trabalho desenvolvido por Becker, perpassam todas as histórias levantadas no CT, na medida em que cada vez com maior ressonância, o “rótulo” de “desviante” era aplicado às jovens ali acompanhadas (1973:33). A interface entre as famílias das jovens envolvidas, e as intervenções administrativas — dos conselheiros e técnicos — revestidas de ações “conciliadoras”⁶², quando comparada ao tratamento que a mídia confere ao tema, configura um elemento da análise que revela as reações dos outros e as diferentes interpretações, em jogo, das noções de desvio.

Após as primeiras matérias sobre a experiência de Tereza no Morro do Turano, o CT recebeu várias visitas de jornalistas em busca de maiores informações sobre o assunto. Tal situação foi uma das razões pelas quais tive dificuldade de acesso aos arquivos: eu era

⁶² Adriana Vianna, ao discutir o papel dos *especialistas* na construção dos processos civis envolvendo guarda e adoção de crianças, analisa as *ações conciliadoras* dos assistentes sociais, esclarecendo que na “gênese do serviço social” está a preocupação em “colaborar na resolução de conflitos e na preservação de relações” (2002:52).

constantemente confundida com eles. Apesar da resistência encontrada, uma conselheira concedeu-me uma breve entrevista na primeira visita e falou-me a respeito de Tereza.

Em fevereiro de 2005, Dulce - mãe de Tereza - foi procurar ajuda dos conselheiros para lidar com o comportamento de sua filha de 16 anos, moradora de Ipanema, estudante de um colégio público de Copacabana. Na ocasião, Dulce queixava-se da conduta de Tereza, e os registros nos arquivos do CT descrevem que a “adolescente apresenta comportamento desafiador. Não cumpre regras, e não reconhece a autoridade dos pais”. Os pais tentavam travar um diálogo com a filha há 2 anos, mas não observaram nenhum progresso nessa direção. O CT era a primeira instituição formal para a qual eles procuravam ajuda. Os pais de Tereza são separados e têm, ao todo, 6 filhos: Tereza e sua irmã gêmea, e mais outros dois irmãos e duas irmãs. Em uma visita posterior ao CT, mãe e filha compareceram para expor ao conselheiro o problema que atravessavam. Um aspecto que todos enfatizam, refere-se à beleza de Tereza. Rita que estudou com ela, Janice que a conhece pessoalmente, os conselheiros que a atenderam, são todos unânimes quanto a esta percepção — impressão que também me causaram as fotos parciais publicadas nos jornais. A afirmação que mais ouvi a seu respeito foi a seguinte: “Você não imagina como ela é linda!”

Para o conselheiro, Tereza “confessa” que o seu “problema é que não quer estudar no colégio público, pois seu pai poderia pagar seus estudos em uma escola particular. Suas “fugas” de casa, segundo a jovem eram em direção à casa de amigos. Em março desse mesmo ano, no entanto, a mãe de Tereza não atendia mais ao telefone. Seu número mudara e ela punha fim a seus contatos com o CT.

O relato seguinte revela que o pai de Tereza havia comunicado à Delegacia, a fuga de sua filha e, através de amigas suas, soube que a última vez que Tereza foi vista, havia sido num baile *funk* no Morro do Turano. O relato do CT descreve sinteticamente as atitudes “rebeldes” de Tereza e o fato de que seu relacionamento com “traficantes” conferia-lhe segurança para ameaçar todos em casa, dizendo que “iria mandar matar e que era amiga do pessoal do Morro”. Em abril de 2005, Tereza foi “resgatada” pelo BOPE na referida localidade.

Já mencionei anteriormente que, no final de 2005, Tereza e sua irmã gêmea haviam sido manchete do “Dossiê Amor Bandido”. Dessa vez, no entanto, com o seguinte subtítulo: “Carregamento de peso: carga de lança-perfume com gêmeas surpreende delegado do Rio. Rota a partir do Paraná é muito pesada”.⁶³ Nesta matéria em particular, o “Dossiê Amor Bandido” agrega um conteúdo estranho à sua temática. Uma coluna estreita, no canto direito da página do jornal, sintetiza, no entanto a história vivenciada, meses antes, por Tereza. Efetuando vínculos entre temas díspares — mas unidos pelo rótulo “Dossiê Amor Bandido” — a mídia impressa apresentava diferentes versões sobre o mesmo tema.

Os próprios conselheiros se surpreendiam com essas histórias. Eles as comentavam com grande ênfase, sobretudo quando se tratava de uma “jovem muito bonita”, tal como eles descrevem Tereza. À primeira vista, vários motivos desencadeariam as reações de espanto que as pessoas normalmente manifestam diante de notícias desta natureza. Não fica totalmente claro se o que causaria mais surpresa seria o fato de serem jovens de classe média, moradoras da Zona Sul, que, a despeito de serem “bem educadas e terem de tudo”, se envolvem com bandidos. Ou ainda, se seria o fato de serem garotas brancas, loiras, que

⁶³ *O Dia*, 06/11/2005, p.20.

“ficam” com um negro — a exemplo daquela mulher do século XIX descrita por Gilberto Freyre como “branca e fina, sensível ao encanto físico e ao prestígio sexual do mulato – homem aparentemente mais forte, mais vivo, mais estranho (...), talvez mais ardente do que o branco (...)” (2003:246).

Para a polícia, o fenômeno é tratado como um “rapto consensual”. As manchetes na mídia impressa, por sua vez, descrevem “aliciamentos de menores”. Tereza prometia que voltaria quando tivesse 18 anos. Sandra – uma outra jovem - só retornou para casa depois que o próprio namorado fez com que ela saísse do morro.⁶⁴ De qualquer maneira, os “aliciamentos” de hoje nos remetem à descrição de Gilberto Freyre a respeito das notícias de:

[...] raptos de moças por homens ou rapazes que o critério patriarcal desaprovava para a condição de genros; e em numerosos casos a questão da branquidade parece ter sido o motivo da desaprovação paterna a uniões que afinal se realizavam romanticamente; ou romanticamente se resolviam com o recolhimento da moça a convento e o suicídio, às vezes, do rapaz apaixonado (Freyre, 2003:247, 248).

Os mil casos de jovens que fugiram de casa para morar nas favelas não foram confirmados pela conselheira Tânia. Ela afirma que em nenhum momento foram consultadas quanto ao exato número de “casos” sob sua responsabilidade. Garante, no entanto, que nos últimos tempos este número havia realmente aumentado, e infelizmente a desorganização dos arquivos impedia uma investigação mais precisa a este respeito.

Este e outros fatores provocam deslizes na compreensão desse fenômeno. A definição de classe média é um desses fatores. O termo “classe média” perpassa os diversos discursos desse estudo, e por isso tenho buscado abordá-lo de acordo com as diferentes

⁶⁴ *O Globo*, 24/04/2005, p.21

perspectivas que se apresentam. A conselheira Tânia, por exemplo, afirma prontamente que não se tratam de “pobres do asfalto; são moradoras de Ipanema, estudantes”. A dúvida que permanece é se não haveria aí um “mito de Ipanema” — não exatamente nos mesmos moldes que Gilberto Velho descreve para o “mito de Copacabana”, mas, certamente, com alguns elementos que se identificariam com este último. Velho, em seu livro *A utopia urbana*, nos mostra a complexidade desse bairro – Copacabana — que, dentre outros aspectos, reúne num único trecho hotéis, bares, “inferninhos”, “maus elementos”; mas também “prédios de luxo” e “comércio mais sofisticado”. Em certo sentido, Ipanema também é um bairro que, em determinados trechos, reúne características aparentemente díspares. Associar a moradia em Ipanema exclusivamente às camadas médias pode levar a análises apressadas. Nesse estudo, tenho trabalhado com as formulações de Gilberto Velho que nos possibilitam análises para além das diferenças de classe, considerando as diferentes visões de mundo e ethos em jogo (1982 [1972]; 1998).

Contrastar classe média, ou classe média alta – moradora de Ipanema ou Copacabana – com “favelado” ou “traficante”, faz saltar aos olhos os níveis de “poluição” provocados por uma relação afetivo–sexual entre uma jovem pertencente a um estrato social mais elevado com um morador da favela. Às vezes, de fato, há a –confirmação de tratarem-se de traficante de drogas; em outras situações tais afirmações perenizam como conjecturas. Pesquisando os arquivos do CT, passei por registros de mães – moradoras da favela – que também se queixavam do namoro de suas filhas com traficantes. As conselheiras igualmente mencionaram alguns desses exemplos. Contudo, nenhuma dessas histórias foi inserida no “Dossiê Amor Bandido”.

Para a alegação de “amor bandido”, no CT, a conselheira Tânia opõe outra leitura. Para ela, o que as “meninas” procuram nestas situações é o “amor”, mas não o “amor bandido” que vem sendo anunciado nas manchetes de jornais. É provável que essa conselheira compreenda o “amor” como uma aventura, nos termos de Simmel: a aventura efêmera em que o presente toma conta do aventureiro (Simmel, 1971e). Sendo assim, Tânia conclui sua argumentação afirmando que “algumas pessoas fazem *bungee-jump*⁶⁵ à procura de adrenalina; outras gostam de subir o morro”.

No final de novembro de 2005, retomei as visitas ao CT mas, dessa vez considerando-o como parte do meu trabalho de campo. Por orientação do grupo de conselheiros, eu passaria a concentrar minha frequência nos finais de semana.

O acesso aos arquivos – “capital de informação” — do CT foi marcado por uma negociação que oscilava entre o consentimento e o impedimento à consulta das informações. O arquivo, no caso estudado – “um instrumento de acumulação de conhecimento” — constitui-se num exemplo daquilo que diz Bourdieu, para quem “o Estado concentra a informação, que analisa e redistribui. Realiza, sobretudo, uma unificação teórica.” Essa centralização e monopolização da informação no CT parece ser uma das poucas “moedas de troca” a alimentar o “capital simbólico” dos conselheiros (Bourdieu, 1996:104,105).

Na minha primeira visita ao CT – em meados de 2005 — a consulta aos arquivos foi completamente inviabilizada sob a alegação de que os dados não seguiam um tratamento classificatório em função dos casos atendidos. No final de 2005, já com a nova equipe de

⁶⁵ Termo cunhado em 1990 que consiste em um “salto no vazio praticado de lugares altos (p.ex., uma ponte), com o saltador amarrado pelos pés numa corda elástica que o impede de se chocar contra o chão” (Dicionário eletrônico Houaiss 1.0).

conselheiros, a autorização deveria passar pela Promotoria da Infância e Adolescência. De fato, a princípio, os conselheiros pareciam preocupados não somente com o respeito ao sigilo das informações por eles armazenadas, mas também com o destino que eu poderia dar a estes dados. Lembro que as situações que me interessavam para consulta eram justamente as mesmas que se tornaram matérias jornalísticas das colunas policiais. A primeira pergunta inevitavelmente feita era: “Você é jornalista?” Finalmente obtive uma autorização do promotor para consultar pessoalmente os arquivos. Os conselheiros, contudo, somente autorizaram a consulta intermediada por um administrativo (profissional de apoio) que buscava os registros de atendimentos que eu ia definindo. Ao mesmo tempo, eu procurava argumentar com os conselheiros sobre a dificuldade e inviabilidade desse método proposto. Para encurtar a história, num determinado momento eles acabaram permitindo o acesso pessoal aos arquivos, suspenso logo em seguida — pelo tempo necessário para consulta de todos os conselheiros. Na ocasião, pedi que a minha solicitação entrasse na pauta da reunião mensal, obtendo recentemente – abril de 2006 - a autorização deste colegiado de conselheiros.

Consultei os arquivos referentes ao período compreendido entre abril de 2005 e abril de 2006. O critério adotado para a fixação da data de início foi o momento de surgimento das primeiras matérias impressas sobre a questão, e ainda do filme “Quase dois irmãos”⁶⁶. O objeto deste estudo não era o foco central do filme em questão, mas ainda assim era abordado em sua narrativa. O período selecionado cobria transições dos conselheiros, e, com isso, pude perceber seus diferentes estilos narrativos. Em sua maioria, no entanto, os textos apresentavam um estilo que fragmentava as informações, não

⁶⁶ Murat, 1998.

apresentando respostas, ou resoluções para os “casos”. Por outro lado, a inconclusão dos “casos” também dava a de que as histórias seguiriam seu curso tal como a vida, sem data precisa de “fechamento”. Os pareceres dos psicólogos eram, por sua vez, mais detalhados. Contudo, por vezes, as conclusões e “diagnósticos” pareciam-me algo apressados.

Os relatos sobre as histórias das “meninas” costumavam partir das queixas dos pais sobre a falta de interesse das filhas pelos estudos. Sheyla, moradora de Laranjeiras, teve várias repetições escolares. Seu irmão mais velho estuda e trabalha em Londres. A mãe é delegada de polícia e o pai, engenheiro. Os relatos descrevem pais presentes e preocupados sobretudo com a educação formal dos filhos. A mãe, de “temperamento mais forte” — em comparação com o pai, mais “dócil” — seria quem enfrentaria os embates diretos com a filha. Eles relatam que a jovem estava “envolvida com um rapaz problemático”, que se encontrava preso na Polinter. A jovem, inconformada, estaria negociando a soltura do namorado. Além de tudo, havia uma suspeita de gravidez pairando no ar. Segundo os pais, a “adolescente não faz projetos para o futuro e só pensa em bailes *funk* nos finais de semana”. Com frequência, o conselheiro costuma solicitar acesso ao boletim escolar. Desta vez, veio anexado a este, um outro documento que permitia avaliar o número de faltas e a queda das notas escolares. Esse “caso” teve a intervenção da Promotoria da Justiça da Infância e da Juventude que cobrava mais rapidez nas medidas necessárias. O desfecho do atendimento no CT aconteceu com o acompanhamento psicológico da jovem.

À primeira vista, o Conselho Tutelar atende, preponderantemente, as camadas populares. As conselheiras argumentam, por sua vez, que a instituição atende também as camadas médias, entretanto, o que as diferenciaria das primeiras, seria a maneira como reagem às intervenções do Conselho. Ao contrário daqueles pais pertencentes às camadas

populares, os conselheiros assinalam que a primeira preocupação dos pais de classe média é com sua auto-imagem: eles imediatamente perguntam o que os outros irão pensar deles.

Tal aspecto tem influência considerável nas relações que se estabelecem entre familiares e conselheiros. As descrições dos “casos” eram sucintas, fragmentadas, revelando que os contatos eram interrompidos sem deixar sinais dos reais motivos pelos quais as famílias procuravam ajuda. A história de Marta é um exemplo disto. A jovem reside em Botafogo, com a avó materna, e sua mãe, numa cidade do interior de São Paulo. A avó procura o CT queixando-se que a neta não a respeita e que abandonou a escola. Chega tarde todas as noites — dormindo várias vezes fora de casa — e costuma frequentar os bailes *funk* nos morros. Essas são as únicas informações reunidas sobre Marta. O conselheiro finaliza o seu registro, descrevendo apenas que ela fugiu, tendo permanecido cinco dias fora de casa. Quando os atendimentos não são encaminhados para o psicólogo, a disponibilidade de informações é ainda mais reduzida.

Há pouco mencionei a preocupação com a auto-imagem nas camadas médias. Os conselheiros observam várias situações em que os familiares não voltam ao CT, nem atendem ligações telefônicas. Algumas vezes, tais profissionais ainda tentam o contato através de visita domiciliar. Mas, na maioria dos casos, os encontros são definitivamente interrompidos.

Diversas situações são acompanhadas pelo CT e revelam a presença – em graus distintos — da administração estatal no cotidiano das famílias. Tais “casos” remetem às discussões acerca de uma das dimensões da família – a “privado” — em oposição à “pública”. Nesse sentido, Vianna menciona tal questão em sua pesquisa sobre os processos de guarda e adoção, e em temas que abordam a “gestão de minoridades”. Ao contrário da

dicotomia simplista entre “público” e “privado”, Vianna opta por desenvolver ao longo do seu estudo a idéia de “complementaridade entre administração e unidades domésticas na gestão de menores”, assinalando que essa

[...] complementaridade se faz a partir não da imposição de um modelo ideal, mesmo que ele esteja presente como base ideológica, mas sim buscando viabilidades e mesmo tolerâncias frente à distância percebida entre as casas concretas e esse modelo (Vianna, 2002:280).

Devo ressaltar que os conselheiros atuam em diversas ações; neste estudo, no entanto, refiro-me sobretudo àquelas voltadas a resoluções de conflitos familiares. Para as experiências das “meninas” que namoram com traficantes, ou para as queixas dos pais que descrevem a “desobediência” dos filhos, tais profissionais buscam o retorno à “normalidade”, tal como vislumbra Bourdieu uma discussão mais ampla em que traz mais elementos para a compreensão do instituição familiar. Para esse autor, “a família (...) é um privilégio instituído como norma universal” (1996:130) As negociações entre pais, conselheiros e técnicos da infância e adolescência parecem buscar o “privilégio simbólico”, que Bourdieu define como “o de ser como se deve, dentro da norma, portanto, de obter um lucro simbólico da normalidade” (Idem, Ibidem).

Desse modo, as famílias buscam recuperar essa “normalidade” por intermédio dos conselheiros. A “poluição” dessas histórias revelaria o desequilíbrio entre “ordem” e “desordem” social nos termos de Douglas, para quem:

[...] a sociedade está sujeita a pressões externas; o que não está com ela, não é parte dela e não está sujeito a suas leis, é potencialmente contra ela. (...) acredito que idéias sobre separar, purificar, demarcar e punir transgressões, têm como sua função principal impor sistematização numa experiência inerentemente desordenada. É somente exagerando a diferença entre dentro e fora, acima e abaixo, fêmea e macho, com e contra, que um semblante de ordem é criado (1966:15).

“Pais bonitos”. Assim a conselheira começava a narrar a história de Valéria, antes mesmo que eu encontrasse seus vestígios no arquivo, acrescentando que a jovem também era muito bonita. Valéria tem 15 anos e mora na avenida Epitácio Pessoa, num bairro nobre da Zona Sul. Seu pai é consultor naval e empresário, com negócios fora do Rio de Janeiro. Quando Valéria fugiu de casa, seus pais decidiram procurar ajuda jurídica e chegaram ao CT após as intervenções e encaminhamento do juiz. O passo seguinte seria transferir a filha para outra cidade. Ali, no entanto, ela também se “juntaria às pessoas do ‘mal’”.

Dessa vez, a mãe procurou o CT, afirmando que tudo teria começado quando a jovem passou a freqüentar os bailes *funk*. A despeito das proibições, Valéria “ficou um tempo na favela”. Ela estava namorando um “bandido” que, na época, era conhecido não somente pelos assaltos às residências da Zona Sul, como também por sua origem de classe média. Tal aspecto lhe proporcionava trânsito mais fácil entre dois “mundos”: o “morro” e o “asfalto”. Isto também facilitou a saída de Valéria da favela em que estava quando seus pais foram buscá-la. Ela só deixou a localidade a mando do namorado.

Nos registros consultados nos arquivos do CT, as menções ao *funk* sempre são tidas como indícios da adoção de um comportamento “desviante”. Num relato, em especial, encontrei: “desvio de conduta”. A “marca do sociocultural”⁶⁷ imiscui-se num discurso em que prepondera a dimensão psicológica.

A maneira como os dados são arquivados na instituição não deixa claro se todos os registros estão alocados num mesmo local. Intrigava-me a defasagem entre os “mil casos anunciados” e o número ínfimo que eu encontrava nos registros. Ao indagar os conselheiros a respeito dos “casos” que se inseririam em meu objeto de estudo, eles descreviam histórias

⁶⁷ Velho, 2003 [1985]:28.

com um ou outro elemento que me pareciam levemente reportar às “meninas”. Logo em seguida, no entanto, eu percebia que, de fato, não se tratava do tema em estudo. As conjecturas trazidas por esse aspecto ainda serão analisadas com mais cuidado, logo adiante. Mas uma hipótese já poderia ser levantada a partir das primeiras matérias impressas sobre a “menina que ficou no Morro do Turano”. Lembro-me de que a primeira vez em que fui ao CT, a conselheira que atendeu a família dessa jovem, mostro-se completamente indisponível a entrevistas. Ela justificava que já havia sido procurada por vários jornalistas, em busca de mais informações. Ao mesmo tempo, no próprio CT, tal “caso” também possuía o mesmo tratamento daquelas matérias relativas ao “Dossiê Amor Bandido”. O que estou sugerindo, aqui, é pensarmos para o caso do CT, o no mesmo mecanismo presente nas matérias jornalísticas: várias versões sobre um mesmo tema.

Capítulo 2 – Famílias

Às vésperas do carnaval, vários sambas enredo compunham a atmosfera de um bar em Quintino, cenário escolhido para o início das entrevistas com as famílias das “meninas apaixonadas” por traficantes. O dia estava ensolarado, tal como aquele em que estive no Parque Lage, local das primeiras entrevistas realizadas.⁶⁸ Mas aqui – no bar em Quintino — a luz do sol exacerbava não somente o calor e a poeira de uma rua inóspita, como também os dorsos e as correntes de prata dos homens sentados ao bar. Todos indolentemente recostados, bebendo cerveja num lugar em que nem mesmo o samba os fazia movimentar. O único movimento captado parecia ser o de um táxi que transportava uma passageira um tanto insegura diante de todos aqueles olhos voltados em sua direção. Iniciante na antropologia, eu havia planejado, acima de tudo, chegar com bastante antecedência ao local da entrevista. O entrevistado não deveria esperar. No entanto, logo percebi que tampouco saberia o que fazer com tanto tempo de espera naquele bar.

O táxi estava a ponto de parar, quando intempestivamente decidi que havia esquecido algo muito importante no local em que estacionara meu carro. Como desconhecia a região, optei por deixar o carro no shopping Madureira — o que percebo ter sido uma decisão inteligente, já que nem mesmo os motoristas de Quintino localizavam a rua sugerida pelo entrevistado para o encontro.

De volta ao shopping, só retornaria ao bar com certo atraso. Desse modo, procurava assegurar que Ernesto – o pai de Sofia – já estivesse no local combinado. Além do mais,

⁶⁸ Refiro-me às primeiras entrevistas realizadas com Paola e Cláudia, analisadas no capítulo anterior.

àquela altura, eu já conhecia exatamente a “situação” daquele bar, e dava a impressão ao segundo motorista do táxi, que eu era uma *habituée* da região. Surpreso com as minhas indicações tão precisas a respeito da localização de um bar em Quintino, o motorista encarou-me através do espelho retrovisor, dizendo: “mas a senhora vai começar a beber a essa hora? Às duas horas da tarde?!”

Nem as minhas gargalhadas foram capazes de aliviar-lhe a tensão. O motorista, então, desencadeou uma querela em torno de sua decisão de me aguardar até o final da entrevista — a despeito de minha determinação em não pagar o valor registrado pelo taxímetro durante o período de espera. Assim, uma vez acordados, o motorista do táxi permaneceu estacionado em frente ao bar até o final da entrevista, que durou aproximadamente uma hora e vinte minutos. Ernesto, de fato, já me aguardava.

À procura de mais dados empíricos sobre o tema, enviei uma mensagem eletrônica para o jornalista que havia assinado uma matéria impressa do jornal *Extra*, com o seguinte título: “Escortada de volta para casa: jovem que fugiu na véspera do Natal para se encontrar com namorado que seria traficante é resgatada em morro”.⁶⁹ Tal jornalista intermediaria meu contato com o pai de Sofia – Ernesto que, por sua vez, me apresentou a Carmem, irmã de Sofia.

Ao mesmo tempo, eu também vinha buscando com afinco aproximar-me de Dayse, mãe de uma jovem desaparecida desde 2004 cuja história ganhou ampla notoriedade, devido ao fato de Mariza — a jovem desaparecida — ser irmã de um famoso competidor e campeão em uma modalidade de luta livre. Além da visibilidade alcançada na mídia, Dayse

⁶⁹ Jornal *Extra*, 27/12/05, p.10.

liderou uma passeata na qual reuniu vários artistas, fez diversas denúncias e apelos e ofereceu recompensas para aqueles que dessem informações sobre sua filha.

Neste capítulo, apresento, portanto, as narrativas das famílias das “meninas”. Debruço-me, sobretudo, sobre as entrevistas realizadas com Ernesto, Carmem e Dayse. Comento, outrossim, as falas que surgiram em conversas informais com pessoas que, na ausência do gravador, revelaram com maior segurança e espontaneidade o que sabiam e pensavam sobre essas experiências. Continuo, como de costume, confrontando esses dados empíricos com as matérias jornalísticas.

Em busca de “meninas” que pudessem conceder-me uma entrevista e confrontada à minoridade dessas jovens, acabei em contato com suas famílias. Antes de tudo, seria preciso obter a autorização destes pais para uma possível entrevista com as jovens. As “meninas” eram, em geral, afastadas da cidade, ou não queriam mais falar sobre o assunto. As famílias, por sua vez, mostravam-se bastante disponíveis para as entrevistas.⁷⁰ Alguns relatos reproduzidos nos jornais deixavam entrever que a decisão dos pais de procurar o delegado encarregado desses “casos” tinha a ver com sua percepção dos depoimentos como denúncias. Tais relatos costumavam aprovar a repercussão que o “Dossiê amor bandido”⁷¹ vinha causando na opinião pública.

Nas falas dos entrevistados reproduzidas neste capítulo, o sentimento de estar “contribuindo para a pesquisa” era a justificativa para a enorme vontade de compreender as

⁷⁰ Refiro-me às famílias contatadas para esse estudo. Duas mães recusaram-se a conceder-me entrevista. Em contato telefônico, uma delas justificou-se da seguinte forma: “Não quero mais falar no assunto”.

⁷¹ Ao analisar a repercussão na mídia do “surfe ferroviário praticado por jovens pobres”, Peralva assinala como foi “inovadora (...) no Rio de Janeiro (...) a ação desenvolvida entre a mídia. A imprensa escrita e televisiva se havia mostrado sensível ao fenômeno do surfe ferroviário, pelas dimensões de espetáculo, ao mesmo tempo real e metafórico, do risco que ele comportava ” (2000:173). Compreende-se por “surfe ferroviário”, o uso “não convencional” dos trens urbanos, no qual passageiros viajam no teto desses meios de transportes (2000:165).

experiências semelhantes vividas por outras famílias com suas próprias jovens. Havia sempre uma expectativa em torno dos dados empíricos reunidos pela pesquisa, o que inevitavelmente me levava a sintetizar para os entrevistados, as primeiras impressões colhidas até aquele momento. Se no conselho tutelar tomavam-me por jornalista, as famílias, por sua vez, tomavam-me por psicóloga — o que fazia com que a concessão da entrevista se fizesse acompanhar pela expectativa da obtenção de “conselhos” — o que também acabou por inviabilizar a realização de algumas entrevistas: as “meninas” temiam uma “repreensão supostamente encomendada pelos pais”.

Evidencia-se, nas entrevistas, o risco envolvido nessas experiências. As jovens vivenciaram cenas violentas, presenciaram e fugiram de tiroteios, e suas famílias sofreram ameaças. Porque intensas, é provável que tais cenas preponderem em minha análise. Sem afastar esse aspecto, esforço-me, contudo, para analisar que elementos subjacentes às justificativas que se apóiam no aspecto da violência.

Chamo a atenção ainda para um outro lado da questão. A decisão de entrevistar os familiares também estava associada à vontade de investigar as hipóteses construídas — pela mídia, por familiares e por amigos — em torno da família de uma “menina de classe média”, frequentadora de bailes *funk* nas favelas e namorada de “traficantes”. Nas conversas informais e em algumas matérias impressas — sobretudo, naquelas com depoimentos de cunho psicológico — a primeira hipótese veiculada apontava para uma família “desestruturada”, para a “falta de limites dos pais”. Mas, afinal, o que é uma família “estruturada”?

Tanto nas conversas quanto nas entrevistas, eu procurava buscar elementos que revelassem as diferentes representações acerca da família. Falar em família “estruturada”

nos remete diretamente à discussão sobre “normalidade” e “anormalidade”, presente no capítulo anterior. O “desviante secreto”⁷² faria parte de uma família “estruturada” por preservar o sigilo com relação a seu comportamento? A publicização engendraria a rotulação não somente do indivíduo, mas também a de sua família? — definida, a partir de então, como “desestruturada”?

Tais questões constituem uma ínfima fração das discussões acerca da família, suscitadas pelo enamoramento das “meninas” pelos traficantes e, do mesmo modo que nos reportam à discussão presente no capítulo anterior, também adiantam argumentos pertencentes ao capítulo posterior: “(...) a tensão entre individualizar-se e incorporar-se ou ser englobado” (G.Velho, 2002:32). Mudar ou permanecer o mesmo.

Em “Subjetividade e Sociedade”, Gilberto Velho analisa como essas tensões se apresentam na experiência social, focalizando um grupo marcado pela vivência de vinte anos de regime militar. No texto em questão, o pesquisador aborda os seguintes temas: aliança e casamento, subjetividade e política, paixão e racionalidade, dentre outros. Preocupa-se com o “sujeito no mundo” e formula a questão subsequente: “O que é comum a uma geração e a um grupo? Como se pode ser sujeito no mundo?” (Idem, Ibid:22). Formulações importantes para que possamos refletir sobre os temas discutidos nesse estudo: identidade, família, juventude e geração.

Valho-me das reflexões de Gilberto Velho para interpretar situações marcadamente distintas daquelas que o pesquisador analisava em seu texto. Um ponto de aproximação possível daria-se, no entanto, na percepção das histórias vivenciadas como um dos primeiros ensaios dessa tensão entre o “subjetivo” e o “social”, nas trajetórias biográficas

⁷² Velho, 2003a:27.

das “meninas” investigadas. Abstendo-me de um juízo de valor, essas primeiras experiências de “paixão”, de “amor”, ou mesmo de “ficar” – com performances mais exitosas ou “desviantes”, conforme os casos — transformam a “menina” em uma “estranha familiar” que, portando essa nova “máscara” social, passa a coabitar com os familiares na mesma residência em que antes habitava — embora eles não mais a reconheçam. Em algumas passagens da entrevista que me concedeu, Carmem – irmã de Sofia – manifesta esse estranhamento:⁷³

Eu não conheço mais essa menina. Pra mim, não é mais uma menina como eu imaginava.

“Que família estaria por detrás destas ‘meninas’”? Esta é uma pergunta declarada ou sigilosamente formulada. Nesse questionamento, percebe-se a premência da idealização da família “unida” e “harmoniosa”, inversamente proporcional às transformações observadas nessa instituição social. O escopo dessa pesquisa impede a realização de um estudo sobre famílias. Entretanto, tal como sugerido para outras categorias, proponho pensá-la em sua “multiplicidade de formas e de sentidos”, maneira pela qual já vem sendo analisada pelas ciências sociais (Duarte, 1995:27).

Gilberto Velho deparava-se com “a questão central do papel e da importância da família e do parentesco na vida dos indivíduos, redes e grupos” já em seus primeiros trabalhos relativos a segmentos das camadas médias brasileiras (2001:45). Apesar das divergências presentes neste campo de estudos desde seus primórdios então, o autor comentava a mudança significativa dos valores atribuídos aos denominados “laços

⁷³ Simmel descreve “O estrangeiro” como um fenômeno presente nas relações humanas, envolvendo estranheza e familiaridade, distância e proximidade (1971b). Schutz também faz menção a “Aquele que retorna ao lar”. Ao menos a princípio, este lar mostra “uma face não familiar”(1970:289).

primários, com a crescente impessoalidade da vida metropolitana associada à divisão social do trabalho, à industrialização, ao crescimento demográfico e, em geral, a novos padrões de sociabilidade”(Idem, Ibidem).

Nas diversas situações em que o tema em estudo era polemizado, a categoria “família” surgia, evidenciando as contradições suscitadas pela busca de uma definição precisa para o termo. Revelou-se uma imagem nostálgica de família — que sofreu transformações concomitantes às mudanças sociais — ainda idealmente tida como modelar; uma espécie de navegação com uma carta náutica obsoleta em que todos os pontos geográficos já não são mais os mesmos. Duarte ressalta que a nova *família* parece, ao mesmo tempo, “naturalizada” e “sacralizada”:

Naturalizada porque se vai considerar seu desenho como o mais puro e primitivo, mesmo que deformado como todas as outras instituições humanas pelas vicissitudes da história. Sacralizada porque se vai considerar que sob tal forma ela expressa a essência do humano e garante sua reprodução fidedigna *ad aeternitatem* (Duarte, 1995:29).

Os enunciados presentes nas entrevistas procuram justamente evidenciar a presença atuante da família junto a suas “meninas”. Desde o início da entrevista, Ernesto faz questão de pontuar:

“Acompanhava a minha filha direto”

No entanto, é também bastante freqüente a associação dos enunciados como o acima referido às falas imbuídas de uma relativa “culpa” mais ou menos explicitada. Ernesto se pergunta onde errou. Dayse é acusada de ter “educado mal”. Subjacente a tais enunciados está a ambigüidade sociológica – anteriormente mencionada – constitutiva do processo de formação do indivíduo: simultaneamente membro de uma família e preparado para o

“mundo” (Simmel, 1971d:263). Que fronteiras são determinantes para esse processo? Ernesto tinha, certamente, um “projeto” para Sofia — apesar de não explicitado ou estrategicamente concebido.⁷⁴ Contudo, a maneira como descreve a educação de Sofia deixa entrever os contornos de tal “projeto”.

Você não pode prender o tempo todo (...) Você tem que deixar um espaço (...) Você, em casa, dá uma orientação, não tem como você tirar; é amigo, é colega, mas ali na rua, ela ficava em frente ao portão, com a menina que tem menos condições (...) que tem parente lá dentro da favela (...) Ela viveu uma experiência (...) que eu não quero pra ninguém e nem acho que (...) tanto menino como menina deva passar por esse tipo de experiência, numa fase de formação de cabeça, de vida, com 15 anos(...) Nós queremos o melhor pro nosso filho (...) que elas tenham namorado (...) que curta ali o cineminha, que vá pro shopping (...) beijo na boca; que até se tiver que fazer sexo, que faça dentro das normas legais, dentro do normal, do natural, que isso aí ninguém pode fugir que nós somos animais racionais e temos que ter esse instinto da gente (...) mas tudo dentro das normas legais. Não é ninguém pegar, levar, aliciar (...).

Entrevistar os familiares certamente não garantia que eles privilegiassem comentários sobre a performance da família nas histórias vivenciadas pelas jovens. Aqui, ainda era a voz das “meninas” que preponderava. De todo modo, essa proximidade com os parentes permitiu-me uma elaboração mais fina da maneira pela qual Ernesto, Carmem e Dayse lidavam com a situação, reproduzindo em suas falas uma tensão constante entre “prender demais” ou “deixar solto” — mencionada por Heilborn em seu estudo sobre jovens e sociabilidade (1984:130).

De volta ao bar de Quintino. Ou melhor, ao carro de Ernesto. Impossível gravar a entrevista! Já que havia protestado contra o volume altíssimo do samba que antecipava o carnaval, Ernesto gentilmente convidou-me para realizarmos a entrevista em seu carro, estacionado em frente ao bar. Para atenuar o intenso calor, Ernesto ligaria o ar-

⁷⁴ A propósito, Gilberto Velho afirma que “o grau de consciência envolvido e a coerência dos projetos em pauta são questões a serem verificadas”. O pesquisador ainda assinala que não se trata da “idéia de um homem abstrato, calculista, manipulando permanentemente táticas e estratégias”. As decisões envolvidas em um projeto “são tomadas geralmente em situações de grande conflito intelectual e emocional” (2004b:43).

condicionado, desde que deixássemos as portas fechadas. Sugerir portas abertas para ventilar e ao mesmo tempo me livrar não apenas do ruído do aparelho que certamente prejudicaria a gravação, como também das “portas fechadas”.

Esse carro é de uma amiga minha. Meu carro, todo mundo conhece; aí conversei com ela. Ela ficou com o meu carro, eu fiquei com o carro dela. Pra ver se muda um pouco, entendeu? (...) Recebi recados e mais recados. Eu devia retirar a queixa porque o morro tá pedindo pra ficar zero a zero. Sendo que eu disse: eu não sou conivente com traficante e eu acredito na polícia e na justiça (...)

Ato contínuo, Ernesto se contradisse:

Espero que outros bandidos lá do morro [pausa] Porque só outros bandidos, porque a polícia não vai pegar; a justiça não vai fazer nada. Vai esperar eu morrer pra dizer que foi o cara que me matou.

2-1 “Namorada do dono é rainha”

Sofia, 15 anos, morava com o pai e a irmã de 23 anos em uma casa em Vila Valqueire – subúrbio do Rio de Janeiro. Não era, portanto, moradora da Zona Sul, e não se enquadrava no perfil divulgado pela mídia, segundo o qual tratavam-se de “meninas da Zona Sul” que namoravam traficantes. Na véspera do Natal, fugiu de casa para encontrar o namorado na Fazenda da Bica, em Cascadura, em uma das entradas para o Morro do Fubá. Segundo a matéria impressa do jornal *Extra*, Sofia “dormia no barraco de uma amiga de 17 anos, na companhia de outros dois rapazes, quando foi surpreendida por policiais militares”.⁷⁵ Vangloriando-se, em certa medida, mas ao mesmo tempo convencido de que sua reação faria parte das atribuições de um pai, em diversos momentos da entrevista, Ernesto assinala a importância da atitude de enfrentamento por ele adotada. Antes da polícia se envolver, ele já havia estado na favela algumas vezes para reunir informações precisas sobre Sofia.

⁷⁵ Jornal *Extra*, 27/12/05, p.10.

Se eu não tivesse amigos – policiais — pra ir buscar, ela tinha ficado lá em cima.
Se não pegasse ninguém dormindo, não tinha flagrante; se não tem flagrante, a justiça, a polícia não iam poder fazer nada (...).

Ernesto e Carmem – irmã de Sofia — perceberam uma nítida mudança de comportamento em Sofia, somado a seu desinteresse escolar, sobretudo nos dois meses anteriores a seu desaparecimento. Sofia estudava em Madureira,⁷⁶ e a partir do mês de novembro começara a faltar às aulas. Antes desse episódio, costumava ficar no portão de casa, conformando-se aos padrões de sociabilidade característicos do subúrbio carioca — estudados por Heilborn, que alocava tais vínculos “nas redes de vizinhança e freqüentemente nas de parentesco” (1984:7). Com a transformação por que passou, Sofia tornou-se alvo de *gossip*, elemento constitutivo das relações de vizinhança (Idem, Ibid:143).

Ela ficava na rua até 11 horas, batendo papo com os colegas no portão de casa.
Eu ia lá buscar.

Ernesto enfatiza, em diversos momentos da entrevista, a atenção dispensada à educação de Sofia e sua constante preocupação com os comentários da vizinhança ou de parentes. Já havia uma suspeita do namoro da filha com o traficante, mas ele procurou a melhor maneira de abordar a situação:

Inclusive as pessoas de bem começou a me alertar. Mas todo mundo joga piada, não fala o que está acontecendo. Ninguém tem coragem de chegar e falar. Porque eu acho que a pessoa de família, a pessoa tem que chegar e falar: “olha aqui, sua filha está se envolvendo com traficante”, pra ajudar. Ninguém quer ajudar, todo mundo quer tirar casquinha. A verdade é essa, entendeu? Então, depois, a sua filha fica mal vista, cada um fala uma besteira dela.

⁷⁶ Quanto à educação formal de Sofia, Ernesto não menciona qualquer escola ou colégio. Refere-se, isto sim, a ter “pago todo o curso de Madureira”.

A experiência vivenciada por Sofia é reveladora das tensões existentes entre os valores individualistas e as relações de vizinhança. Por um lado, tais relações configuram-se como um prolongamento da família, o que explica a “permissão” para avisar Ernesto sobre o envolvimento da filha com um traficante. Por outro lado, imiscuem-se igualmente em tal tipo de relação, as categorias acusatórias — Sofia tornando-se “mal vista” pela vizinhança. O “portão da casa” em Vila Valqueire assemelha-se “à varanda ou ao terraço frontal” de Ricardo de Albuquerque, pesquisados por Heilborn, em que “os muros baixos para a rua, como entre as casas, projetam o privado sobre o público” (1999:92). Esta interseção entre o espaço público e o privado encarna o equilíbrio instável entre o individualismo e o controle social: conversas, controle mais rigoroso de horários, a possibilidade de “dar uma incerta”:

Pai, vai ficar me marcando?

Antes do envolvimento com o suposto traficante, Sofia “namorava em casa”. Quase que na “soleira da casa (...), sob o olhar vigilante”⁷⁷ de Ernesto.

(...) O que está acontecendo? Você não tá proibida de namorar, você não é proibida de nada; você é uma pessoa normal, faz curso... Ela respondia: “não pai, não tem nada”.

Segundo Ernesto, Sofia já estava completamente envolvida, “dominada” pelo namorado do Morro do Fubá – Quintino, subúrbio do Rio de Janeiro. Ele narra esta passagem como uma situação que já se havia configurado de maneira inexorável. Sofia teria a sua primeira experiência sexual com um “rei” ou com um “mendigo”. Para Douglas

⁷⁷ Heilborn, em seu estudo desenvolvido em Ricardo de Albuquerque – subúrbio do Rio de Janeiro – nos anos 1980, concluiu que os valores que orientavam a visão de mundo dos jovens entrevistados naquele bairro contrastavam de forma significativa com aqueles de jovens moradores de bairros da Zona Sul. Do namoro de portão à “transição para dentro da casa representava uma passagem significativa de compromisso entre os jovens, na qual havia a forte expectativa de desembocar num casamento” (1999:102).

“(...) muitas idéias sobre perigos sexuais são melhor interpretadas como símbolos de relação entre partes da sociedade, como reflexos de projetos de simetria ou hierarquia que se aplicam ao sistema social mais amplo. O que serve para poluição de sexo serve também para a poluição corporal. Os dois sexos podem servir como um modelo para a colaboração e distinção de unidades sociais”. (1966:14).

Mas a pessoa diz assim: “mas ela foi”. (...) Depois que você domina a cabeça de uma pessoa, ela vai pra onde for e, detalhe: a menina de 15 anos, ela não tem experiência de sexo; ela faz o sexo a primeira vez e acha que é o rei; se fizer até com o mendigo na calçada, ela vai achar que o mendigo é o rei dela.

“Foi o primeiro namorado dela”?

A primeira experiência sexual dela? Deve ter sido! Ela tinha um namoradinho que namorava em casa, mas foi um mês, dois meses. (...) Sofia tem aquele corpão, mas ela é bobinha (...). Então ela foi levada, ela foi induzida por algumas colegas; depois, essas colegas, quando ela tava no rabo de foguete(...) apareceu mais uma senhora lá que ajudou; eu já soube que essa mulher aluga essa casa para traficantes e carrega as meninas pra lá, ajuda a aliciar as garotas.

Ato contínuo, Ernesto acrescenta que compreende o “sexo”.

(...) Mas a forma direita, correta.

A “forma correta” era compreendida como parte de um projeto que Ernesto havia pensado para Sofia, fundamentado em valores diferentes daqueles que ela ia constituindo para si própria, em função de suas escolhas entre as possibilidades que se apresentavam. Para Ernesto, Sofia atuava de “forma errada” e, como destaca Douglas, “as regras de poluição apenas realçam um pequeno aspecto do comportamento moralmente desaprovado” (1966:160). Ernesto percebia que Sofia formava vínculos amorosos e sexuais com parceiros que não eram “namorados do portão de casa”. Esses primeiros vínculos representam uma importante etapa de mudanças na juventude. Nesta fase, os indivíduos vivenciam relações

afetivas que ampliam seus “vínculos para além da família e da rede de amigos” (Heilborn *et alli*, 2005:42).

Para o jornalista do *Extra*, Sofia relata uma outra versão e manifesta o seu desconforto em permanecer nos limites do “mundinho” constituído pelos laços familiares.⁷⁸

Eu me encontrava com ele na rua, porque não gosto de levar namorado para casa.
79

Para a irmã, Sofia reafirmava a versão anterior, deixando entrever os sinais da experimentação de uma fase de transição na juventude, analisada por Heilborn como a “tematização do desacordo (relativo) com os padrões domésticos e um maior alinhamento com os amigos (as) e namorados (as) – o mundo fora do domínio doméstico que recém integram”. Essa autora ainda assinala que tais vínculos geralmente constroem-se em oposição à família, evidenciando conflitos em busca da individualização (Heilborn, 1984:123).

Meu pai só quer que eu namore em casa.

Em seus estudos sobre as camadas médias da Zona Sul do Rio de Janeiro, Gilberto Velho analisa essas mesmas tensões num segmento social fortemente marcado pela ideologia individualista (2002:33). Contudo, o pesquisador observa que “mesmo nos projetos individuais mais radicais, marcados por rompimentos e conflitos, havia uma procura, mais ou menos consciente, de encontrar soluções conciliatórias entre o foco no

⁷⁸ O termo “mundinho” é analisado por Myrian Lins de Barros em sua pesquisa com jovens recém ingressos na universidade. Permito-me sua transposição à fala de Sofia, pelo que ele representa em termos de ampliação de uma rede social que ultrapassa os limites das relações familiares mais imediatas. No estudo em questão, a pesquisadora afirma que tal expressão era “usada por algumas entrevistadas para se referirem à rede social definida a partir de laços familiares, com suas fronteiras fechadas que não permitiam perceber o que elas consideram hoje a realidade social, com seus problemas e injustiças”(2006:29).

⁷⁹ Jornal *Extra*, 27/12/05, p.10.

indivíduo e a importância do universo do parentesco” (Velho, 2001:46). A análise deste autor mostra como esses aspectos evidenciam-se mais fortemente no momento de mudança de residência e bairro, em que o “sucesso individualizado” pode desencadear categorias acusatórias como “íngrato, avarento, egoísta” (2004b:48).

Nos dias de hoje, considerando-se as dificuldades impostas pelo mercado de trabalho, o jovem adulto prolonga a coabitação com os pais, enfrentando novos desafios para tornar-se um indivíduo autônomo.⁸⁰ Esta questão não é central para o tema em estudo, sendo, no entanto, reveladora de um momento de transição na história da família moderna no qual a “crise” desta instituição é mencionada para justificar seu apagamento. De fato, tem-se verificado o

surgimento de novos modelos familiares, derivados desses fenômenos sociais e, sobretudo, das transformações nas relações de gênero, (...) da inserção intensiva da mulher no mercado de trabalho e das mudanças ocorridas na esfera da sexualidade, entre outros fatores (Barros, Heilborn, Peixoto, 2006:9).

Transformações já antevistas por Gilberto Freyre em seus trabalhos realizados durante a década de 1930. Em “Sobrados e Mucambos” (1936), o autor analisa a transição do domínio do patriarcado rural para uma sociedade mais urbanizada. Neste estudo, a história de um rapaz que se recusava a seguir as orientações dos pais já dava indícios de mudanças nessa relação. O autor assim comenta esta passagem:

Desintegração do patriarcado. Enfraquecimento do poder dos patriarcas. Rebelião dos filhos contra os pais, ao mesmo tempo que das mulheres contra os homens, dos indivíduos contra as famílias, dos súditos contra o rei. O que indica que, na história de uma família ou de uma personalidade característica, se resume muitas vezes a história de uma sociedade se procurarmos considerá-la e interpretá-la não

⁸⁰ A propósito desta questão, em estudo sobre a autonomia e a independência de jovens adultos em Paris, Elsa Ramos afirma que “a questão que se coloca é saber de que modo, na situação de coabitação, o jovem adulto pode se definir como adulto, num contexto em que a passagem das etapas não é mais definida por rituais que marcam a passagem de uma fase da vida à outra, como ocorria nas sociedades tradicionais e como também ocorre com as passagens diretas e rápidas da escola ao emprego, por exemplo” (2006:43,44).

só econômica como cultural e psicologicamente. E também ecologicamente: em termos de relação dos subgrupos com o grupo e deste com o meio ou com o espaço. Em termos de posição ou da situação de pessoas ou grupos no espaço social (Freyre, 2003 [1936]:89).

É preciso assinalar, no entanto, que Freyre centrava-se na família de elite brasileira. No estudo ora apresentado, analiso famílias nucleares, individualizadas, pertencentes às camadas médias urbanas contemporâneas.

Passo, a seguir, à entrevista com Carmem, que reivindica para si a responsabilidade por parte da educação de sua irmã, Sofia, e apresenta mais elementos para a observação do equilíbrio instável inerente às tensões relativas à individualização. Carmem já tinha referências minhas — sabendo que eu não era do “Terceiro Comando”⁸¹, tal como havia receado seu pai, Ernesto. Sendo assim, a entrevista com ela foi realizada em um local menos inóspito: um bar próximo ao Shopping Madureira. Ainda pelas redondezas mas, ao menos, se ouvia samba apenas em alguns momentos, intercalado com fogos de artifício e transeuntes carnavalescos — resquícios do ensaio do Império Serrano.

Carmem sustenta uma versão muito próxima daquela apresentada por Ernesto, colocando maior ênfase do que o pai no estranhamento causado por “essa Sofia” que irrompe no início da juventude da irmã — sobretudo por considerar-se co-participante em sua educação.

Eu tomava conta dela (...); ela passou por coisas que eu jamais vou passar na minha vida (...). Ela ficava conversando, contando as coisas, eu disse: “não, não é a mesma pessoa, deve ser outra pessoa, deve...” [interrompe] Olha, é muito difícil, é uma situação que você não imagina que ninguém passa. Ela não tinha a noção de perigo. Achava tudo normal (...).

⁸¹ Segundo o Dicionário Wikipédia: “Terceiro Comando” é uma facção criminosa, surgida de uma dissidência do Comando Vermelho e por policiais que passaram para o lado do crime, como o traficante Zaca que foi policial militar e disputou sangrenta guerra com o traficante Marquinho VP, no morro D. Marta, na Zona Sul do Rio de Janeiro, em 2000”.(Enciclopédia virtual Wikipédia, consultada em 30/11/2006).

A exposição ao risco “ignorado” perpassa os diversos relatos sobre experiências deste tipo, sendo considerado um comportamento bastante típico da entrada na juventude. Por vezes, o risco é mais dissimulado, preponderando na percepção do jovem, a faceta da diversão em que a “morte é percebida como perigo longínquo”.⁸² Para os familiares, por sua vez, a frequência aos bailes *funk* nas favelas representa uma clara exposição ao risco. Nas narrativas das “meninas” e reportagens publicadas, o baile *funk* parece reunir fragmentos de elementos diversos: ritmo, composições “proibidas” ou temáticas – “lanchinho da madrugada”⁸³ ou “mina de fé” — homens armados e desarmados, “tchutchucas”, “patricinhas”, entre outros.

Nem armas, nem drogas. Para Verônica, que namorou um traficante do Morro Dona Marta⁸⁴, o que mais atrai é o *funk*, mesmo: “as meninas sentem-se mais livres até dos próprios preconceitos”.⁸⁵ O ritmo *funk* é sempre muito comentado, atribuindo-se à sua batida, a rendição inexorável dos corpos juvenis. O “corpo”, sob o prisma da dança, permite a elaboração de análises as mais diversos: sociais, políticas, culturais etc. Nos trabalhos clássicos de antropologia, costumou-se analisá-la em termos de sua inserção ritual — tornando-se, posteriormente, um rico material analítico para a aplicação de paradigmas contemporâneos, tais como o *embodiment* e a teoria da prática.⁸⁶

Em um estudo comparativo das trajetórias afetivo-sexuais de homens e mulheres em diversos universos sociais no Rio de Janeiro e em Paris, Bozon e Heilborn descrevem “modelos contrastantes de adestramento dos corpos” por processos civilizatórios distintos.

⁸² Tal afirmação é tecida por Angelina Peralva (2000:169), em sua análise sobre o “surfista ferroviário”, definido na página 3 deste capítulo..

⁸³ Esta expressão será comentada, mais adiante, no capítulo 3.

⁸⁴ Situado em Botafogo – Zona Sul do Rio de Janeiro.

⁸⁵ *O Dia*, 19/04/05, p.3.

⁸⁶ A este respeito, ver Mauss, 2003; Csordas, 1994 e Bourdieu, 1983.

Em síntese, os autores afirmam que “o uso menos contido dos corpos no Brasil, que os faz mais permeáveis ao contato, produz um estilo extrovertido de prática amorosa, mais direta e de maior contato físico” (Bozon e Heilborn, 2001:112).

Nas reportagens publicadas sobre o tema, o relato do primeiro encontro num baile *funk* é bastante recorrente. Na matéria impressa intitulada, “Funk, drogas e sexo na favela”, Fátima narra para o jornalista o início do seu namoro com um traficante:⁸⁷

O primeiro encontro aconteceu num baile funk no morro (...) Ao dar o primeiro beijo no rapaz do Cerro-Corá⁸⁸, Fátima sentiu a arma na cintura dele. O bandido, segundo ela, disse: “Você tem medo? Sou da vida”. “Me assustei, mas também me encantei com a coisa errada. Namoramos dois meses, fui de casa e fui morar com ele”, diz a menina.

A afirmação “sou da vida” pode suscitar leituras diversificadas. Ao reformulá-la para “sou um homem da vida”, ela nos remeteria à “mulher da vida”: aquela que pode vir a ser a primeira a iniciar sexualmente um rapaz. Ou ainda, tal como assinala Salem com relação “à mulher ‘da rua’ (ou ‘da vida’)”:

Os qualificativos “da vida”, “da rua”, aos quais os homens recorrem para se referir a essas mulheres, metaforizam que elas são personagens vistas como desvinculadas de teias familiares ou outras – como que não estando submetidas nem a seu controle nem à sua proteção (Salem, 2004:45).

Chamou-me a atenção no enunciado de Fátima, acima referido, as questões envolvendo gênero e individualismo. Ela opta deliberadamente por aventurar-se a “ficar” com um homem “da vida”, ou um homem do crime, um homem do tráfico. Nesse caso, observa-se o gênero feminino assumindo – parcialmente, ao menos — uma posição similar àquela ocupada pelo gênero masculino. Digo parcialmente, porque o homem busca com a

⁸⁷ *O Dia*, 19/05/05, p.03.

⁸⁸ Favela situada no Cosme Velho, Zona Sul do Rio de Janeiro.

“mulher da vida” — a princípio, pelo menos — uma relação estritamente sexual. As “meninas”, por sua vez, ainda deixam entrever indícios da procura pelo “amor romântico” no qual elas seriam as “princesas” dos jovens que são “da vida”. Ao namorar e fugir com o “bandido”, Fátima também demonstrava a sua liberdade de escolha, uma característica determinante da ideologia individualista.

No caso de Sofia, como ela conheceu e escolheu namorar o Cássio do Morro do Fubá? Baile *funk*? Quanto a isto, Ernesto é enfático:

Não, baile *funk* não foi. Foi a tal da feirinha que tem aí nas ruas. Tinha uma feirinha toda quinta-feira. Ela ficava lá, os bandidos ficam todos lá. E não começou nem por isso; foram as colegas que jogaram ela pra cima dos caras. Eu tava subindo⁸⁹ [para acompanhar a construção de uma casa] e não levava ela, porque ela faz um curso sexta-feira. Pra não atrapalhar o curso dela, eu não levava.

Carmem, a irmã, relata o que Sofia lhe havia dito sobre bailes *funk*:

A minha vontade é ir pro baile *funk* no morro (...) Lá [no morro], eu vou escutar a apologia ao crime, vou ver homens armados.

No capítulo anterior, comentei as falas que apontam para a atração que as “meninas” sentem pelas armas de fogo. Uma reportagem publica que Tereza, cuja história descrevi no capítulo anterior, participava na Internet (no Orkut – *site* de relacionamento) de uma página de “apologia às armas, bailes *funk* e maconha”.⁹⁰

Entretanto, somente alguns relatos – da mídia e de familiares – vêm no uso de drogas o efeito desencadeador das experiências vividas por essas meninas. São, de fato, menos freqüentes. A grande maioria se repete em atribuir a responsabilidade à freqüência aos bailes *funk* — sem, contudo, deixar de registrar a afinidade entre as drogas e o universo

⁸⁹ O entrevistado refere-se às viagens para a casa de praia.

⁹⁰ *O Dia*, 16/05/05, p.3.

funk. Com relação às jovens cujas histórias foram desencadeadas pelo uso de drogas, costuma-se narrar sua passagem pelo mundo do tráfico, atuando ora como “olheiras” (que cuidam da boca de fumo no morro)⁹¹; ora fazendo o “estica” (venda de drogas do bando no “asfalto”).⁹² Ernesto assegura que Sofia não usou drogas, baseando-se no fato de que o namoro dela com o traficante, aparentemente, durou apenas dois meses.

“Não saber o que fazer” e o fato das filhas “sempre terem tido tudo do bom e do melhor” são sentenças freqüentemente enunciadas pelos pais. Assim como o pai de Tereza, que foi à sua procura no Morro do Turano, Ernesto também esteve por duas vezes no Morro do Fubá (Madureira), buscando informações sobre o paradeiro de Sofia. Na entrevista que me concedeu, ao narrar tais investidas, Ernesto fez acompanhar suas falas de gestos enfáticos que valorizavam as atitudes por ele tomadas — que lembram, mas não exatamente nos mesmos moldes, o “sentimento de honra com relação à mulher (esposa ou companheira) e às filhas moças”, mencionado por Gilberto Freyre, em “Casa Grande & Senzala” (2005:130, nota 55). Após o flagrante que deu na filha, Ernesto lembrou à Sofia:⁹³

Então o cara quer uma menina de 15/16 anos?! Vai no lugar certo! Não vai estragar uma menina de família. Eu busquei a minha filha. Ela tá carinhosa comigo, mas não é mais a mesma menina. Eu falei: “eu te salvei, te busquei, mas não é mais (...) tem erros que não têm conserto (...) Ela aprendeu muitas coisas (...).

A mídia e familiares tendem a explicar as histórias das “meninas”, atribuindo ao “bandido” e às “governantas” do tráfico, o “aliciamento” das jovens. A sedução que se

⁹¹ *O Dia*, 01/05/05, p.3.

⁹² *O Dia*, 20/04/05, p.14.

⁹³ Com relação à “honra”, não tenho elementos para analisar a atitude de Ernesto ou a do pai de Tereza (apresentada no capítulo anterior), a partir dessa categoria. Ainda que haja poucos dados empíricos sobre o tema, considero tratar-se de uma interessante categoria analítica. Heilborn afirma que o “Brasil tem sido freqüentemente analisado a partir do denominado ‘complexo cultural mediterrâneo’, em razão da ênfase ao valor da família e à noção de honra, da demarcação rígida de papéis de gênero e do controle sobre a conduta das mulheres”(2001:113). A este respeito, ver Peristyany, 1971.

inicia no baile *funk*, no qual supostamente há o encontro de corpos femininos despojados em meio à batida *funk*⁹⁴ e corpos masculinos prolongados pelas armas — aparentemente apreciadas pelas “meninas” — continua na favela. Agora em outros moldes, como narrado por Ernesto:

Muita gente fala: “foi porque quis”. Não, não é não. Se você conviver com a pessoa, você vai ver: a pessoa pode ser dominada. Ninguém pega uma pessoa pelo braço e obriga: se te pegar pelo braço você não vai; se te obrigar, você não vai. Pra eu te trazer para mim, eu tenho que te tratar com carinho, com atenção, te dar tudo o que você quer, deixar você à vontade. Você tem que se sentir segura, entendeu? Aí, eu tiro você de qualquer lugar que você tiver. Agora, pra pessoa fazer isso, ela precisa de que? Tempo. O dia todo ali, pra tá ali. É que o animal lá do morro tem tempo, ele fica o tempo todo sentado lá. Você tem que trabalhar, eu tenho que trabalhar [risos de constatação], tua filha tem que estudar. Quem é que vai tá mais tempo perto dela? São as amigas que vão passar seis horas dentro do colégio com ela. Nós ficamos com os nossos amigos do trabalho; e os filhos ficam com os amigos no colégio e os amigos que fazem [interrompe a fala, à procura de fotos de Sofia].

A suposta versão dos traficantes – narrada por policiais – contrapõe-se àquelas sustentadas pelos pais das jovens e pela mídia, sendo seu interesse pelas “patricinhas” considerado pouco estável. Os depoimentos de policiais a jornalistas revelam que – a presença das jovens de classe média, acaba por atraí-los para as favelas, tal atração podendo ser “fatal” para os bandidos, diante dos prejuízos potencialmente causados às bocas-de-fumo”.⁹⁵ Segundo a inspetora da Polinter, Marina Magessi,⁹⁶ “são as mulheres que assediam os bandidos. Eles falam para elas saírem e, dias depois, [elas] já estão de volta”. Magessi afirma ainda que o fascínio das garotas dá-se inicialmente pelos bailes *funk* — já que, nas favelas, o ritmo da moda é considerado mais genuíno — nos quais se deparam com

⁹⁴ Importante considerar a análise de Heilborn, intitulada “Corpos na cidade: sedução e sexualidade”. A propósito da imagem de uma cidade – Rio de Janeiro – sexualizada, em que o clima e a natureza supostamente atuariam como fatores catalizadores, a autora afirma que “evidentemente, nem o espaço físico nem o clima definem a exposição dos corpos. Essa disposição articula-se com características do processo civilizatório brasileiro em que o ‘encobrimento ritualizado do corpo’ (Le Breton, 1995) nas interações sociais que singulariza o padrão clássico (francês) não se realiza aqui de forma plena” (1999:98,99).

⁹⁵ *O Dia*, 23/04/05, p.1.

⁹⁶ Marina Magessi foi inspetora da Polinter; em seguida, chefe da Coordenadoria da Inteligência da Polícia Civil, tendo sido eleita deputada federal nas últimas eleições.

estes bandidos, detentores de grande poder nas localidades. Para a inspetora, “o apelo sexual também é outro, e os homens do chamado asfalto também não estão colaborando. Preferem brigar nas boates a paquerar uma menina”.⁹⁷

À primeira versão dos familiares e da mídia, segue-se uma outra — sustentada por alguns destes familiares — que atribui à rede de amigos, os vínculos das “meninas” com os supostos traficantes. Nessa mesma direção, as matérias impressas mencionam uma jovem moradora de Copacabana que “(...) foi convencida a ir ao evento [baile *funk*] por três colegas de escola”. Durante o tal baile no “morro”⁹⁸, ela teria entrado em contato com três bandidos.

Ernesto e Carmem consideram que a (má) “influência de amigas” foi a principal responsável pelo início da frequência de Sofia ao Morro do Fubá. Apesar da filha mentir sobre os lugares que costumava frequentar, o pai acabou descobrindo que ela fazia aulas de lambaeróbica na favela em questão. Nos termos de Douglas, a atitude de Ernesto evidencia que um “comportamento de poluição é a reação que condena qualquer objeto ou idéia capaz de confundir ou contradizer classificações ideais” (1966:50).

(...) eu não quero você aqui dentro; isso aqui não é pra você (...) Aqui onde você está, nesta situação, (...) aqui já é o morro. Não quero você aqui dentro. A colega foi levando, (...) levando, e ela começou a se envolver com outras pessoas.

Praticar lambaeróbica no morro era uma forma de lazer, ou uma atividade esportiva que configurava uma dimensão de escolha dessa jovem, antecipando novos desdobramentos e novas escolhas dentre as inúmeras possibilidades que surgiam para Sofia. Conhecer pessoas com perfis diferenciados e fazer novas amizades havia ampliado o seu

⁹⁷ *O Dia*, 17/04/05, p.3.

⁹⁸ *O Dia*, 21/04/05, p.17.

campo de possibilidades. Ao mentir para Ernesto, a jovem procurava contornar os impeditivos gerados pelo controle familiar, a fim de levar adiante o seu projeto individual — que trazia consigo os primeiros sinais da afirmação de sua singularidade. Dois aspectos estão envolvidos na decisão de Sofia em esconder do pai suas idas ao Morro: a tensão entre “permanecer”, “ser englobada” — evitando conflitos com Ernesto — e “mudar”, decidindo, fazendo escolhas no interior de um campo de possibilidades, individualizando-se. Tal processo de individualização, como nos lembra Gilberto Velho, “não se dá fora de normas e padrões por mais que a liberdade individual possa ser valorizada” (G. Velho, 2004a:25). Ao confrontar ou ultrapassar “fronteiras simbólicas” — marcadas pela fala enfática de Ernesto: “aqui já é morro” — a jovem experimentava uma “situação de desvio” (G. Velho, 2004a:25). Se por um lado, as aulas de lambaeróbica no Morro do Fubá eram vivenciadas como uma fronteira transposta — o que explica a omissão para o pai e para a irmã — por outro lado, a frequência à favela também dissolia essa suposta fronteira, em função dos códigos que, aos poucos, passavam a ser compartilhados entre Sofia, seu namorado e os amigos do Morro do Fubá.

Em seus relatos, Ernesto e Carmem repetem, inúmeras vezes, aspectos ligados à educação de Sofia e o que estes lhe proporcionaram em termos de ganhos formais, materiais e morais. As narrativas do pai, mais do que as da irmã, deixam entrever o conflito entre uma concepção de família circunscrita a um “grupo social concreto e empiricamente delimitado” (Coutinho, 2006:96), e aquela que sustenta que “o meio social imediato de uma família urbana consiste em uma rede e não em um grupo organizado” (Bott, 1976:211). Tal autor define o conceito de rede como

uma configuração social onde algumas, mas nem todas, das unidades externas componentes mantêm relações entre si. As unidades externas não constituem um

todo social mais amplo. Elas não são cercadas por uma fronteira comum (1976:211).

Uma das amigas de Sofia, percebendo que se adensavam seus vínculos com pessoas do Morro do Fubá, resolveu afastar-se dela — temendo as possíveis repercussões sobre a família de sua amiga, e sobre a sua própria.

Ela é muito simpática, conversa com todo mundo. Eu comecei a ir (...) tenho parentes lá; e ela ia comigo pra lambaeróbica (...) Só que ela conversa demais e ela começou a ter amigos lá (...).

Para as “meninas”, suas histórias eram tecidas por lembranças agradáveis. “Adoro a vida no morro”⁹⁹, foi o que disse Tereza, que fugiu de casa para ir a um baile do Turano, lá permanecendo por cerca de quinze dias. Recusava-se a voltar para Ipanema, alegando que se “sentia melhor na favela do que com a família”.¹⁰⁰ Percebe-se como, desse modo, dava-se a construção singular de suas trajetórias biográficas. Sofia, por exemplo, comentava com Carmem o modo como havia sido tratada por seu namorado:

Ele nunca me fez mal (...), nunca encostou a mão em mim, nunca levantou a voz pra mim (...) Dizia que [eu] era uma princesa.

A este respeito, a irmã acrescentava:

(...) Ele dizia que ela era uma princesa (...) muito linda pra ele, que ele não ia arranjar outra garota bonita como ela (...). “Eu não vou conseguir uma garota tão bonita como você, ainda mais não sendo daqui, sendo da cidade (...)”. Aí, falava pra ela que ela não podia mais andar de ônibus (...).

Tereza e Sofia faziam escolhas em meio a um novo “campo de possibilidades”, escolhendo permanecer no Morro do Turano e do Fubá, respectivamente. Desse modo, transitavam entre diferentes “províncias de significados” e, parafraseando Gilberto Velho,

⁹⁹ *O Dia*, 16/04/05, p.3.

¹⁰⁰ *O Dia*, 23/04/05, p.10.

eram agora capazes de passar do mundo da família ao mundo construído pelas novas relações afetivas e de amizade.¹⁰¹ O desfecho da história de Sofia deu-se na delegacia, após o flagrante dado na jovem e em seu namorado em um barraco no Morro onde moravam. Ernesto descreve a cena que se passa ali, entre ele, Sofia e a esposa de Cássio – namorado da filha no Morro do Fubá. Nesta ocasião, Sofia rejeita o apoio familiar e parte em defesa do namorado. Em casa, Sofia posteriormente afirmara que teria se comportado daquela maneira em função da presença de várias pessoas do Morro na delegacia. De todo modo, a partir do relato desta situação, evidenciam-se os distintos modos de apresentação da jovem segundo os contextos de atuação. Ao passar de uma “esfera de significados para outra”, Sofia acionava “aspectos diferentes de sua experiência e personalidade” (G.Velho, 2003d:69).

Carmem enfatiza que a irmã vivenciou e presenciou situações que ela própria jamais viverá. A irmã e outras “meninas” — algumas do “asfalto”, outras do “morro” — que também namoraram “rapazes” com o perfil semelhante ao de Cássio. Sofia descreveu à irmã momentos em que todas estas jovens ficavam conversando “numa escada”, passando a impressão de um convívio que se consolidava com o compartilhar de uma experiência comum. Juntas, as amigas também presenciaram a cena que relato a seguir:

(...) Era um dia normal. Estavam conversando, não era muito tarde, por volta das oito horas da noite (...). Tinha um rapaz andando lá embaixo, ele andava e olhava pro morro e pros meninos. Ela me contou que o namorado dela, ele não aparecia (...). Como ele era o gerente, (...) não saía da casa. Ela contou que esses garotos mandaram fazer alguma coisa (...) Dali a pouco, esses rapazes pegaram o cara: (...) “você é alemão do morro?” (...) “Não, não que é isso? Eu sou daqui do morro, não sou alemão não”. “Então, o que você tá fazendo olhando pra cá, pro morro?” (...). Eles pegaram o garoto, (...) tinha duas casas, uma pra fazer algumas coisas (...). Colocaram ele nessa casa e mandaram as meninas saírem da escada e

¹⁰¹ A propósito desta questão, Gilberto Velho, inspirado nas idéias de Simmel e Dumont, assinala que “pode-se perceber os indivíduos se deslocando entre contextos hierarquizantes/ holistas e individualizantes/ igualitários. Partilham e acionam códigos em situações, momentos e planos diferentes de suas trajetórias” (2003a:27).

irem lá pra dentro (...) pra todo mundo [entrar nessa casa] a casa aberta. Os garotos amarraram o rapaz (...) “Você é da onde?” “Não, não sou daqui, não. Não estou fazendo nada (...)”. O fulano de tal gosta de matar as pessoas, mas ele gosta de matar – de uma forma que (...), ele gosta de massacrar. “Qual é o seu nome”? (...) Ele não respondeu, aí ele cortou a orelha dele na frente de todo mundo (...). Sofia falou: “Eu nunca vi tanto sangue na minha vida como eu vi naquele dia. A porta da casa aberta, e as crianças na porta ficavam olhando com a maior naturalidade, como se nada tivesse acontecendo, como se eles tivessem brincando”. Ela se espantou porque as crianças ficavam olhando, aí ele continuou fazendo perguntas pro rapaz e ele respondendo. (...) Cortou a outra orelha (...), o nariz; aí ela falou que ele tirou a faca e tirou os dois olhos dele”.¹⁰²

Tive dificuldades em reproduzir este relato que ouvi pela segunda vez, somente agora, no momento da redação deste trabalho. Carmem detalhou ainda mais a cena, detalhes estes que decidi não repassar para o texto. Como analisar a cena em que “o olho que vê tem que ser retirado?” Retomar a fala de Carmem, me proporciona elementos para interpretar a maneira pela qual os vínculos familiares se reorganizariam após a vivência familiar deste “drama social”, tal como descrito por Turner (Turner, 1985). O que mais causava espanto em Carmem era imaginar a irmã assistindo a tudo aquilo com “naturalidade”.

Não é que eu vi com naturalidade, eles não deixavam a gente sair.

Os “rapazes” que efetivamente levavam a cabo a ação, pediam autorização ao namorado de Sofia. Carmem relata a atração que esse “poder” exercia sobre sua irmã, nos reportando à fala de Cláudia¹⁰³ nas primeiras entrevistas, em que ela dizia que o “cara não é nada, maió (sic) pobre...Mas, no morro...”.¹⁰⁴

¹⁰² Nesse enunciado surge o termo “alemão”. Hermano Vianna em “Galeras Cariocas” nos apresenta a ele e ao “sangue-bão”: “sangue-bão é quem é da nossa turma, quem é nosso ‘colega’. Alemão não precisa nem ser o inimigo: é o outro, o que está fora (mas que nem sempre está ‘por fora’). Do ponto de vista de quem é alemão para mim, ele é o sangue-bão e eu sou o alemão. E para complicar tudo, nada é definitivo. O alemão pode virar sangue-bão do dia para noite. E vice-versa” (2003 [1997]:7).

¹⁰³ Entrevista apresentada no primeiro capítulo.

¹⁰⁴ Refiro-me às entrevistas apresentadas no primeiro capítulo desta dissertação.

O namorado dela, ele não fazia essas coisas. Ele não matava, não roubava, ele só mandava. Isso pra ela, ela se sentia: “Tô namorando um mandante, ele não faz nada, ele só ordena, ele fica na dele. Ele não se suja, não mata, não rouba. Ele fica na casa dele, pegando o dinheiro, e pronto (...) Eu tô namorando o dono, isso pra mim é muito gratificante. Eu tô me sentindo a rainha, a primeira dama”.

Luiz Eduardo Soares, em suas pesquisas com jovens envolvidos com o tráfico, menciona como o impressionou o depoimento de um menino de 13 anos, no qual relatou o esquartejamento de um outro menino de 11 anos. No trabalho aqui mencionado, Soares (2006) analisa três situações que o motivaram a refletir sobre a “diferença entre os procedimentos da justiça criminal e o ‘justiçamento’ realizado pelo tráfico”. O autor descreve o modo como compreende a violência:

(...) é uma certa modalidade disciplinada de auto-realização, de produção de si e de relacionamento. É uma modalidade de organizar a experiência da sociabilidade, ainda que acabe dissipando as condições mesmas da experiência da sociabilidade. (...) A violência não é a negatividade, não é o vazio, não é o oposto da cultura, ainda que seja a barbárie. É a barbárie como uma certa configuração cultural, enquanto uma certa modulação da cultura, um certo arranjo de linguagens que ordenam as posturas individuais, físicas, mentais, e as disposições subjetivas (Soares, 2006:126).

Sofia começava a conhecer alguns dos códigos que organizavam o cotidiano no Morro do Fubá.

(...) O cara lá falou pra ela: “aqui, a mulher que cria problema pra gente, a gente raspa a cabeça e pronto. Não pode criar problema...[risos de Ernesto].¹⁰⁵

Raspar a cabeça, além de enfear, marca e publiciza o ato, remetendo-nos à idéia que perpassa todo este estudo: o ato publicizado torna-se alvo de acusações e de estigmatização (Malinowski, 2003:64).

¹⁰⁵ Na entrevista, Ernesto não esclarece que situações seriam estas, percebidas como “criadoras de problemas”.

Após a conversa com Ernesto e Carmem, agendei uma possível entrevista com Sofia. Agora que seu pai tinha certeza que eu não pertencia ao “Terceiro Comando”, nem era jornalista, não precisaria tomar certas precauções. De qualquer modo, Ernesto me pedia para aguardar um pouco para que sua filha tivesse tempo para se recuperar da experiência traumática. No entanto, em contato telefônico com a jovem, escutei sua recusa peremptória: definitivamente, ela não queria falar sobre o assunto.

Sabe por que eu aceitei te dar uma entrevista, aqui? Porque, tá vendo aqueles caras, ali? [aqueles indolentemente sentados, que mencionei no início deste capítulo] São todos da polícia, todos meus amigos!!!

2-2 Loura, branca, bonita: é chegada a um homem negro

As articulações em torno da tentativa de entrevistar Dayse davam-se desde o início do ano de 2006. Magda, jornalista de uma influente rede de televisão, já havia sintetizado outra experiência similar, a de Mariza. Do meu ponto de vista, no entanto, tratava-se somente de mais uma daquelas histórias que continham apenas alguns poucos traços em comum com as aqui analisadas. Ao longo do trabalho de campo, não raro me foram apresentadas situações que se aproximavam do meu tema de pesquisa, mas que, ao final, eu percebia não se inserirem exatamente no perfil pesquisado. Com relação à Mariza, a jornalista e o policial que acompanhara o caso afirmaram que, na adolescência, ela teria namorado um traficante de um morro não identificado, insistindo que a história teria interfaces com o meu objeto de estudo.

Diante das dificuldades vivenciadas para encontrar pessoas dispostas a me conceder uma entrevista, optei por verificar pessoalmente a versão acima sustentada. Uma vez obtido

o consentimento de Dayse, Magda colocou-me em contato direto com a mãe de Mariza. Foram vários meses de negociação, além de um longo período de espera durante uma viagem de Dayse. Finalmente, marcamos o encontro para maio de 2006, na casa desta última. O horário? “Vou ver o horário do meu filho. Ele chega amanhã, e marcamos em seguida”. A idéia era marcar justamente uma hora em que Maurício estivesse em casa.

Um jardim muito bonito circundava a casa de Dayse, que me recebeu acompanhada da simpática labradora, Luna: “era a cachorra da Mariza”. Chovia muito. Entramos, imediatamente, para a sala, onde ela sentou-se ao meu lado e Luke – um cachorro pit-bull — instalou-se em meu colo. Adoro cachorro. Mas pit-bull? “Não se preocupe. É o pit-bull mais manso que eu já conheci”. Alguns minutos de apresentação e Dayse interrompeu nossa conversa para receber Maurício – irmão de Mariza – campeão de uma modalidade de luta livre. Um sujeito alto e forte – um “armário”¹⁰⁶ — como informalmente costuma-se definir homens desse porte. Maurício chegava do treino acompanhado de vários amigos, outros “armários” igual a ele. Cumprimentou-me secamente e deixou a sala junto com a mãe. Minha presença implicava revisitar o tema do desaparecimento de Mariza. Enquanto esperava o retorno de Dayse, um amigo de Maurício permaneceu na sala conversando comigo. “Você também treina com Maurício?”

Não, não, eu só brinco de treinar.

Ato contínuo, o rapaz me interpelou:

Não vejo o que o caso da Mariza possa ter com o seu estudo.

¹⁰⁶ Segundo o *Dicionário Eletrônico Houaiss*: Armário: Derivação: sentido figurado. Regionalismo: Brasil. Uso: informal - homem muito grande e forte.

Nem eu! Mas procurei justificar-me, retrazando o meu percurso de pesquisa até o encontro com Dayse, quando esta retornou e retomamos a entrevista. Entre a prudência e a vigia, Marcos, psicólogo – amigo de Maurício – sentou-se atrás de mim. Enquanto isso, um outro “armário” lia no alpendre da casa.

Decidi não gravar a conversa. Dayse relatou-me a mesma versão que foi divulgada pela mídia impressa. Mariza tinha 29 anos quando desapareceu. No dia do desaparecimento, a mãe levou-a até o trabalho, no Centro do Rio de Janeiro:

Naquele dia, Mariza estava com cólica e depois, nunca mais... [pausa para marcar que, desde então, Mariza nunca mais foi vista] 15 dias depois, um cachorro [da Mariza] morreu.

A primeira fala de Dayse — que é geógrafa — não divulgada nas matérias impressas, destaca que ela costumava fazer trabalhos sociais em comunidades carentes, desde que os filhos eram pequenos.

Mariza cresceu em meio a camadas sociais desprivilegiadas. Desde criança, conviveu com pessoas mais pobres.

O mesmo ocorreu com Maurício que, segundo sua mãe, foi o primeiro a desencadear os trabalhos sociais em uma determinada favela da Zona Sul. O rapaz abriu uma escola de luta livre e dava aulas para crianças carentes. Dayse especula sobre essas questões, sobretudo depois do que ouviu de sua mãe.

Você não soube educar seus filhos, porque eles sempre acharam que não havia diferença social.

Tal questão é central no discurso de Dayse:

(...) Isso me pesa, eu fico culpada.

O desaparecimento de Mariza é acompanhado por um grupo especializado da polícia do Rio de Janeiro, tendo a família chegado até mesmo a oferecer recompensas, em meio aos diversos apelos realizados em diferentes meios de comunicação. Existem algumas hipóteses a respeito. Mariza já havia sofrido episódios de amnésia, e talvez isto tivesse ocorrido naquele dia. Ou ainda, como ela havia supostamente namorado um traficante — e agora que suas fotos com o mais novo namorado circulavam pelas colunas sociais — ele, enciumado, teria sido o responsável pelo desaparecimento da jovem. Também levanta-se a hipótese de que Mariza, ao pegar um táxi, teria sido seqüestrada. E para que favela ela teria sido levada? Todos sabem a resposta — tanto a polícia, quanto sua família.

Mariza trabalhava para um departamento da Prefeitura e falava com todos, sem fazer diferença. (...) Se lembrava dos nomes das pessoas, conversava com os taxistas, sorria, enfim, tratava todos da mesma maneira.

Devido a essa maneira de ser, Dayse formula uma nova hipótese para o desaparecimento da filha:

Ela tratou bem uma pessoa e esta teria confundido: ficado com ela, matado etc...

Dayse não confirma em momento algum que Mariza namorou, de fato, alguém da favela:

Acho que pode ter acontecido isso. Ela tratava bem as pessoas. A ponto de, por vezes, ter de chutá-la para evitar que ela conversasse muito com as pessoas.

Teria ela sido vítima da Síndrome de Estocolmo?¹⁰⁷

¹⁰⁷ Síndrome de Estocolmo: “estado psicológico particular desenvolvido por pessoas que são vítimas de seqüestro. A síndrome recebe esse nome em referência ao famoso assalto de Normlmstorg, Estocolmo, que

Acho que a Mariza pode ter fingido que estava bem para ter a pessoa aliada dela.

Se no início da entrevista, a *entourage* que a acompanhava parecia configurar a maior dificuldade a ser enfrentada, ao final, o clima pesado era imprimido pela enorme tristeza de Dayse.

A minha vida parou em 9 de janeiro de 2004.

Desde o início da entrevista, posicionei-me de forma a tentar inserir Marcos em nossa conversa. Entre a empatia e a desconfiança, ele participou ativamente do encontro, lembrando-se da filha de amigos em comum – dele e de Dayse – que teria vivido uma história semelhante daquelas ora em estudo. No final da entrevista, no entanto, ele abaixou o tom de voz como se estivesse prestes a enunciar algo revelador. Sem nenhuma aparente ligação com a fala anterior — e sem formular nenhuma questão concernente ao tema que se seguiu — Marcos nos contou ter trabalhado por um tempo no Morro Santa Marta, no mesmo período em que ali era realizada uma determinada produção artística.

(...) Sabe a fulana [cita uma pessoa renomada]? Ela adora ter casos amorosos com rapazes da favela. No período em que ela trabalhou lá, ela ficou com um cara de lá. Loura, branca, bonita. É chegada a um homem negro.

Fascínio pelo homem que porta armas, ou pelo homem negro são conjecturas que disputam as explicações para o namoro das jovens com traficantes. Dentre as duas, no entanto, a atração por armas é mais facilmente enunciada, em algumas falas chegando-se mesmo a afirmar que “as ‘patricinhas’ chegam [nos bailes funk], procurando homens com armas”. Já a atração por homens negros era mais sussurrada do que francamente discutida.

durou de 23 de agosto a 28 de agosto de 1973. Nesse acontecimento, os reféns desenvolveram uma relação afetiva com os bandidos (Enciclopédia Virtual Wikipédia, consultada em 30/11/2006).

Com relação a esta questão, nas entrevistas realizadas por Moutinho, o homem “branco” é “(...) opaco no que tange aos atributos eróticos e sexuais” (2003:351).

De todo modo, a temática do desejo é um componente importante a ser analisado nessas histórias. Ao prefaciar o livro de Nestor Perlongher, Peter Fry afirma que:

O assunto mais instigante deste livro é o desejo. O desejo ao menos três vezes maldito: transitório e mediado pelo dinheiro; que corre entre pessoas do mesmo sexo, e que une, momentaneamente, pessoas socialmente distantes (rico e pobre, branco e negro, velho e moça, “feminino” e másculo). O desejo que corre na absoluta contramão do desejo socialmente aceitável: aquele que é duradouro e ausente de ‘interesse’ (1987:14,15).

Na entrevista que realizei com uma repórter do jornal *O Dia*, esta jornalista relatou o episódio que havia vivenciado para realizar uma matéria em torno do tema em estudo. Uma jovem de 16 anos, moradora de um condomínio da Barra, namorava um rapaz — morador do Morro da Coroa — e foi atingida por três tiros nesta localidade. Eles se conheceram num baile *funk* e, por vezes, a “menina” costumava pernoitar na casa do namorado. Duas versões foram divulgadas. A primeira delas sustentava que uma “bala perdida” teria atingido a jovem. A segunda delas foi veiculada um mês mais tarde, relatando que o namorado havia atirado na jovem por ciúmes.

Enquanto a moça era submetida à cirurgia para retirada dos projéteis, a jornalista teria tentado uma entrevista com o pai dela que, transtornado com a situação, recusou-se a falar. Nesse momento, a jornalista passou a acompanhar o jovem — namorado da “menina” — impedido de visitar a namorada. Segundo a jornalista, o rapaz atribuía tal impedimento ao fato de ser pobre e negro.

Em “Sobrados e Mucambos” (1936), Gilberto Freyre já chamava a atenção para a aproximação erótico-afetiva entre categorias étnicas diferenciadas. O trabalho em questão

tinha como protagonista o “mulato bacharel” (2003 [1936]). Já assinala anteriormente — e aqui volto a afirmar — que tal autor analisava essas relações em meio às famílias da elite brasileira. Neste estudo, por sua vez, temos como foco famílias nucleares fortemente marcadas por ideologias individualistas.

No capítulo anterior, a atração do rapaz negro pelas jovens “branquinhas” era mencionada por uma das entrevistadas. Aqui, no entanto, a ênfase recai sobre o aspecto utilitarista desta relação. Laura Moutinho, em seu estudo comparativo sobre relações “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul, analisa as “razões sociais, afetivas e sexuais que norteiam os relacionamentos afetivo-sexuais entre ‘negros’ e ‘brancos’”. Moutinho coloca em questão se haveria, de fato, um interesse utilitário nessas relações¹⁰⁸, sendo suas análises interessantes para se pensar as relações entre as “meninas” e os traficantes. Cito integralmente a síntese elaborada pela autora:

A relação homem “negro” e mulher “branca” se revela, ainda, como uma relação metonímica – tal como construído pela cosmologia católica. A mulher “branca”, entretanto, não aparece apenas racionalmente e à mercê do desejo masculino, mas como ser desejante. Nesse aspecto, vemos se desenhar um interessante caleidoscópio quando justapomos “cor” e gênero na esfera erótica: se o gênero masculino engloba o feminino, a “raça branca” engloba a “negra”; de modo que, no eixo operado pela categoria gênero, o homem “negro” é superior, e, no eixo “racial”, a mulher “branca” exprime a sua superioridade (Moutinho, 2003:360).

Era muito raro que a menção às relações afetivo-sexuais entre mulheres “brancas” e homens “negros” surgisse espontaneamente durante o trabalho de campo. Ainda que os enunciados das entrevistas não mencionassem as discussões relativas à cor dos namorados das “meninas”, podemos entrever o caráter subjacente dessa questão nas experiências analisadas nesse estudo. À pergunta recorrente: armas ou drogas?, devemos acrescentar a suposta atração ou “desejo” pelo homem “negro”. Nas primeiras entrevistas que realizei,

¹⁰⁸ Moutinho, 2003:323.

esta pergunta não foi colocada para as entrevistadas. A questão sobre a identidade de cor seria formulada posteriormente — e sobretudo para aquelas pessoas que tinham uma história correlata para relatar. Longe do gravador, as pessoas costumavam ser mais espontâneas. Reconheço, contudo, que o temor das imputações de preconceito pode ter inibido alguns destes relatos.

As fotos dos jovens namorados das “meninas” publicadas nos jornais eram reveladoras por si só. A maioria delas retratava homens “negros” ou “pardos”. Para analisar até que ponto a identidade de cor traduz-se, de fato, num elemento que mais dissolve as supostas fronteiras interétnicas do que as reforça, seriam necessários, entretanto, elementos mais substantivos.

Capítulo 3 - “Vale a pena ser mulher”: o mundo das escolas

Se “mulher é assim”, como nos disse Cláudia, no 1º. capítulo –desta dissertação, aqui, “vale a pena ser mulher”. Tais afirmações foram feitas por duas jovens de camadas médias — vivenciando diferentes fases de sua juventude — e nos apresentam distintas representações acerca do gênero feminino. A fim de investigar valores, atitudes e comportamentos de jovens entre 14 e 18 anos de idade, do sexo feminino, realizei entrevistas em dois colégios — um público e o outro, privado — situados na Zona Sul do Rio de Janeiro.

Continuava a busca pelas “namoradas de fé”, aproximando-me, agora, de uma parcela da juventude compreendida nessas instituições de ensino, consideradas como um *locus* de sociabilidade. A fronteira etária proposta para as entrevistas coadunava-se àquela em que as “meninas” se encontravam, no momento em que vivenciaram as experiências afetivas ora em estudo. Neste capítulo, apresento os resultados dessas entrevistas que giraram em torno da seguinte pergunta: “Como você vive a sua juventude”? A enquête partiu desta questão aberta, mas dividiu-se em eixos temáticos que conduziram para as questões relativas a visões de mundo, estilos de vida e trajetórias amorosas. Maior destaque será dado aos dados obtidos nas entrevistas realizadas no colégio público. Desse modo, procuro entender os valores de um universo jovem aparentemente mais próximo das

“namoradas de fé”. Com relação às entrevistas obtidas no colégio privado, limito-me a destacar as passagens profícuas às discussões acerca das “meninas”¹⁰⁹ ora em estudo.

Apesar das diferenças sociológicas muito evidentes entre as entrevistadas do colégio privado e aquelas do ensino público, as primeiras valorizavam certos aspectos igualmente relevantes para as camadas populares. São, portanto, jovens de classe média que transitam entre diferentes domínios e que “podem a qualquer momento transitar de um para o outro, em função de um código relevante para suas existências”, como ressaltado por Gilberto Velho (2003:26). Lembro que as histórias contadas a respeito das “meninas de fé” retraçavam trajetórias que se davam entre diferentes domínios e províncias de significado: dos bares da Gávea aos bailes *funk* das favelas. Tais relatos, no entanto, também sustentavam que a situação inversa seria bastante improvável, com afirmações do tipo: “elas sabiam as coisas e não precisavam aprender nada pra ir pro Morro”. Os rapazes do “movimento”¹¹⁰, por sua vez, precisariam “aprender certas coisas para viver no asfalto”.

A mídia impressa levava a crer que o fenômeno das “meninas de classe média que namoram traficantes” espalhava-se a um número expressivo de jovens. Da mesma forma, tal como comento no primeiro capítulo desta dissertação, em algumas matérias impressas havia mesmo – subliminarmente às informações a respeito da classificação social das jovens – um super-dimensionamento, tendendo a tomar como elite, pessoas que melhor se enquadrariam na categoria “camadas médias”. Em diferentes rodas sociais, quando as notícias eram veiculadas, os comentários que se seguiam costumavam reiterar as reportagens publicadas; as experiências sendo narradas e generalizadas a diversas outras

¹⁰⁹ Assinalo que, ao referir-me às “meninas”, estarei sempre aludindo às jovens que namoram (namoraram) supostos traficantes ou rapazes moradores de favelas. Compreendem as jovens entrevistadas, aquelas comentadas em conversas informais ou as que foram objeto de matérias da mídia impressa.

¹¹⁰ A definição deste termo encontra-se no 1º. capítulo desta dissertação.

jovens. Tal movimento entre a mídia e seus consumidores é, no entanto, efêmero na mesma medida em que:

in its most elementary form a news report is a mere “flash”, announcing that an event has happened (...). An event ceases to be news, however, as soon as the tension it aroused has ceased and public attention has been directed to some other aspect of the habit or to some other incident sufficiently novel, exciting, or important to hold its attention (Park, 1967:41).

Enquanto as atenções midiáticas – e a do público — ainda estavam voltadas para as “meninas”, interessei-me em ampliar o estudo, dando início aos contatos com as diretoras dos referidos colégios. Desse modo, mesmo com um universo reduzido de entrevistadas, ampliaria a gama de experiências juvenis analisadas. Encontraria, de fato, as tais “namoradas de fé” nas escolas pesquisadas? A resposta acabou sendo negativa. Não encontrei “namoradas de fé” nas escolas, o que, a meu ver, ameaçava converter parte de meu trabalho de campo e, mais especificamente, este capítulo, digressivos.

Em algumas situações, foi possível formular questões mais diretas sobre o tema em estudo. Não as formulava utilizando a expressão “namoradas de fé”, por tratar-se de um termo pouco difundido. Sendo assim, procurava aproximar-me da temática em questão, perguntando sobre as “patricinhas” nos bailes *funk*. Entretanto, diante dos olhares vigilantes existentes em um colégio católico e de elite, não me seria permitido abordar determinados aspectos — sobretudo, contando com um único encontro para a realização de todas as entrevistas previstas. Nesta situação, indagar a respeito do lazer e da música foi a estratégia utilizada para tentar chegar à questão que, de fato, me interessava. No colégio público, por sua vez, deparei-me com um universo jovem feminino na fronteira entre as camadas médias e populares e pude observar valores compartilhados entre estas jovens e as tais “meninas” mencionadas nos capítulos iniciais desta dissertação.

Dois colégios situados no meu trajeto de deslocamento entre o trabalho e a residência chamariam minha atenção. Em Copacabana, bairro da Zona Sul do Rio de Janeiro, esses dois colégios – um público e o outro privado (católico e de elite) – estão posicionados quase um defronte ao outro. Não é a localização, o aspecto relevante neste caso, mas o que ela vem a evidenciar. Na troca de turnos de ambas as escolas, os estudantes ainda permanecem nas calçadas em frente a elas, ou transitam de um lado para o outro, oferecendo à observação, elementos da forma de sociabilidade exercida nas respectivas instituições — mas, agora, extra-muros. Em conversa com cada uma das diretoras dessas escolas, elas inicialmente rasgaram-se em elogios mútuos, para posteriormente assinalar que administram um diálogo delicado oriundo dessa circulação de seus alunos. É muito provável que tal situação seja imaginada como os supostos muros existentes entre o “morro” e o “asfalto”, mas também aqui, a circulação de jovens de “distintas camadas sociais” — ao menos, aparentemente — dissolve a suposta segregação social existente.

Tal configuração também oferece argumentos à discussão abordada nesse estudo, relativa à forma como vêm sendo classificadas as distintas camadas sociais. A mídia, por exemplo, costuma apropriar-se de informações acerca da moradia — em Copacabana, por exemplo — para assegurar, em suas matérias impressas, que todos os jovens moradores desse bairro pertenceriam à classe média. Gilberto Velho já investigava, em sua dissertação de mestrado, a importância atribuída à moradia em Copacabana pelo *white collar*, mostrando que “a grande maioria dos entrevistados morando ou não no bairro encarava-o como símbolo de sucesso, indício de subida na vida” (2003b:42). Esse deslizamento classificatório que a moradia em Copacabana proporciona é claramente observado não só

nas falas daqueles que se mudaram recentemente para o bairro, como também nos relatos que enunciam a aspiração a essa mudança.¹¹¹

Voltando à abordagem da mídia sobre o tema ora em estudo, não estou afirmando a inexistência dessas experiências de namoro entre jovens de diferentes camadas sociais, nas quais os rapazes envolvidos são moradores de favelas do Rio ou integrantes do tráfico de drogas — nos capítulos anteriores, chego mesmo a apresentar dados empíricos sobre a questão. Procuro, entretanto, complexificar essa análise.

Da segunda visita ao colégio privado – acima mencionado — descrevo uma cena, talvez digressiva, mas que pode servir como mais um elemento às discussões relativas às classificações sociais aqui em jogo.

No *récamier* azul-marinho em estrutura de madeira escura, situado na raiz de uma escadaria em mármore, culminando com um belo vitral, aguardo a reunião com a diretora do colégio privado. Presencio um fragmento de cena que reúne um pai — blusa florida no estilo “chitão” e anel de ouro no dedo mínimo — seu filho — adornado com uma larga corrente de prata e duas professoras. O aluno estaria com “problemas” na escola, e seu pai havia sido chamado para uma tentativa conjunta de resolução. Os personagens centrais dessa cena – pai e filho – ostentam símbolos tradicionalmente atribuídos às camadas populares: o anel de ouro no dedo mínimo¹¹², e a corrente semelhante àquela usada pelos rapazes do “movimento”; apresentando, a menos a princípio, um estilo diferenciado dos pais e crianças que costumam freqüentar esse colégio. A reação das professoras à saída da

¹¹¹ A partir de suas pesquisas, Gilberto Velho afirma que “em alguns casos, Copacabana pode ser a procura de um novo mundo, moderno e individualizado e, em outros, pode ser a procura de na modernidade reelaborar laços com parentes e antigos vizinhos” (2003b:43).

¹¹² De fato, o pai do garoto fazia lembrar a figura do “bicheiro” da Zona Norte do Rio de Janeiro.

reunião, também parecia confirmar uma cena fora de “ordem”, no sentido apontado por Mary Douglas (1966).

A imagem que se tem daquela instituição é a de um colégio de elite, e o pai daquele garoto ostentava uma apresentação de si que não se espera encontrar em locais como este — ao menos, a princípio, inteiramente discrepante. Como pude verificar posteriormente, tratava-se de um membro de um determinado estrato das camadas médias que havia escolhido educar seu filho numa instituição de elite.

Passando ao colégio público, as negociações com sua diretora atingiram rapidamente seu objetivo, e, em muito pouco tempo, eu iniciaria as entrevistas com as alunas e conseguiria acesso — razoavelmente facilitado — às dependências da escola. No colégio privado, o primeiro contato com a diretora também havia deixado impressões positivas. No entanto, após uma única reunião, passei a travar inúmeros contatos — telefônicos e pessoais — por aproximadamente três meses. Sem nenhum sucesso! O prazo para a conclusão do trabalho de campo chegava ao fim e as respostas que recebia apontavam para a inviabilidade da realização de entrevistas naquela instituição.

Nesse meio tempo, já havia desencadeado um contato com outro colégio privado — também católico e de elite - situado no Cosme Velho, Zona Sul do Rio de Janeiro. Neste caso, no entanto, eu havia sido recomendada à diretora da instituição por uma colega de trabalho, o que certamente facilitou minha aproximação. De qualquer modo, a despeito da recomendação, as dificuldades igualmente encontradas nas negociações, confirmavam a dificuldade de acesso de pesquisadores às elites¹¹³, impondo algumas mudanças na abordagem até então empregada no trabalho de campo. Mencionar que eu estava estudando

¹¹³ A este respeito, ver Nader, 1972.

as relações entre classes e gêneros implicadas nos namoros de “meninas de classe média” com traficantes, certamente inviabilizaria a realização das entrevistas nessas escolas. Sendo assim, elegi uma forma de descrever meu tema de pesquisa “apropriadamente”: as relações entre diferentes classes sociais e gêneros em meio a jovens de camadas médias.

Como você vive a sua juventude? Como você vive esse momento da sua vida? Estas foram as perguntas que deram o tom das entrevistas, acompanhadas de questões acessórias. Desse modo, procurava atenuar o impacto que uma indagação desta natureza poderia desencadear. O jovem simplesmente vive a sua juventude, tal como uma aluna do colégio privado declarou para mim: “Vivo, vivendo”. De fato, é bastante provável que o indivíduo pertencente à “terceira idade” — tomada como um “estilo de vida”¹¹⁴ — pense mais a respeito da juventude do que o jovem. Além do mais, como Gilberto Velho assinala “há várias maneiras de ‘ser jovem’, como também de ‘ser velho’, sem esquecer que essas próprias classificações não são dadas, e sim fenômenos socioculturais” (2006:194).

À questão mais ampla, estruturante das entrevistas, acrescentei perguntas relativas às relações familiares, aos estudos e à escola, sociabilidade, amigos, namorado, esporte etc. Os aspectos concernentes à religião não foram muito desenvolvidos pelos jovens, temática para a qual obtive poucas informações.

Nestes contextos diferenciados, a maneira como as 16 jovens entrevistadas vivenciam suas experiências evidencia os estilos de vida e visões de mundo determinantes na elaboração de suas identidades. No colégio público, realizei um total de 10 entrevistas com jovens do sexo feminino, entre 14 e 17 anos de idade. No colégio privado, foram entrevistadas 6 jovens do sexo feminino, com idades variando entre 16 e 18 anos. As jovens

¹¹⁴ Alves, 2006:73.

em questão cursavam a 8ª série do Ensino Fundamental ou as 2ª. e 3ª. séries do Ensino Médio.

Na escola pública, a duração das entrevistas era ditada pela disponibilidade das jovens — às vezes ansiosas para não perderem sequer alguns minutos de convivência com as amigas que, aos berros, do lado de fora da sala de aula, solicitavam a presença da entrevistada. No colégio privado, as entrevistas foram todas realizadas em um único dia. Com as férias escolares se aproximando, as últimas provas do semestre eram realizadas — ao que se somava uma dificuldade de outra natureza: os prazos apertados para a conclusão da pesquisa limitariam as etapas ainda concernentes ao trabalho de campo.

As jovens entrevistadas foram escolhidas por profissionais das próprias escolas. A princípio, no colégio público, somente me encaminhavam as jovens pertencentes à turma considerada “a melhor do colégio”. A diretora havia compreendido que eu deveria analisar a turma que melhor representasse sua instituição. Mais adiante, com a recorrência da minha presença na escola e o conhecimento de outros professores, pude interferir na escolha das alunas. Conteí também com o apoio das próprias entrevistadas — sobretudo o de uma jovem de 14 anos, muito desinibida, que sugeriu algumas colegas para as entrevistas e uma amiga com quem se identificava bastante.

(...) Gostaria muito de ouvir a história dela, afirmou.

Justamente pelo fato de, nas escolas, não buscar pesquisar jovens de uma determinada “tribo”, me foi possível pensar em juventudes, não somente naquilo que se refere à pluralidade das relações estabelecidas por estes mesmos jovens — que aderem, simultaneamente a tendências as mais diversas: cultura nipônica, *hip-hop*, nômades¹¹⁵ etc. —

¹¹⁵ Ver, a este respeito, Lourenço, 2006; Almeida e Tracy, 2003.

mas também, ampliando essa percepção, a partir da observação dos múltiplos perfis que se apresentam na vivência da juventude, em uma única biografia. Entretanto, ao mesmo tempo em que atentava para esse alargamento da percepção inicial, procurava não perder de vista os elementos que constituiriam um repertório em comum com aquele das “meninas” ora analisadas. Nas sociedades complexas, os jovens, em particular, e as pessoas, de forma geral, transitam por diferentes “mundos”, por diferentes províncias de significado. Para Gilberto Velho:

(...) a interdependência dos mundos e a fluidez de suas fronteiras faz com que um código de emoções, um *ethos* e um estilo de vida fortemente ancorados em um domínio exclusivo possam se constituir em terríveis armadilhas (...) Os projetos mais eficazes seriam aqueles que apresentassem um mínimo de plasticidade simbólica, uma certa capacidade de se apoiar em domínios diferentes, um razoável potencial de metamorfose (2004a:33).

O interesse pelo estudo das “namoradas de fé” já apontava para a importância de se analisar a juventude como um processo. A fronteira etária foi, contudo, apontada como um determinante no comportamento juvenil, por uma das jovens entrevistadas no colégio privado. Ela afirma ter percebido e vivenciado esta transição dos 17 para os 18 anos de idade:

(...) acho que, até o terceiro ano, é o que é divertido/ empolgação. A partir do terceiro — que você tem que se preparar para o futuro — você passa a ser movido pelas tuas metas. Definir as tuas metas para o futuro. O que você quer ser. Você começa a ver os teus valores.

O fato de pesquisar jovens mostrava-me, igualmente, como se exige do pesquisador a determinação que Almeida e Tracy impuseram a si próprias “em perseguir o traçado do novo, sem a contaminação da nostalgia, da aura do horror e do trágico, da decomposição dos valores, e do obscurantismo” (Almeida e Tracy, 2003:23).

Os contrastes entre as alunas desses colégios — observados em seus enunciados, mas também na postura corporal, nos gestos e no vestuário — traduziam uma “presentation of self”, tal como formulado por Goffman,¹¹⁶ constituindo o objeto de análise deste capítulo. Apoio-me, aqui, nas noções de “projeto” e “campo de possibilidades”, trabalhadas por Gilberto Velho, em suas pesquisas sobre as sociedades complexas.

O primeiro aspecto que chama a atenção, ao se comparar as entrevistas realizadas com as jovens dos dois colégios, é o modo como cada uma delas se apresentava, desde o início da entrevista. Refiro-me às formas por intermédio das quais elas coadunavam postura e comportamento a uma “apresentação de si”.¹¹⁷ Várias alunas do colégio público, por exemplo, entravam na sala onde estavam ocorrendo as entrevistas com uma postura muito tímida e aparentemente hesitante. Uma delas, no entanto, apresentou-se de forma diferenciada:

Eu sou muito segura. Eu sou mais forte. Das minhas amigas, eu sou a mais forte. Eu tenho a minha cabeça própria. Alguém fala: “vamo matar aula?”. “Não!” (...)

Ela, de fato, se destacava das demais. Pude observá-la já na rua, em frente ao colégio, junto das amigas: parecia ter liderança e a capacidade de agregar pessoas.

No colégio privado, a maioria das jovens apresentava uma postura segura, posicionando-se de modo indagativo à espera do início da entrevista. Nesta ocasião, as entrevistadas tinham acabado de realizar provas escolares — como já havia mencionado

¹¹⁶ Goffman analisa a “representação do eu na vida cotidiana” como uma peça de teatro. O autor refere-se à representação como “toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência”(1975:29).

¹¹⁷ A “aparência” para Goffman é constituída por “aqueles estímulos que funcionam no momento para nos revelar o status social do ator”. “Maneira”, por sua vez, refere-se “aos estímulos que funcionam no momento para nos informar sobre o papel de interação que o ator espera desempenhar na situação que se aproxima” (1975:31).

anteriormente, as entrevistas nesta instituição ocorreram, todas, em um único dia. Ainda assim, apesar do tempo limitado, as entrevistas fluíam, e os assuntos mantinham um encadeamento contínuo.

Uma referência importante para se pensar as questões relacionadas ao sistema escolar é o trabalho de Bourdieu (1964), “Les Héritiers”. No trabalho em questão, o autor demonstra como a escola acaba operando como uma “máquina de seleção social”. Tendo em mente uma certa defasagem temporal — já que a análise de Bourdieu é feita em meados dos anos 1960, na França — ainda assim, seus argumentos mostram-se interessantes para pensarmos o sistema escolar em nosso próprio país (idem).

No colégio público, a maioria das jovens respondia laconicamente às indagações propostas. Procurava, então, detalhar a questão ou mudar a condução da entrevista, mas, ainda assim, as respostas não eram desenvolvidas como eu esperava. Várias perguntas ficavam sem resposta, ou um gesto marcava o que eu deveria compreender como tal. Tal gesto revelava que, por vezes, elas simplesmente não sabiam responder a questão, não tinham respostas, ou nunca haviam pensado no assunto.

As questões relativas aos projetos individuais eram as que mais se encaixavam na observação feita acima. As respostas não deixavam claro se as jovens, de fato, já haviam pensado algo a respeito do assunto, ou se elas o ignoravam por completo. Havia uma certa apatia, que —me remeteu ao “sentimento de vazio” mencionado por Maria Claudia Coelho (2006), no qual há um esvaziamento do “estoque identificatório”, verificando-se que “o indivíduo de hoje teria dificuldades na construção de identidades sólidas e estáveis” (2006:179). Uma maneira de lidar com esse “vazio”, segundo Coelho, é o fenômeno da idolatria dos jovens pertencentes a fã-clubes, “articulado à temática das possibilidades

identificatórias oferecidas ao sujeito no mundo contemporâneo” (2006:191). A entrevista com uma jovem “aficcionada por Harry Potter” (Lourenço, 2006) configurava um bom exemplo da situação analisada pela autora.

Num momento posterior, já de posse demais dados a respeito das jovens, conjecturei se elas não estariam, em certos casos, assumindo uma atitude “blasé”, tal como Simmel definiu a maneira por intermédio da qual o indivíduo “metropolitano” equilibraria este excesso de “estímulos contrastantes que, em rápidas mudanças e compressão concentrada, são impostos aos nervos” (Simmel, 1987 [1902]:16). A ambiência dos dois colégios apresentava contrastes físicos, sonoros e comportamentais. As poucas visitas realizadas apenas reafirmavam as primeiras impressões que me ficaram. De todo modo, contribuía à reunião de elementos que contextualizavam ou que faziam ecoar as falas das jovens entrevistadas. Não era meu objetivo analisar a estrutura e a dinâmica dessas instituições, portanto, quando falo em contrastes, não estou me referindo às especificidades da orientação pedagógica adotada por cada uma das escolas. Tampouco atribuo o comportamento agitado desses jovens ao ambiente institucional. Procuo, isto sim, articular tais elementos com os diferentes processos de socialização vivenciados pelos jovens de ambas as instituições.

No colégio privado, observa-se igualmente uma grande agitação nos pátios e na saída das aulas. Mas aqui, os alunos não costumam arrancar – regularmente — os bebedouros de sua instalação, nem quebrar os corrimões das escadas. Insisto em assinalar que tais observações foram todas realizadas em um curto período de trabalho de campo. No colégio público, mantive visitas regulares por aproximadamente dois meses. No colégio privado, realizei somente duas visitas, e é evidente que na dinâmica dessa instituição subjaz

uma lógica muita mais velada do que a que prevalece na escola pública. A começar pelo controle ao meu acesso. Meses de negociação, e as duas primeiras entrevistas realizados sob o olhar atento da orientadora pedagógica.

Antes de mais nada, ressalto que o colégio público mencionado neste trabalho é dirigido por uma pedagoga extremamente dinâmica e vigorosa em suas atitudes. Por diversas vezes, encontrei-a às voltas com os conflitos com os alunos: com aqueles que fogem das aulas, ou com aqueles que chegam mais cedo à escola e procuram dispersar os outros que ainda estão em aula no turno da manhã.¹¹⁸

Um aspecto que chamava minha atenção nesta instituição eram os ruídos. Ao esperar pelas entrevistadas, pude perceber (e ouvir, evidentemente) como os alunos gritavam e se agitavam não somente fora das salas de aulas, como também no interior das mesmas, e em plena atividade. Dos professores, por sua vez, exigia-se um esforço hercúleo para tentar manter a atenção dos alunos e evitar que todos falassem ao mesmo tempo. É evidente que no colégio privado também havia a ambiência sonora própria a um ambiente escolar. Mas aqui, os ruídos eram bem mais atenuados.

A diretora do colégio público apresentou-me ao que ela denominava “la pièce de résistance” da instituição. Trata-se de um pequeno espelho que fica na entrada principal da escola, por onde os alunos passam e, eventualmente, se apreciam na “única peça que nunca foi quebrada”, ali.¹¹⁹

A noção de “projeto” surge com ênfases diversas nos enunciados das jovens entrevistadas nos colégios público e privado. Sobretudo no primeiro, era preciso inserir

¹¹⁸ Segundo informações da própria diretora da escola.

¹¹⁹ Reportei-me ao conto de Machado de Assis – “O Espelho” (1961). A diretora já o conhecia e resolveu fazer cópias do texto para uma possível proposta de trabalho na instituição.

uma questão específica para desencadear as falas que dariam a conhecer os distintos projetos em jogo. As jovens jamais abordavam espontaneamente aspectos que delineassem algo como um esboço de projeto pessoal — o que também era revelador do “campo de possibilidades” em que elas atuavam. No colégio privado, por sua vez, todas as entrevistadas apresentavam idéias ou esboços das intenções que norteariam as diferentes trajetórias biográficas em termos profissionais.

Para Gilberto Velho, os “projetos individuais” vinculam-se à maneira pela qual “se lida com a ambigüidade fragmentação-totalização” em determinados “contextos sócio-culturais” (G.Velho, 2004a:26). Ao menos aparentemente, no colégio público, algumas jovens pareciam ter menos domínio de seus projetos. As “motivações, relevâncias, projetos” são questões analisadas por Gilberto Velho, inspirado na fenomenologia de Schutz (idem, ibidem:8) Velho chama a atenção para um aspecto em particular da noção de projeto:

O projeto não é um fenômeno puramente interno, subjetivo. Formula-se e é elaborado dentro de um campo de possibilidades, circunscrito histórica e culturalmente, tanto em termos da própria noção de indivíduo como dos temas, prioridades e paradigmas existentes. Em qualquer cultura há um repertório limitado de preocupações e problemas centrais ou dominantes. (G.Velho, 2004a:27).

As entrevistadas do colégio público são todas moradoras de Copacabana, residindo bem próximo ao local onde estudam — com exceção de uma jovem, moradora da favela Pavão-Pavãozinho, situada na fronteira entre Copacabana e Ipanema, Zona Sul do Rio de Janeiro. Das 10 jovens entrevistadas, cinco moram em favelas situadas em Copacabana ou no Leme: Ladeira dos Tabajaras, Chapéu Mangueira, Pavão-Pavãozinho. As outras moram

nas imediações do colégio — sendo que uma delas afirmou morar na Sá Ferreira, não precisando em que altura da rua.

Ainda com relação ao colégio público, a maior parte das famílias das jovens – seis entrevistadas — pertence às camadas populares. Sobre aquelas supostamente integrantes das camadas médias – aproximadamente quatro jovens — sugiro trabalhar com a possibilidade de localizar suas famílias de origem na fronteira com as camadas populares. As mães dessas jovens trabalham como vendedoras, diaristas, cabeleireiras, gerente de loja de xerox/copiadora, ou estão desempregadas. Algumas respostas permaneciam inespecíficas. Pude perceber que, nesses casos, as jovens não conseguiam precisar a função que as mães exerciam nos respectivos trabalhos — ou estavam desempregadas. Quanto à atividade exercida pelos pais destas jovens, foram mencionados: o trabalho em uma gráfica, a condução de um restaurante ou o desemprego. Da mesma forma, algumas respostas deixavam entrever um certo desconforto em abordar o tema, ou coisas do tipo:

Eu não conheço o meu pai. Ele batia muito na minha mãe.

De fato, percebe-se que, nas entrevistas realizadas na escola pública, alguns assuntos eram especialmente delicados. O tema da moradia é um exemplo disto, e atribuo a opção pelo silêncio ao estigma relacionado a se viver numa favela. Novaes afirma que “ao preconceito e à discriminação de classe, gênero e cor adicionam-se o preconceito e a discriminação por endereço. (...) No imaginário social, o jovem que mora em tal lugar de bandidos é um bandido em potencial (...)” (2006:106). Outro tema que suscitava esse desconforto em potencial relacionava-se à ausência dos pais. Uma jovem afirmou que sua mãe “teve problemas com álcool e drogas”. Outras ainda, revelaram não conhecer o pai, mencionando-o como uma figura completamente distante, ao qual se faz referência com

uma vaga menção: “Acho que ele era de Pernambuco”. A jovem cuja fala acabo de reproduzir tem 17 anos, é filha única e moradora do Chapéu Mangueira, onde coabita com o namorado — um relacionamento que já dura dois anos. Passo, a seguir, a destacar os principais pontos de sua entrevista, por ter sido ela, a jovem que mais clareza tinha de sua escolha profissional, reunindo em seu discurso aspectos referentes a um “projeto” pessoal e outros relativos a seu passado — constitutivos de uma “memória”, que procurava “dar sentido à sua vida e às suas ações” (G.Velho, 2003f:101). O que você quer fazer como profissão? Sem titubear, ela me respondeu:

Cirurgiã. Desde pequena, não sei explicar isso. Só sei que eu quero. Meu namorado trabalha numa lanchonete. Agora, tá parado, porque teve tuberculose.

Gilberto Velho ressalta que a “memória” atribui consistência à biografia, possibilitando a “formulação e condução de projetos”. O “projeto” seleciona, portanto, na “memória”, os indicadores básicos de um passado que produz as circunstâncias do presente, cuja inconsciência impossibilitaria a elaboração dos mesmos (G.Velho, 2003f:101).

Em alguns dos relatos das jovens do colégio público, havia um tom de desencantamento com a família, sobretudo quando mencionavam cenas de violência doméstica. Debert afirma que, na década de 1990, tal tipo de violência ocupou um lugar expressivo na mídia brasileira, a família sendo considerada “um espaço de relações de opressão em que o abuso físico e emocional, o crime e a ausência de direitos individuais competem e agigantam as estatísticas sobre a violência entre desconhecidos nos grandes centros urbanos” (2001:74).

Nos relatos em que o referencial dos pais não é enfatizado, tampouco percebe-se alguma preocupação com o futuro escolar ou com a realização de uma atividade valorizada.

Nessas situações, algumas poucas falas valorizaram os cursos técnicos ou profissionalizantes. A este respeito, uma única jovem conferiu destaque à fala do pai:

Estudar é necessidade (...) Quem não estuda, não tem liberdade, afirmou.

A maioria das jovens do colégio público relatou que os pais eram separados. Com exceção de uma entrevistada que afirmou morar com o pai, a maior parte morava com a mãe ou com o namorado. Duas jovens afirmaram ressentir-se de coabitar com os namorados das mães, sobretudo por conta das brigas frequentes ou porque alguns deles tinham o hábito de bater em suas mulheres.

Várias das famílias das “meninas” que namoram traficantes têm em sua configuração, pais separados. Ressalto que não estou propondo uma correspondência direta entre estas últimas e as famílias das jovens entrevistadas no colégio público, até porque, em suas entrevistas, elas me relataram inúmeros aspectos divergentes: alcoolismo, dependência química, violência corporal etc. Entretanto, no que tange os conflitos potencialmente decorrentes da separação dos pais, é possível que algumas experiências possam ser aproximadas.

As relações pessoais entre os pais das “meninas” são evidenciadas a partir da publicização das experiências de suas filhas. Nos arquivos do Conselho Tutelar (CT), por exemplo, o registro da história de uma jovem moradora da Lagoa deixava entrever o engajamento dos pais na tentativa de atenuar as repercussões do divórcio sobre os filhos. Com tal intuito, esse casal decidiu, a princípio, residir no mesmo bairro – Lagoa —, após a separação. Num momento posterior, a “menina” que se apaixonara por um traficante, seria afastada do Rio de Janeiro, passando a morar junto ao pai que, a esta altura, já se mudara da

cidade. Os pais de Paola – a primeira entrevistada – também eram separados. Mas Paola não fez menção a nenhum conflito entre eles, e sua formação educacional aparentemente não foi abalada pela separação. Além do mais, a jovem salienta que a omissão aos pais de sua frequência aos bailes *funk* na favela visava, justamente, evitar confrontá-los.

Já Tereza – apresentada no primeiro capítulo – relatava conflitos com os pais, situando suas origens justamente no momento da separação. Também nos arquivos do CT, os registros revelam que, em função da separação e de uma prole extensa, o pai de Tereza passaria por dificuldades financeiras, o que obrigava a jovem a estudar em uma escola pública de Copacabana. Tereza atribui o seu desinteresse pelos estudos a essa mudança, assegurando que o pai teria condições de financiar sua formação em um colégio privado. Em seu relato, Tereza ressalta os conflitos com o pai. Este, no entanto, demonstrava empenho em convencê-la a sair da favela. Neste capítulo, somente retomo alguns dados. A história de Tereza foi descrita no 1º. capítulo desta dissertação.

As diferenças entre as jovens do colégio público e as “meninas” situam-se nos campos de possibilidades em meio aos quais elas se movem. Algumas jovens do colégio público pareciam mais incorporadas às suas famílias de origem do que as “meninas”. Estas últimas orgulhosamente ostentavam suas escolhas realizadas no interior de um campo de possibilidades mais diversificado. Por vezes, mesmo diante de uma família ausente – segundo sua percepção – estas jovens escolhiam “desindividualizar-se”.¹²⁰ De todo modo, tal como ressalta Gilberto Velho, “a desindividualização não deixa de ser, em algum nível, uma solução individual” (2004a:25).

¹²⁰ Refiro-me à seguinte afirmativa de Gilberto Velho: “(...) há outras alternativas de *desindividualização* através da carreira, da participação em certas instituições, da própria família(2004a:25).

Cláudia – entrevistada no primeiro capítulo – considera que a mudança para a escola pública tenha facilitado a frequência aos bailes *funk* na favela. Lembro sua menção a uma relação sem conflitos com os pais. A dificuldade financeira da família, no entanto, acabou culminando na transferência de escola. Para a jovem, conhecer pessoas que estudavam na mesma instituição que ela e que moravam na favela, acabou por converter aquele “mundo”, no seu próprio.

No colégio público, duas jovens relataram uma relação bastante entrosada com os pais. Entrosamento mesclado de controle rigoroso do horário de retorno para casa, de proibição da frequência aos bailes *funk* ou, ainda, de ausência de conversas sobre sexo. Outra jovem enfatizava a cumplicidade com a mãe, que alternava controle – proibindo-a de ir aos bailes *funk* nas favelas — e “liberdade” vigiada: acompanhando a filha à matinê de baile *funk* em Copacabana, onde presenciou a oferta de drogas leves¹²¹ nas proximidades do local.

No colégio privado, as jovens recebem uma formação que se destaca — quanto ao nível educacional — em relação àquela recebida pelas entrevistadas do colégio público — fato atualmente evidente. Seus projetos de vida já estão delineados em função da área profissional na qual desejam atuar. Segundo as entrevistadas, haveria, atualmente, certa tendência às escolhas pelos “cursos mais ecléticos: artes cênicas, cinema, design”, o que sinaliza um certo distanciamento entre gerações. Ao mesmo tempo, uma das jovens manifesta sua insegurança diante dos “preconceitos com as faculdades ‘abertonas’”. Os pais das alunas do colégio privado têm, todos, formação de nível superior: antropologia,

¹²¹ *Marihuana*, no caso.

geografia, psicologia, direito, engenharia, comunicação, medicina — um deles sendo treinador internacional de artes marciais.

As estudantes da escola pública apresentam uma fraca adesão à sua dinâmica, de desvalorizando as ações desenvolvidas no colégio e ansiando pelo momento de término das aulas. A professora de história e a diretora do colégio são, no entanto, figuras respeitadas por estas jovens, que chegam até mesmo a tomá-las como modelos femininos. Uma jovem, por exemplo, que pretende cursar cinema ou história na faculdade, afirma que isto se deve à influência de sua professora. De fato, tal professora foi a primeira pessoa com quem fiz contato na referida instituição. Naquele momento, ela geria um conflito entre um aluno – supostamente filho de um traficante – que se sentia ofendido e, por esse motivo, ameaçava um outro jovem do colégio. Tive a oportunidade de conversar com ela, e perceber seu engajamento nas atividades e conflitos do estabelecimento de ensino.

Cláudia – mencionada no primeiro capítulo desta dissertação — e as demais “meninas” que mencionaram estudar em instituições públicas também me deram a impressão de fraca adesão a suas respectivas escolas — que eram percebidas pelas próprias “meninas” como o fator desencadeante do desinteresse generalizado que várias delas manifestaram, momentos antes das experiências de namoro com traficantes.

Os indícios dessa fraca adesão às escolas eram também percebidos nos relatos das jovens quando se referiam aos hábitos relativos à leitura ou ao estudo:

Sinceramente, não gosto muito de ler.

À tarde, fico em casa. Fico vendo televisão.

À tarde, não faço nada.

Não gosto de estudar.

Somente uma, dentre as jovens entrevistadas no colégio público, mencionou gostar de ler – romance, Harry Potter e jornal tendo aula particular de matemática e português, no período da tarde. Essa mesma jovem afirma que consultaria mais pela internet, não fora o computador de sua casa estar com defeito. Ao mesmo tempo, comentávamos o fato de haver uma sala de informática e uma biblioteca à disposição dos alunos, na escola em que ela estuda. Posteriormente, eu perceberia que esse colégio destacava-se das demais escolas públicas, várias atividades sendo desenvolvidas por sua diretora, no intuito de promover uma relação mais próxima entre pais, alunos e o corpo docente.

A amizade era algo fortemente valorizado por duas das jovens entrevistadas no colégio público. Em ambas as instituições pesquisadas, as redes sociais constituem-se de amigos do colégio e de fora da escola. No colégio privado, no entanto, uma jovem afirmou serem freqüentes as redes sociais fechadas, constituídas exclusivamente por membros da instituição. No colégio público, as jovens que mantêm um namoro estável (variando entre 6 e 9 meses) costumam distanciar-se da rede de amigas. De todo modo, é no colégio privado, mais do que no público, que os relatos em torno da sociabilidade são mais presentes e diversificados. Tal como Simmel já afirmara, a maior possibilidade de interações leva à diversificação das trocas, e quanto maior a socialização, maior a individualização (1971g). Na maioria dos relatos, no entanto, a amizade era mencionada sem uma associação imediata aos vínculos de confiança ou liberdade, a ela tradicionalmente atrelados.

Outra jovem afirmava “gostar da sua turma” — “às vezes rola namoro” — com a qual costuma freqüentar uma casa de jogos eletrônicos. O tempo limitado de trabalho de campo nas escolas restringia, contudo, o maior aprofundamento das questões em torno das relações afetivas. Além do mais, tive dificuldades em abordar abertamente o tema da

sexualidade — sobretudo, como já mencionado anteriormente, nas primeiras entrevistas que se faziam acompanhar pelo olhar controlador da orientadora pedagógica da instituição. As entrevistadas do colégio público mostraram-se tímidas ao falar no assunto. Algumas delas ainda não haviam tido a primeira experiência de namoro:

Nunca tive namorado. Já gostei de um garoto, mas não tenho coragem de namorar.

Outra jovem mencionou num tom de censura as novas modalidades do “ficar”. Rindo “nervosamente”, ela afirmou:

Uma garota ficou com 11 garotos numa festa à fantasia.

As percepções em torno do “ficar” sofreram transformações ao longo deste estudo, diferindo da definição proposta por Claudia Rezende — apresentada no primeiro capítulo desta dissertação. Em “Noites nômades”, Almeida e Tracy (2003:56) descrevem que atualmente os “beijos dos ‘ficantes’ (...) são mais longos e visualmente elaborados, parecendo mais destinados a capturar o próximo parceiro do que satisfazer o que já foi seduzido”. As autoras destacam uma cena deste tipo na qual a jovem mantinha os olhos abertos durante o performático beijo. Os olhos abertos perscrutavam não somente a repercussão do ato, mas também o próximo “ficante”. As amigas das primeiras “meninas” entrevistadas, por sua vez – as quais me refiro no capítulo 1 –

ficavam no divã lá da parada...com os rapazes da favela.

Ainda no colégio público, algumas falas afirmavam a importância da abordagem do tema sexualidade pelos pais, sobretudo com relação à prática do sexo seguro. Percebe-se, no entanto, que tratar deste tema com as mães ainda é algo pouco recorrente, o que

confirma os resultados da pesquisa de Heilborn segundo os quais “determinados assuntos são considerados inadequados entre gerações distintas e entre pessoas de sexo oposto” (Heilborn, 2005:48). A maioria das jovens relatou que, de fato, a sexualidade ainda prepondera como uma temática não abordada pelos pais. As jovens que namoram o mesmo rapaz, por um período longo, ou aquelas que mantêm uma vida conjugal, costumam distanciar-se da rede de amigas e compartilhar as conversas sobre sexualidade com seus parceiros.

Como mencionei anteriormente, a religião também configurou outra temática pouco desenvolvida durante as entrevistas realizadas. Três jovens afirmaram ser da religião católica, mas com muito pouco engajamento. Dentre elas, uma mencionou a participação no coral de sua paróquia. Ao entrevistar as “meninas”, por sua vez, não cheguei a propor essas questões para elas que, espontaneamente, tampouco mencionaram algo a respeito.

Para as jovens do colégio público, esporte e lazer eram, por vezes, experimentados conjuntamente. Como exemplo, foi mencionada a frequência à praia, opção de lazer que, simultaneamente, viabiliza a prática desportiva — no caso, a disputa de partidas de vôlei. A dedicação regular a uma atividade física foi, no entanto, muito pouco aludida. Somente uma dentre as jovens entrevistadas mencionou praticar natação e uma outra, – futebol.

A praia é, de fato, a opção de lazer mais difundida entre as jovens do colégio público — seguida do shopping, do cinema, do forró, do *hip-hop* e do baile *funk* — configurando um local de sociabilidade, do mesmo modo como aparece para algumas das “meninas” mencionadas. Alguns relatos evidenciam que, a partir da frequência à praia, as “meninas” consolidam amizades – com moradores da favela — passando, a partir de então, a frequentar os bailes *funk* em suas comunidades. Para estas jovens, as atividades levadas a

cabo durante o período das férias acabam não diferindo daquelas desenvolvidas durante o período letivo. Somente uma dentre elas relatou ter o hábito de viajar para a fazenda de um tio, no interior do estado da Bahia, no momento de interrupção das aulas.

No colégio privado, por sua vez, esporte e lazer são vivenciados com maior intensidade. O primeiro costuma ser praticado dentro e fora da instituição. Além das opções buscadas nas práticas consideradas de maior distinção — como a yoga, por exemplo — o lazer constitui-se por um leque variado de opções — desde a “Baronetti”, considerada uma *boite* muito cara, até noites na Lapa, forró, samba, pagode, *hip-hop*, baile *funk*, cinema, teatro etc. Devo ressaltar que estas últimas opções são as mesmas daquelas mencionadas pelas “meninas” ora em estudo. Com exceção da *boite* “Baronetti”, há uma confluência de escolhas no domínio do lazer entre as jovens de ambos os colégios, e como já ressaltara Gilberto Velho “a conjunção de esporte, música e novas formas de sociabilidade tem permitido, como já foi sugerido, maior contato entre pessoas de origens e meios sociais bastante diferentes” (2006:198).

Como já mencionado anteriormente, nas entrevistas realizadas nos dois colégios, eu estava em busca de um universo jovem supostamente próximo ao das “meninas” que foram para o Morro. Sendo o *funk* por elas considerado, a ponte entre os dois “mundos” em que transitavam, formular questões desta natureza às jovens posteriormente entrevistadas, parecia-me algo profícuo à análise ora realizada. Sem dúvida, há valores compartilhados por esses dois universos abordados. Porque as “namoradas de fé” — e aquelas que não o são — pertencem todas às camadas médias e populares, procurei destacar os enunciados sobre *funk* encontrados em ambas as instituições pesquisadas.

A discussão em torno do desempenho da mídia na divulgação dessas “histórias” perpassou todo esse estudo. Vimos que, por vezes, havia um super-dimensionamento na classificação social das “meninas”. A história de Sofia — apresentada no capítulo anterior — por exemplo, nos traz a experiência vivenciada por uma jovem moradora de Vila Valqueire. É bem provável que haja casos semelhantes entre tantas outras jovens moradoras do subúrbio do Rio de Janeiro. A própria Sofia mencionou uma amiga de escola — localizada em Madureira — que havia fugido de casa para namorar um traficante. É certo que o namoro de jovens da Zona Sul com pessoas deste perfil assume outras proporções, configurando um escândalo midiático não desprezível. O que não se deve perder de vista é que, embora tais “meninas” tenham sido formadas — integral ou parcialmente — em colégios privados, suas famílias exercendo profissões de prestígio, suas visões de mundo e estilos de vida são compartilhados, ao menos em parte se sem ambigüidades — com outros jovens cujos perfis mais facilmente se enquadrariam naquilo que tradicionalmente se entende por “camadas médias”.

A pergunta relativa ao *funk* tinha, no colégio privado, uma intenção específica. Por diversas vezes e em diferentes situações, eu havia escutado a afirmativa de que jovens de classe média alta, na fronteira com as elites “não freqüentariam bailes funk”. Numa direção contrária, outros enunciados declaravam a presença maciça das “patricinhas” em tais eventos. Como já vimos anteriormente, dependendo do contexto, tal categoria pode tanto assumir um tom acusatório, quanto um caráter distintivo. Sendo assim, a indagação relativa ao ritmo *funk* nos dois colégios, supostamente, contemplaria ambas as situações.

Gostar de baile *funk* — do ritmo ou da dança — inspirava colocações polêmicas ou, por vezes, até mesmo contraditórias. No colégio privado, duas jovens discutiam, por

exemplo, se a Tati Quebra-Barraco seria ou não uma feminista.¹²² Tais jovens eram Juliana, 16 anos, moradora do Jardim Botânico e Marina, 17 anos, moradora da Lagoa. Juliana assumia seu preconceito com relação a esse estilo musical, apesar de já ter ido – por insistência de amigas — a um baile no Morro Santa Marta, onde participava de um trabalho social, dando aulas de artes. Marina, ao contrário, afirmou gostar do estilo, respondendo à crítica de Juliana quanto às letras das músicas, com a seguinte observação “ninguém vai pra prestar atenção na letra, mesmo...”. Juliana defendia enfaticamente sua posição, explicando por que acredita que o ritmo funk faz tanto sucesso:

Eu acho que ele tem essa adesão, primeiro porque ele é violento; o modo mais direto de atacar as pessoas. O *funk* “escracha, mostra aquele retrato direto. O *funk* é, ele tá aí. Ele não tem mensagem nenhuma, ele é uma coisa da moda.

Após alguma querela, elas acabaram concluindo que a Tati Quebra-Barraco¹²³ “não quer fazer movimento nenhum”. Antes do consenso, no entanto, Juliana mencionou o modo como vê as críticas ao excesso de sexualização do *funk*:

A gente [é] que acha que é muito sexualizado. Sexo é como a comunidade vive. Onde famílias inteiras moram num cômodo e fazem sexo, onde pai e mãe fazem sexo na frente das crianças, desde que nasceram, isso é muito natural, é normal. Na mesma cama, várias vezes. Por que não falar, se eles estão vivendo? É a realidade deles!

¹²² As discussões acerca do caráter supostamente feminista atribuído às MCs teve seu ponto alto na polêmica entre as MCs Kátia e Nem e o Bonde dos Magrinhos. A música “Lanchinho da Madrugada”, composição do Bonde dos Magrinhos, enunciava: “Não compara com a de fé, tu é lanchinho da madrugada”. Com o embate travado por elas evidenciavam-se as “facções femininas” do *funk* do Rio: as amantes e as “de fé”. O show dessas funqueiras era marcado por “um duelo no palco, acompanhado fervorosamente pela platéia feminina” que entoava “Vida de cachorra”, respondendo: “Se liga, safadona (...) Eu não quero nem saber / Se você é de fé / Pois é a mim que ele procura / ele não larga do meu pé (...)”. Valeska dos Santos, da Gaiola das Popozudas, também resolveu dar a sua contribuição à querela, compondo a seguinte letra: “Homem que é homem pega a fiel, e a amante fica no sapatinho; não fica cheia de marra. Se a gente é lanchinho, você também está sendo lanchado”.

¹²³ Para a cineasta Denise Garcia, diretora do filme “Sou feia, mas tô na moda”, a “Tati representa a mulher sujeito” e procura mostrar no *funk* o lado feminino que contrasta com aquele da “mulher objeto” (2006).

Considero interessante analisar as diversas críticas à sexualização do *funk* e o enunciado acima citado, a partir do que Luiz Eduardo Soares propõe com relação à violência. Ao falar das formações subjetivas, da construção cultural, da estética de si e da estilização em um contexto de violência, Soares recomenda pensarmos em termos de “processos de socialização”. Nas palavras do pesquisador:

Quando nos reportamos à violência, estamos falando, portanto, de um estilo, de uma disciplina, e se estamos falando de disciplina, estilo, padrão, cultura e de uma linguagem, temos de pensar os processos de socialização e de reprodução dessas linguagens – afinal, sendo uma formação cultural, deveríamos poder descrevê-la e identificar algumas das suas regras, revelando sua gramática (...) As crianças são socializadas desde cedo em sua perversa disciplina (...) (Soares, 2006:126).

Outras jovens do colégio privado também mencionaram gostar de *funk*, tendo amigas que freqüentam os bailes em favelas, “lá em cima do morro”. Não aludiram, no entanto, ao fato de possuírem amigas que teriam namorado com rapazes oriundos destas localidades.

Ainda no colégio privado, formulei a seguinte questão: o que atrai no baile *funk*?

A música que te liberta, dá vontade de você dançar. É animado, é gostoso de soltar de vez em quando. Na hora que você dança, você não pensa na letra. Porque se você escuta, as letras são tão absurdas, horrorosas, né? A gente fica dançando letras absurdas, né? Que são horrorosas. Você se expõe ao ridículo. Se você parar pra pensar... Se você parar pra pensar. Não é a música que você chega em casa e você vai escutar; é animada e dá vontade de dançar.

Em meio a estas meninas, o ritmo também é enfatizado, tal como o havia feito Cláudia, na primeira entrevista mencionada neste trabalho. Rita – cuja entrevista também foi apresentada no primeiro capítulo – já havia chamado a atenção para o fato de se tratar de uma música que não se ouve em casa.

No colégio público, várias jovens afirmaram não gostar de baile funk. Mas por que não?

Por que não gosto? Não tem letra legal. Só palavrão.

Letras muito pesadas.

Natália – estudante do colégio público — se contradisse, recriminando severamente as jovens que freqüentam os bailes:

Não gosto de baile *funk*. As minhas amigas não vão. Uma vez, perguntei ao meu pai se podia ir ao baile *funk*. Ele simplesmente mudou de assunto. Não falou nada. Não me respondeu.

Acho que elas deviam se voltar mais pros estudos, porque quando elas vão num baile *funk*, elas se perdem muito. Elas não ligam muito pra vida delas. Agora, elas estão achando legal mas, amanhã, elas vão ver a consequência na vida delas. Não vão ter um bom trabalho, uma boa educação.

Outras jovens mencionaram gostar de *funk*, mas fizeram menção ao impedimento das mães:

Baile funk? Só matinê! Minha mãe não deixaria. Ela tem muito medo do mau caminho. Eu vou à matinê de *funk* em Copacabana, junto com a minha mãe.

Gosto de *funk*, mas minha mãe não deixa. Ela acha que é uma perdição. Vou no Pavão-Pavãozinho. Eu falo que vou na casa da minha amiga. O meu namorado gosta, mas não gosta de ir comigo. Eu gosto de ir com as minhas amigas. Tem muita ‘patricinha’.

Mas são “patricinhas” namorando bandidos?

Ih... Tem muita fumando, cheirando... Elas vão pro baile só pra isso. Ficam (sic) tudo doidona (...) 16/17 anos. Ficam se comendo ali mesmo. Elas ficam tudo alucinada, elas nem ligam que estão fazendo ali mesmo. Elas só querem pegar bandido. Porque eles andam tudo com arma. Eu acho que elas acham que eles vão dar dinheiro pra elas.

Conheço garota que namora com traficante. Daqui do colégio, não. Mas lá perto da minha casa, sim. Se conhecem desde pequenos, aí crescem e namoram.

Você é “patricinha”?

Não tenho nada contra, até gostaria de ser uma. Tem gente que tem dinheiro...

E eu. Sou “patricinha”?

Ah! Se você for lá, eles vão achar que você é.

Em ambas as situações – envolvendo as jovens que gostam de *funk* e aquelas que não gostam desse ritmo e até o censuram – percebem-se os níveis de “negociação da realidade” que foram acionados ou que expressavam conflitos, em maior ou menor grau. Gilberto Velho assinala que

Indivíduos de culturas ou mesmo meios sociais cujas existências se baseiem em premissas conflitantes podem não chegar a uma definição de realidade que permita minimamente sua coexistência, convívio e interação. (2003g:118).

De todo modo, a interferência da família buscando proibir as idas ao baile *funk* é marcante nas falas das “meninas” e daquelas entrevistadas nos dois colégios pesquisados. As primeiras, somente a princípio, sentiam-se diante de uma situação “exótica”. Muito rapidamente, verificava-se um compartilhamento de códigos com os jovens das favelas, evidenciando uma “negociação da realidade” sem muitos conflitos. Posteriormente, houve uma mudança com relação a isso, aspecto este que desenvolvo no primeiro capítulo desta dissertação. Algumas das jovens entrevistadas nos colégios, por sua vez, manifestavam curiosidade (e até mesmo desejo) de ir aos bailes mas, mesmo diante de um campo de possibilidades profícuo a novas experiências, acabavam optando por não fazê-lo. Outras dentre elas freqüentavam os bailes *funk*, sem, no entanto, deixar de operar uma “negociação da realidade” com a rede social mais ampla. Neste caso, a família não era mencionada, e

sim, outras jovens ou colegas que criticavam veementemente o ritmo e a hipererotização presente em tais eventos.

As discussões desencadeadas pela hipererotização observada nos bailes *funk*, ou ainda sobre o vestuário adotado por suas freqüentadoras, apontavam para questões relativas a gênero. A “cachorra” é um exemplo de figura ambígua nessas querelas, nas quais alguns de seus defensores enfatizavam seu aspecto “machista”, enquanto outros ressaltavam seu lado supostamente “feminista”. Tais argumentos colaboravam na compreensão dos valores instituintes destes universos jovens. Nesse sentido, a indagação proposta: “o que te move na vida?”, era acompanhada de maiores esclarecimentos sobre a sua finalidade, tornando-se interessante para o maior aprofundamento das discussões sobre gênero. A seguir, destaco a fala de uma jovem do colégio privado pelo diálogo que pode ser estabelecido com um dos enunciados de Cláudia – uma das “meninas” entrevistadas no primeiro capítulo.

“O que te move na vida”?

Engraçado, né? Eu quero trabalhar, quero ser independente, quero ter casa, (...) mas, desde muito pequena, pra mim é fundamental: eu sempre quis ser mãe. Pra mim é uma coisa que vai acontecer. Engraçado, né? Eu penso em muita coisa. Profissão, e o meu filho, meu filho... Uma pessoa do meu lado, e meu filho... [Rimos, eu e ela]. É um pensamento estranho, né? Mas... vale a pena ser mulher! [Mais risos e “tempo lógico”¹²⁴ da entrevista].

Tanto as narrativas das “meninas” que namoraram traficantes ou rapazes da favela, quanto as das estudantes entrevistadas nos colégios apresentavam elementos relativos às representações sobre gênero e à importância do papel da sexualidade e da reprodução no processo de individualização dessas jovens.

¹²⁴ Termo lacaniano para marcar o término da sessão psicanalítica.

Ao afirmar que “vale a pena ser mulher”, Juliana reproduz uma idéia bastante difundida na concepção de senso comum acerca da representação do feminino. Mas aqui, o enunciado refere-se não somente à dimensão cultural – atributo de gênero – em meio a qual ela exerceria a maternidade, como também à dimensão biológica que possibilitaria a gestação propriamente dita.

Cláudia afirmava que “mulher é assim” – no capítulo 1 – assumindo uma passividade supostamente reservada ao feminino. Seu discurso procurava enfatizar as diferenças de gênero. Tal enunciado contrapunha-se, por sua vez, ao suposto desfecho que se observaria, caso a “paixão” se desse entre um homem do “asfalto” e uma mulher do “morro”. Neste caso, o homem supostamente levaria a mulher para fora da favela — cometendo uma espécie de rapto, algo que permeia o imaginário atrelado ao gênero masculino. “A mulher é assim” porque ela aceitara ser uma mulher a mais, aparentemente passiva, em meio às outras mulheres do “bandido”? “Mulher de bandido”? Para este, por sua vez, o fato de ter várias mulheres também integra o imaginário em torno da representação do masculino: bandido pode ter várias mulheres! Enfim, ao gênero feminino cabe aceitar as condições estabelecidas para a “namorada de fé” ou para aquela que não o é. Desse modo, dissimula-se a questão do desejo, cuja agência é inegavelmente central neste tipo de relação. Tal questão – do desejo feminino – é analisada por Laura Moutinho ao abordar o “mito do negão”, presente nos relacionamentos afetivo-sexuais entre o homem “negro” e a mulher “branca” (2003). Para Heilborn, por sua vez, “os comportamentos sexuais e reprodutivos (...) só adquirem sentido pleno à luz da construção e das representações de gênero, ou seja, do modo como cada gênero representa a si próprio, o outro e a relação entre eles” (Heilborn, 2003:199).

As noções de “projeto” e “metamorfose” são importantes para refletirmos sobre esses enunciados que evidenciam a experiência de um sujeito em plena construção de sua identidade social. O “projeto” é conscientemente construído, tendo como base a motivação individual e, segundo Gilberto Velho, “lida com a performance, as explorações, o desempenho e as opções, ancoradas a avaliações e definições da realidade” (2003a:28). O trânsito entre distintas “províncias de significado” exige um “potencial de metamorfose” que engloba motivações outras — de outros indivíduos — e a capacidade de lidar com diferentes contextos em meio aos quais o indivíduo transita (Idem:28;29). Por trás do enunciado, “mulher é assim”, estava Cláudia, uma jovem ciente de seus desejos e que optou, no interior do campo de possibilidades em que opera, namorar com o traficante na favela — a despeito de não “tirá-lo de lá”, tal como supostamente faria um homem, na situação inversa. Para Juliana, a afirmação “vale a pena ser mulher” sustenta-se em seu desejo de “reproduzir-se”¹²⁵. Percebe-se, no entanto, que ambas as falas estão calcadas em concepções tradicionais sobre o feminino: enquanto uma alude ao aspecto tido como negativo de tal representação — o da mulher passiva —, o outro assenta-se sobre o aspecto supostamente positivo — mas negativo, do ponto de vista masculino — a mulher e suas infundáveis estratégias visando a reprodução.

¹²⁵ Expressão utilizada pelo professor Gilberto Velho em sala de aula.

Considerações Finais

A busca pelas “namoradas de fé” ficou marcada por alguns aspectos que retomo neste momento, a fim de sintetizar e demarcar as principais questões que surgiram ao longo do percurso da pesquisa. Recorro ao início de tudo. O motivo pelo qual me interessei pelo tema desta dissertação foi o fato de conhecer “meninas” — integrantes da minha própria rede social — que haviam namorado rapazes da favela — traficantes ou não. O primeiro ponto que desejo retomar diz respeito à imagem que as pessoas costumam fazer de um bandido. Paola — capítulo 1 — afirmava que sua atração pelo rapaz não passava por aí. Já Cláudia nos lembrava que:

Isso aí, é que a gente não sabe. Nunca me disse: vou ficar porque ele é bandido. É inconsciente. Você olha, vê alguma coisa diferente naquele cara.

Ainda que estivessem relatando experiências vivenciadas dez anos antes, as “meninas” ainda se perguntavam se os namorados, de fato, pertenciam ou não ao “movimento”. Duas razões podem ser cogitadas. Além do envolvimento emocional que muitas vezes vela os aspectos mais evidentes, sabe-se da existência de diferentes níveis de engajamento no tráfico, o que dificulta a delimitação da função realmente exercida por um determinado indivíduo. Além disso, as leituras realizadas pelas “meninas” podem sugerir, a exemplo de Sofia, que aquele que manda “não suja as mãos”.

Reconhecer ou não o namorado como um bandido integrou várias das experiências das “meninas”, mas sempre de maneira um tanto ambígua. Quando há envolvimento emocional, “o mendigo” se transforma em “rei,” tal como nos disse Ernesto, pai de Sofia,

no segundo capítulo desta dissertação. As “meninas”, por sua vez, transformam-se em “princesas”, como sugerem as falas de Paola e Sofia, além de inúmeros outros depoimentos colhidos aqui e ali. É preciso atentar, no entanto, para o fato de que a incerteza quanto ao envolvimento ou não com o tráfico revelasse um primeiro “condimento” de uma experiência posteriormente definida como uma grande aventura. Uns preferem “*bungee-jump*”¹²⁶ em busca de adrenalina, outros optam por “subir o morro”.¹²⁷ Para Simmel, a aventura faz parte da vida, mas em seu significado mais profundo, ocorre fora do domínio rotineiro da existência. Por vezes, chegamos mesmo a nos perguntar se aquilo, de fato, se deu conosco, como se fosse um outro a vivenciar tal experiência,¹²⁸ — o que talvez fosse o que Cláudia quisesse expressar na primeira entrevista que me concedeu.

(...) Era meio maluquice, eh [pausa] O que que passava na nossa cabeça, que a gente não ligava pra isso?

A ida ao baile do Leme proporcionava “uma noite como qualquer outra”, e assim era feita a escolha de ir a um evento “irado” com uma amiga que

(...) já freqüentava os bailes na favela [...] Ficava com umas pessoas de lá, uns carinhas de lá [pausa], no divã lá da parada [risos].

Os relatos mostram que as experiências vivenciadas pelas “meninas” tinham de “exótico” somente o suficiente para despertar seu interesse — depois tudo se tornava “normal”. A existência de mil casos deste tipo — tal como veiculava uma matéria impressa — parece, de fato, um dado exagerado. Mas também não foram tão poucos assim. No

¹²⁶ Termo cunhado nos anos 1990 que consiste em um “salto no vazio praticado de lugares altos (p.ex., uma ponte), com o saltador amarrado pelos pés numa corda elástica que o impede de se chocar contra o chão”.
Fonte: Dicionário Eletrônico Houaiss

¹²⁷ Depoimento da conselheira tutelar da Zona Sul, apresentado no capítulo 1 desta dissertação.

¹²⁸ Simmel, 1971c:188.

transcorrer deste estudo, notícias aqui e ali, ou amigas que conheciam ou se lembravam de um caso similar, atualizavam-me dos novos acontecimentos. Devo ressaltar, no entanto, que ficar a par de novas histórias não se converteu, necessariamente, na realização de novas entrevistas.

Passo, então, a descrever um dos aspectos mais determinantes para o percurso desta pesquisa, que me levou a elaborar a etnografia da etnografia. A trajetória do trabalho de campo acabou dando o tom desta dissertação, que optei narrar a partir das idas e vindas impostas pelas “meninas” e suas famílias. Para realizá-lo, tive dificuldades de ordens diversas, que atribuo a distintos fatores. Antes de mais nada, debruicei-me sobre uma experiência muito dolorosa e conflitante para as famílias e, posteriormente, para as jovens obrigadas a se separar daqueles que as tinham convertido – ainda que por um curto período – em “princesas”. Não posso deixar de relembrar a cena de tortura e assassinato presenciada por Sofia – filha de Ernesto. Uma cena assustadora, contada num bar em Madureira ao som do samba-enredo do Império Serrano. Como já havia dito na passagem em que menciono este episódio, tal relato me causou enorme impacto, e sempre fico algo atônita ao revisitá-lo. Além disso, tem-se conhecimento de histórias cujo desfecho culminou no assassinato das jovens. Algumas dessas histórias começaram com o uso de drogas e, posteriormente, com um envolvimento cada vez maior com o tráfico de drogas — tal como a história de Flávia, mencionada no capítulo 1.

Cenas violentas, jovens namorando traficantes — ou até participando, em algum nível, do tráfico de drogas — e famílias “estranhando aquela que voltava ao lar”¹²⁹ imprimiam nas histórias um lado misterioso e de difícil acesso. Viviam-se um verdadeiro

¹²⁹ Refiro-me ao texto de Schutz, “Aquele que retorna ao lar”, 1970:289-307. Ver, também, Simmel, “The Stranger”.

“drama social”¹³⁰ encenado na ruptura das jovens com os valores e “projetos”¹³¹ para elas transmitidos e idealizados por seus pais.

Sendo assim, as famílias que não queriam mais falar sobre o assunto, o faziam para preservar as jovens e elas próprias do estigma que inexoravelmente acompanha tal tipo de experiência. Ou ainda, já que agora “ela voltara ao normal”, havia o temor de que o simples fato de reviver a história pudesse “levá-la de volta para o mau caminho”. As famílias que aceitaram conceder-me uma entrevista esperavam contribuir com suas denúncias, mas sobretudo, buscavam nos meus dados empíricos, respostas para suas próprias experiências traumáticas.

Apesar de integrarem contextos muito diferenciados, aproximo alguns aspectos analisados por Pollak — em seu estudo sobre os sobreviventes dos campos de concentração que retornaram à Alemanha — de outros presentes nas experiências das “meninas”. Neste trabalho, Pollak descreve a atitude de silêncio sobre o passado, marcado por “lembranças traumatizantes, lembranças que esperam o momento propício para serem expressas”.¹³²

Na mídia impressa, tal silêncio era aparentemente rompido. Destaquei, contudo, como o “Dossiê Amor Bandido” apresentava relativa circularidade em suas reportagens, no sentido atribuído por Sánchez-Jankovski¹³³: várias versões em torno do mesmo tema. As matérias impressas freqüentemente enfatizavam a distância social, sobretudo ao uniformizar todas as “meninas” na categoria “jovens moradoras da Zona Sul do Rio de Janeiro” — colocação que não se sustenta, como nos mostra o exemplo de Sofia, uma jovem moradora do subúrbio do Rio de Janeiro. E ainda que o local de moradia fosse, de

¹³⁰ Turner, 1985.

¹³¹ G.Velho, 2003f.

¹³² Pollak, 1989:5.

¹³³ Sánchez-Jankovski, 1994:105.

fato, um bairro da Zona Sul — como encontrei registrado nos arquivos do Conselho Tutelar da Zona Sul — outros dados deixavam entrever tratarem-se de “meninas” cujas famílias de origem situavam-se na fronteira com as camadas populares. O fato é que as histórias não aconteciam somente com jovens de elite.

“Desejo”, “paixão”, “amor”; atração pelo perigo, pela aventura, pelo “exótico”. Estas dentre outras expressões revelam-se propulsoras das manifestações de individualidade das “meninas”. Ao vivenciarem novas experiências ou ultrapassarem limites, as jovens aqui estudadas efetuaram escolhas no interior do campo de possibilidades em que se movem — em contraposição às imagens que delas se faz: ora como desviantes, ora vitimizadas. Tais experiências também levaram a mudanças nas famílias com relação à sexualidade de suas filhas. Nesse caso, refiro-me, particularmente, à mudança de comportamento e atitude de Ernesto – pai de Sofia - sobre a aceitação de uma possível prática sexual de sua filha adolescente:

(...) mas a forma direita, correta.

Com relação à primeira experiência amorosa feminina, Bozon e Heilborn (2001) afirmam que a narrativa “é mais simples e geralmente mais positiva: trata-se de um discurso sobre uma relação que se situa na fronteira entre o sonho adolescente (príncipe encantado) e a realidade adulta pretendida (primeiro par)”.¹³⁴ A “namorada de fé” tem prioridade sobre as demais pelo que tem de mais convencional: o controle dos pais. A “menina”, para o jovem da favela, é sua “branquinha”. E desse modo, ela se insere na categoria “mulher difícil”: “eu nunca mais vou ter uma garota como você”, “você é linda e não pode pegar ônibus” — é a “princesa” que tem de ser preservada.

¹³⁴ Idem:117.

A “mulher misteriosa”, mencionada por Simmel na “Filosofia do amor”, caiu em desuso. Não afasto, no entanto, a influência de alguns dos elementos dessa idealização na escolha realizada pelo bandido. Para a “menina”, a feminilidade — esse “mistério” até para o gênero feminino — é sintetizada na mágica afirmação: “Você é minha princesa”. A partir da discussão realizada por Moutinho — apresentada no capítulo 2 — podemos imaginar que na “princesa” estaria o “desejo” que já antecipa a mulher na fase adulta — o que não se revela, simplesmente porque talvez se desconheça. Nesse sentido, percebe-se que tal relação apresenta uma configuração tradicional de gênero que, apesar da diferença de classe, não apresenta rupturas.

Tal aspecto também tem ressonância na idéia de “resistência da mulher e insistência do homem” que, segundo Bozon e Heilborn, “fazem parte do regime ideal das relações de gênero” (2001:115).

As escolhas exercidas pelas “meninas” em meio a um “campo de possibilidades” específico constituem um dos momentos centrais na construção social de um indivíduo. Sendo assim, os conflitos advindos de “projetos diferentes e contraditórios” eram os principais motivos de uma tensão constante entre as família e suas jovens — tensão esta relativa à hesitação entre deixar-se englobar pela família ou individualizar-se.

Neste trabalho, as relações afetivo-sexuais foram analisadas em seu vínculo com os processos de individualização. A partir das noções de “projeto” e “metamorfose” trabalhadas por Gilberto Velho, procurei destacar as atitudes motrizes das “meninas”,

relacionando-as aos contextos em que estavam inseridas e aos “projetos” dos demais atores envolvidos.¹³⁵ A este respeito, Gilberto Velho assinala que:

Os projetos individuais sempre interagem com outros dentro de um campo de possibilidades. Não operam num vácuo, mas sim a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos. Por isso mesmo, são complexos e os indivíduos, em princípio, podem ser portadores de projetos diferentes e contraditórios.¹³⁶

Nesse sentido, a publicização das histórias das “meninas” é reveladora de um outro aspecto, para além do puramente acusatório e/ ou estigmatizante. Tornar pública uma “aventura” afetivo-sexual poderia consistir, de alguma forma, uma estratégia de saída do “englobamento” familiar. A essa altura, o equilíbrio entre mudar e permanecer já havia sofrido alterações, bem como o processo de individualização já se havia desencadeado. Mas é preciso não esquecer que há sempre uma dimensão inconsciente nesses processos, para a qual Gilberto Velho freqüentemente atenta em suas análises.

Por outro lado, o silêncio e o segredo também poderiam configurar estratégias de preservação do “englobamento” familiar. Ou ainda, o segundo poderia atuar como uma espécie de preparo para uma individualização menos traumática.

Ao realizar as entrevistas, eu encontrava as famílias envoltas nesse “drama social” — no sentido atribuído por Turner — em sua fase compensatória e, portanto, evitava-se ao máximo a difusão da crise.¹³⁷ Entretanto, o sentimento de ter uma pessoa “estranha” em casa era algo marcante nesses relatos. Para Bozon e Heilborn:

É rompendo com o mito do “homem da sua vida” que as mulheres saem do “conto de fadas” ou da tradição para entrar em uma história de amor ativa, não escrita previamente. E é assim que retrospectivamente o indivíduo amado é

¹³⁵ G.Velho, 2004a.

¹³⁶ G.Velho, 2003b:46.

¹³⁷ Turner, 1985:41.

rebatizado como “primeiro amor”, ou mesmo “primeiro homem da vida”, o que indica que houve outros: a relação vivida com ele passa à condição de “experiência”.¹³⁸

Nas escolas, aproximei-me de uma mentalidade do universo jovem que talvez fosse o mais próximo ao das “meninas”. Observei, contudo, que a singularidade dessas jovens não podia ser reduzida a um quadro sociológico que levasse em conta exclusivamente a renda ou ocupação de seus pais.

A “namorada de fé”, mencionada nas entrevistas de Paola e Cláudia, no primeiro capítulo desta dissertação, refere-se a uma jovem de classe média, moradora de um bairro da Zona Sul que, em virtude da hora marcada para chegar em casa (dos pais), tem prioridade no “encontro” com o traficante. É ele quem a denomina “namorada de fé”. As “meninas” (uma auto-denominação), por sua vez, eram as outras jovens de classe média — também moradoras da Zona Sul — que “ficavam” com os traficantes.¹³⁹

A letra de uma música *funk*, no entanto, retrata a “namorada de fé” casada com o traficante, sugerindo que ela mora na favela e se opõe àquela denominada “Lanchinho da madrugada”.¹⁴⁰ Nesta pesquisa, infelizmente não me foi possível entrevistar nenhuma “namorada de fé”, mas tão somente algumas “meninas”. Não fora o tempo limitado para o desenvolvimento do estudo, e continuaria minha busca incansável... Como afirmei logo no início desta dissertação, as histórias das meninas têm diversos níveis de complexidade. No trabalho ora apresentado, me foi possível analisar somente algumas dentre as várias dimensões existentes. Considero extremamente interessante a perspectiva de prosseguir na trilha deste universo jovem, estudando suas representações e práticas nas relações entre

¹³⁸ Bozon e Heilborn, 2001:129.,

¹³⁹ A discussão mais detalhada a respeito desta categoria é realizada na apresentação desta dissertação.

¹⁴⁰ Composição do Bonde dos Magrinhos, apresentada em nota 122, do capítulo 3.

gêneros e aprofundando a temática relativa à construção das identidades masculina e feminina e às formas alternativas de escolha sexual.

Referências bibliográficas

ALVES, Andréa Moraes. “Mulheres, corpo e performance: a construção de novos sentidos para o envelhecimento entre mulheres de camadas médias urbanas”. In: Lys-de-Barros, Myirian (org.) **Família e gerações**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de & TRACY, Kátia Maria de Almeida. **Noites nômades**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquem de & CASTRO, Eduardo Batalha Viveiros de. “Romeu e Julieta e a origem do Estado”. In: Velho, Gilberto (org.) **Arte e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1977.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

BECKER, Howard S. **Outsiders: studies in the sociology of deviance**. New York: The Free Press, 1973.

BOZON, Michel & HEILBORN, Maria Luiza. “As carícias e as palavras”. **Novos Estudos**, 59:111-135, março 2001.

BOTT, Elizabeth. **Família e rede Social**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1976.

BOURDIEU, Pierre. **Les Héritiers: les étudiants et la culture**. Paris: Minuit, 1964

_____. “Esboço de uma teoria da prática”. In: Ortiz, R. (org). **“Sociologia”**. Cidade? Editora? , 1983, pp. 127-149.

CECCHETTO, Fátima Regina. “Galeras funk cariocas: os bailes e a constituição do ethos guerreiro”. In: Zaluar, Alba & Alvito, Marcos (orgs.). **Um século de favela**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

_____. **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

COELHO, Maria Claudia. “Jovens atores e jovens católicos: um estudo sobre metrópole e diversidade”. In: Velho, Gilberto (org.). **Individualismo e juventude**. Comunicação nº. 18. Rio de Janeiro: PPGAS/UFRJ. 1990.

_____. “Juventudes e sentimentos de vazio”. In: Almeida, Maria Isabel Mendes de & Eugenio, Fernanda (orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

CONSELHO Tutelar do Rio de Janeiro registra mil casos de jovens que fugiram de casa por causa do tráfico de drogas. **COAV – Crianças e jovens em violência armada organizada/VivaRio**, Rio de Janeiro, 22 abr. 2005. Disponível em <http://www.coav.org.br>. Acesso em 23 de maio 2005.

COUTINHO, Maria Lúcia Rocha. “Transmissão geracional e família na contemporaneidade”. In: Barros, Myriam Lins de (org.). **Família e gerações**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CRAPANZANO, Vincent. **Tuhami: portrait of a moroccan**. Chicago: The University of Chicago Press, 1985.

_____. “Estilos de interpretação e a retórica de categorias sociais”. In: Maggie, Yvonne & Rezende, Cláudia Barcellos (orgs.). **Raça como retórica: a construção da diferença**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, pp. 441- 458.

CSORDAS, T. “Introduction the body as representation and being-in-the-world”. In: _____. (org.) **Embodiment and experience. The existential ground of culture and self**. Cambridge: Cambridge University Press. 1994, pp.1-24.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. “Bonde do Mal: notas sobre território, cor, violência e juventude numa favela do subúrbio carioca”. In: Maggie, Yvonne & Rezende, Cláudia Barcellos (orgs.). **Raça como retórica: a construção da diferença**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, pp. 83-153.

DEBERT, Guita Grin. “A família e as novas políticas sociais no contexto brasileiro”. **Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares**, n.2, p.71-92, 2001.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1966.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. “Horizontes do indivíduo e da ética no crepúsculo da família”. In: Ribeiro, Y; Ribeiro, A.C.(Orgs) **Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira**. São Paulo: Editora Loyola, 1995.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**. São Paulo: Global, 2003.

_____. **Casa-Grande & Senzala**. São Paulo: Global. 2005.

FRY, Peter. “Prefácio”. In: Perlongher, N. **O negócio do michê: a prostituição viril**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1987.

GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de programa**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1985.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1975.

HEILBORN, Maria Luiza. **Conversa de Portão: juventude e sociabilidade em um subúrbio carioca**. Rio de Janeiro, PPGAS/ MN/ UFRJ. Dissertação de Mestrado, 1984.

_____. “A primeira vez nunca se esquece”. **Estudos Feministas**, 6(2):394-405, 1998.

_____. “Corpos na cidade: sedução e sexualidade”. In: Velho, Gilberto (org.) **Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. “Estranha no ninho: sexualidade e trajetória de pesquisa”. In: Velho, Gilberto & Kuschner, Karina (orgs.). **Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

HEILBORN, Maria Luiza *et alli*. “Unões precoces, juventude e experimentação da sexualidade”. In: Maria Luiza Heilborn *et alli* (org.). **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2005.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001 (CDROM).

LOURENÇO, André Luiz Correia. “Made in Japan: cultura nipônica como forma de socialização juvenil”. In: 30º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 2006. (CDROM).

MALINOWSKI, Bronislaw. “An ethnographic theory of language and some practical corrolaries”. In: **Coral Gardens and their magic**. London: George Allen & Unwin LTD., 1935 (vol II).

MAUSS, Marcel. “As técnicas do corpo”. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac& Naif, 2003a.

_____. “Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção do ‘eu’”. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac& Naif, 2003b.

MEDEIROS, Janaína. **Funk carioca: crime ou cultura?** São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2006.

MOUTINHO, Laura. **Razão, “cor” e desejo**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

NADER, L. “Up the anthropologist: perspectives gained from studying up”. In: Hymes, D (org.). **Reinventing anthropology**. New York: Random House, 1972.

NOTÍCIAS de uma guerra particular. Direção: João Moreira Salles; Kátia Lund. Rio de Janeiro: Vídeo Filmes, 1999. DVD.

NOVAES, Regina. “Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias”. In: Almeida, Maria Isabel Mendes de & Eugenio, Fernanda (orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

OLIVEIRA, J. C. **Terror e êxtase**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005 (1976).

PARK, Robert E. “News as form of knowledge”. In: **On social control and collective behaviour. Selected papers**. Chicago: The University of Chicago Press, 1967.

PEIRANO, Mariza. “A alteridade em contexto: o caso do Brasil”. In: **A teoria vivida e outros ensaios de antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. pp. 53-67. 2006.

PERALVA, Angelina. **Violência e democracia: o paradoxo brasileiro**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

PEREIRA, Cláudia da Silva. **Patricinhas da Zona Sul: um estudo sobre adolescência nas camadas médias cariocas**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ, 2003.

PERISTYANY, John. **Honra e vergonha: valores das sociedades mediterrâneas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

PICCOLO, Fernanda Delvalhas. **Sociabilidade e conflito no “morro” e na “rua”: etnografia de um centro comunitário em Vila Isabel - RJ**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro, PPGAS/ MN/ UFRJ, 2006.

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio”. **Estudos Históricos**, 2(3):3-15, 1989.

QUASE dois irmãos. Direção: Lúcia Murat. Taiga Filmes/Vídeo Filmes. Brasil, 2005.

RAMOS, Elsa. “As negociações no espaço doméstico: construir a ‘boa distância’ entre pais e jovens adultos ‘coabitantes’”. In: Lyns-de-Barros, Myriam (org.). **Família e gerações**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

REZENDE, Cláudia Barcellos. “Mágoas de amizades: um ensaio em antropologia das emoções”. **Mana. Estudos de Antropologia Social** 8(2):69-89, out 2002.

SALEM, Tania. “Homem ...já viu, né?: representações sobre sexualidade e gênero entre homens de classe popular”. In: Heiborn, Maria Luiza.. **Família e sexualidade**. Rio de Janeiro, FGV, 2004.

SÁNCHEZ-JANKOVSKI, Martín. “Les gangs et la presse: la production d’un mythe national”. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, 101/102:101-117, mars 1994.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SIMMEL, Georg. “The sociology of secrecy and of secret societies”. **The American Journal of Sociology**, XI(4):441-498, 1906.

_____. “Conflict”. In: **On individuality and social forms**. Chicago: University of Chicago Press, 1971a.

_____. "The Stranger". In: **On individuality and social forms**. Chicago: University of Chicago Press, 1971b.

_____. "The Adventurer". In: **On individuality and social forms**. Chicago: University of Chicago Press, 1971c.

_____. "Freedom and the individual". In: **On individuality and social forms**. Chicago: University of Chicago Press, 1971d.

_____. "Subjective Culture". In: **On individuality and social forms**. Chicago: University of Chicago Press, 1971e.

_____. "Eros, Platonic and Modern". In: **On individuality and social forms**. Chicago: University of Chicago Press, 1971f.

_____. "Group expansion and the development of individuality". In: **On Individuality and Social Forms**. Chicago: University of Chicago Press, 1971g.

_____. "Métropoles et mentalité". In: Grafmeyer e Joseph (orgs.). **L'École de Chicago: naissance de l'écologie urbaine**. Paris:Champs Flammarion, 2003.

SOARES, Luiz Eduardo Soares. "O futuro como passado e o passado como futuro: armadilhas do pensamento cínico e política da esperança". In: Almeida, Maria Isabel Mendes de & Eugenio, Fernanda (orgs). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

SOUTO, Jane. "Os outros lados do funk carioca". In: Vianna, Hermano (org.). **Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1997.

SPILLIUS, E. B. "Anthropology and psychoanalysis: a personal concordance". In: **The sociological review**. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.

TORRES, Anália. "Amor e Ciências Sociais". **Travessias: Revista de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa**, 4/5:páginas, 2004.

TURNER, Victor. **Dramas, fields and metaphors: symbolic action in human society**. London: Cornell University Press, 1964.

VALLADARES, L. P. **L'invention de la favela**. Habilitation à diriger des recherches – Préparée sous la direction du Professeur Yves Grafmeyer. Lyon II, Université Lumière, Faculté d'Anthropologie et de Sociologie, 2001.

VELHO, Gilberto. “Família e parentesco no Brasil contemporâneo: individualismo e projetos no universo de camadas médias”. **Interseções: Revista de Estudos Disciplinares**, n.2, p.45-52, 2001.

_____. **Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2002.

VELHO, Gilberto. “O estudo do comportamento desviante: a contribuição da antropologia social”. In: Velho, Gilberto (org.). **Desvio e divergência: uma crítica da patologia social**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2003a [1985], pp.11-28. .

_____. “Unidade e fragmentação em sociedades complexas”. In: **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2003b [1994], pp.11-30.

_____. “Trajetória individual e campo de possibilidades”. In: **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2003c [1994], pp.31-48.

_____. “Cultura popular e sociedade de massas”. In: **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2003d [1994], pp.63-70.

_____. “Sobre homens marginais”. In: **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2003e [1994], pp.77-83.

_____. “Memória, Identidade e Projeto”. In: **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2003f [1994], pp.97-105.

_____. “Destino e violência”. In: **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 2003g [1994], pp.114-131.

_____. “Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas”. In: **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2004a [1987], pp. 13-37.

_____. “Duas categorias de acusação na cultura brasileira contemporânea”. In: **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2004b [1987], pp.55-64.

_____. “Observando o familiar”. In: **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2004c [1987], pp.121-132. .

_____. “Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea”. In: Almeida, Maria Isabel Mendes de e Eugenio, Fernanda(orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

VELHO, Gilberto & ALVITO, Marcos. **Cidadania e violência**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/FGV, 1996.

VIANNA, Adriana. R. B. **Limites da menoridade: tutela, família e autoridade em julgamento**. Tese de doutorado, Rio de Janeiro, PPGAS/ MN/ UFRJ, 2002.

VIANNA, Hermano. **Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais**. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ, 1997.

_____. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro: Zahar Editora,1988.

_____. “Não quero que a vida me faça de otário! Hélio Oiticica como mediador cultural entre o asfalto e o morro”. In: Velho, Gilberto & Kuschner, Karina (orgs.). **Mediação, cultura e política**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2001, pp.29-60.

WACQUANT, Loic. **Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relume & Dumará, 2002.

Matérias publicadas em jornais:

ADOLESCENTE é resgatada em favela. **Jornal Extra**, Rio de Janeiro, p.10, 27 dezembro 2005.

ANTUNES, Laura. “Amores bandidos na vida de 20 jovens cariocas”. **Jornal O Globo**. Rio de Janeiro, p.21, 24 abril 2005.

COELHO, Camilo. “Jovem da Barra leva 3 tiros no Morro da Coroa”. **Jornal O Globo**. Rio de Janeiro, p.16, 24 maio 2006.

CUNHA, Vânia. “Jovens, ricos e traficantes”. **Jornal O Dia**. Rio de Janeiro, p.16, 2 fevereiro 2006.

GAZZANELO, Marcello. “Polícia prende elo entre CV e PCC: Traficante aliciava meninas”. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, p.13, 21 julho 2006.

LAGES, Christine. “Amor bandido: Carregamento de peso”. **Jornal O Dia**. Rio de Janeiro, p.20, 6 novembro 2005.

LAGES, Christine & JÚNIOR, Jamir. “Amor bandido: Jovens seduzidos pelo crime”. **Jornal O Dia**. Rio de Janeiro, p.3, 4 novembro 2005.

LAGES, Christine. “Amor bandido: Volta para casa após cadeia”. **Jornal O Dia**. Rio de Janeiro, p.3, 3 novembro 2005.

LAGES, Christine & JÚNIOR, Jamir. “Amor bandido: Gêmeas flagradas com drogas”. **Jornal O Dia**. Rio de Janeiro, p.3, 2 novembro 2005.

LAGES, Christine. “Amor bandido: Mauricinhos na favela”. **Jornal O Dia**. Rio de Janeiro, p.3, 25 abril 2005.

LAGES, Christine & FORTUNA, Roberta. “Amor bandido: Caso secreto com traficante”. **Jornal O Dia**. Rio de Janeiro, p.3, 24 abril 2005.

LAGES, Christine; FORTUNA, Roberta & SAIGG, Mahomed. “Amor bandido: Funk, drogas e sexo na favela”. **Jornal O Dia**. Rio de Janeiro, p.3, 19 abril 2005.

LEMONS, Nina. “Vida de cachorra”. **FolhaOnline**. São Paulo, 6 março 2005. Disponível em <http://www.folha.uol.com.br>. Acesso em 12/04/2006.

MAGALHÃES, Maria Inez. “Farsa desmascarada”. **Jornal O Dia**. Rio de Janeiro, p.15, 10 agosto 2006.

MENEZES, Bruno & LAGES, Christine. “Amor bandido: Papo de gringa com funkeira”. **Jornal O Dia**. Rio de Janeiro, p.18, 14 maio 2005.

MENEZES, Bruno & LAGES, Christine. “Amor bandido: Sem papas na língua”. **Jornal O Dia**. Rio de Janeiro, p.15, 14 maio 2005.

MONTEIRO, Flávia. “Policiais resgatam jovem em festa *rave*”. **Jornal O Globo**. Rio de Janeiro, p.24, 1º. maio 2005.

NUNES, Marcos. “Namoradas de Pedro Dom podem ser indiciadas”. **Jornal O Globo**. Rio de Janeiro, p.15, 17 setembro 2005.

PATRICINHA passa Natal no Fubá. **Jornal Meia Hora**, Rio de Janeiro, p.7, 27 dezembro 2005.

PERNAMBUCO, Marcos. “Jovem que fugiu com namorado para favela é achada pela polícia”. **Jornal O Globo**. Rio de Janeiro, p.17, 27 dezembro 2005.

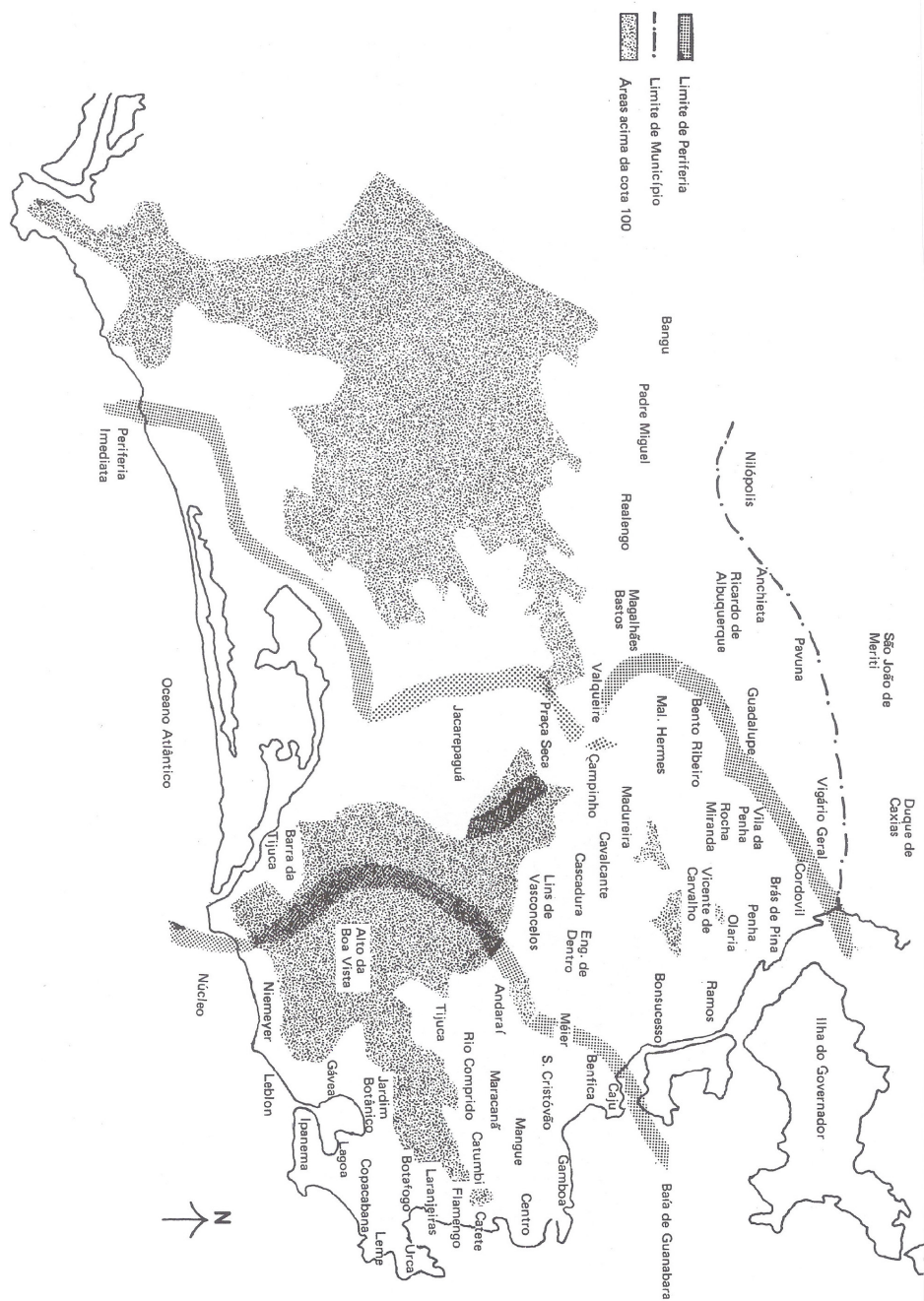
PERNAMBUCO, Marcos. “Escortada de volta para casa”. **Jornal Extra**. Rio de Janeiro, p.16, 27 dezembro 2005.

PRESO jovem que atirou em namorada por ciúme. **Jornal O Globo**. Rio de Janeiro, p.20, 10 agosto 2006.

RICOS, bonitos, educados, mas traficantes. **Jornal O Dia**. Rio de Janeiro, p.16, 2 fevereiro 2006.

WERLANG, Flávia & ALVES, Patrícia. “Polícia sobe morros atrás de jovens aliciadas”. **Jornal O Globo**. Rio de Janeiro, p.34, 30 abril 2005.

WERLANG, Flávia. “Polícia localiza outra adolescente de classe média que fugiu para favela”. **Jornal O Globo**. Rio de Janeiro, p.15, 2005.



Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)